

**A AMEAÇA DO
FUNDO DO MAR**
John Wyndham

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

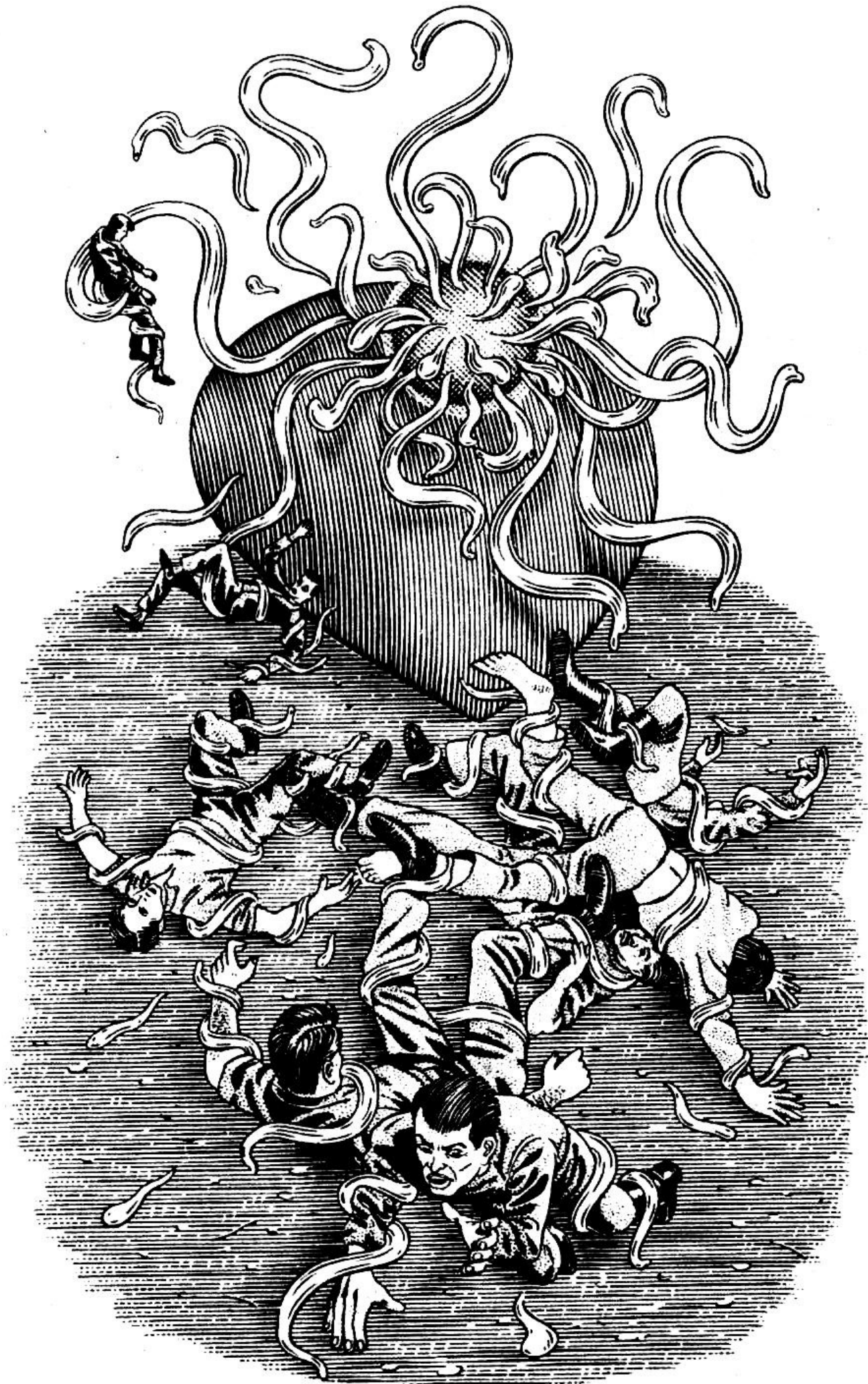
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOHN WYNDHAM

**A AMEAÇA
DO FUNDO
DO MAR**

Tradução de Alfredo B. Pinheiro de Lemos
Título original: THE KRAKEN WAKES



FASE 1

Sou uma testemunha digna de crédito, você é uma testemunha digna de crédito, todos os filhos de Deus são praticamente testemunhas dignas de crédito, na avaliação de cada um — por isso é que se torna engraçado surgirem tantas idéias diferentes sobre um mesmo caso. Acho que as únicas pessoas que concordam plenamente nos detalhes do que viram na noite de 15 de julho somos Phyllis e eu. E como Phyllis é minha esposa, as pessoas dizem, à sua maneira bondosa de falar pelas costas, que eu a “convenci”, um pensamento que só poderia passar pela cabeça de quem não conhece Phyllis.

Mas vamos aos fatos. O tempo: 11:15 horas da noite. O local: latitude trinta e cinco graus, cerca de vinte e quatro graus a oeste de Greenwich. O navio: o Guinevere. A ocasião: nossa lua-de-mel.

Estes fatos ninguém contesta. O cruzeiro levara-nos a diversos lugares, Madeira, Canárias, Ilhas de Cabo Verde, virando depois para o norte, a fim de que visitássemos os Açores na volta para casa. Phyllis e eu estávamos inclinados na amurada, respirando um pouco de ar marinho. Do salão vinha o som de uma orquestra de danças e a voz melosa de um cantor suspirando por alguém. O mar se estendia à nossa frente como uma planície sedosa ao luar.

O navio navegava tão suavemente como se estivéssemos num rio.

Em silêncio, contemplávamos a imensidão do mar e do céu. E o cantor insistia em seu lamento.

— Fico satisfeita por não me sentir como ele — comentou Phyllis. — Deve ser terrível. Por que será que se continuam a produzir em massa esses gemidos lúgubres?

Não tinha uma resposta pronta, mas foi-me poupado o trabalho de tentar encontrar uma, pois a atenção de Phyllis foi desviada para outra coisa.

— Não acha que Marte está parecendo um pouco zangado esta noite? Só espero que não seja mau presságio.

Olhei, surpreso, para o ponto vermelho que ela apontava e que se destacava entre miríades de pontos brancos. É claro que Marte sempre teve um aspecto avermelhado, mas nunca o vira tão vermelho quanto naquele momento. Por outro lado, é forçoso reconhecer, as estrelas, vistas da cidade, não eram tão brilhantes como ali. Talvez a causa fosse o fato de estarmos, praticamente, nos trópicos.

— Está mesmo um pouco inflamado — admiti.

Ficamos olhando para o ponto vermelho e foi Phyllis quem rompeu o silêncio:

— É engraçado. Parece que está aumentando de tamanho.

Expliquei que se tratava certamente de uma distorção ótica causada pelo fato de estarmos olhando fixamente para aquele ponto. Continuamos a olhar e Marte foi ficando cada vez maior, não sendo mais possível atribuir o fenômeno a uma ilusão de ótica. E o mistério não era só esse, pois Phyllis logo observou: — Há outro ponto vermelho ao lado. E é fora de dúvida que só existe um planeta Marte.

E havia mesmo um ponto vermelho menor, um pouco acima e à direita do primeiro.

— E há mais outro. Ali à esquerda, está vendo?

Phyllis estava certa outra vez. Quando observou o terceiro objeto vermelho, o primeiro já brilhava tanto que se tornara a coisa mais visível em todo o firmamento, sobressaindo-se entre tudo mais. — Devemos estar vendo os rastros luminosos de alguns jatos — sugeri.

Ficamos observando os três objetos, cada vez mais brilhantes e baixando no firmamento, até pairarem no horizonte quase paralelos ao mar, projetando uma trilha avermelhada em nossa direção.

— São cinco agora — disse Phyllis.

Muitas vezes, desde então, pediram-nos que descrevêssemos os objetos, mas acho que não somos dotados da mesma precisão de vista que outras pessoas. O que dissemos na ocasião e em que ainda continuamos a insistir é que os objetos não possuíam uma forma visível. O centro era bem vermelho e ao redor havia uma espécie de felpa em tons mais claros. A melhor comparação que consigo fazer é a seguinte: em meio a um espesso nevoeiro, uma lanterna vermelha bem forte acesa, o halo difuso ao seu redor. O efeito era mais ou menos este.

Outros passageiros estavam agora debruçados na amurada e devo dizer, para fazer justiça, que muitos viram objetos em forma de charutos, cilíndricos, ovais e, como era inevitável, de discos. Nós não vimos nada disso. E o que é mais, não vimos oito, nove ou dez objetos: vimos exatamente cinco.

Talvez os pontos vermelhos brilhantes fossem os rastros de aviões a jato. Se fossem, porém, não deviam estar em grande velocidade, pois cresciam muito lentamente ao se aproximarem do navio.

Tanto é assim que vários passageiros tiveram tempo de ir chamar os amigos no salão e logo a amurada ficou toda ocupada, as pessoas contemplando o misterioso fenômeno e fazendo suposições.

Sem termos noção da escala, não podíamos julgar o tamanho e a distância. Tudo o que podíamos ver é que desciam lentamente, descrevendo um arco longo que iria levá-los a um ponto qualquer na esteira do nosso navio.

Quando o primeiro objeto bateu no mar, uma grande coluna de água elevou-se ao céu, num vermelho forte. Imediatamente surgiu em seu lugar uma cortina de vapor que perdera a coloração vermelha, pairando como uma nuvem branca ao luar. Estava começando a se dissipar quando o silvo agudo nos alcançou. No local do impacto a água borbulhou, ferveu, ficou cheia de espuma. Quando a nuvem de vapor finalmente se dissolveu, nada havia para se ver além de uma mancha de turbulência rapidamente diminuindo.

E então o segundo objeto caiu no mar, do mesmo jeito, quase no mesmo lugar. Um a um os outros objetos foram caindo no mar, espalhando água e levantando uma cortina de vapor. E quando o vapor finalmente se dispersou, só restavam no mar alguns pontos de águas agitadas.

A bordo do Guinevere a atividade era intensa: os sinos tocavam, as máquinas roncavam na súbita mudança de curso, a tripulação ia encaminhando os passageiros para os escaleres, distribuíam-se cintos salva-vidas.

Por quatro vezes navegamos lentamente de um lado para o outro na área em que os objetos haviam caído, procurando alguma coisa. Não havia vestígio de nada. Em nossa esteira o mar estava tranqüilo, banhado pelo luar, vazio, sem nada a perturbá-lo...

Na manhã seguinte enviei meu cartão ao comandante do navio. Naquela ocasião eu trabalhava na E.B.C. e informei que gostaria de entrevistá-lo a respeito do incidente da noite anterior. O

comandante deu a resposta usual: — Como? B.B.C.?

A E.B.C. era então relativamente nova. As pessoas, acostumadas ao longo monopólio do ar inglês pela B.B.C., acham difícil aceitar a idéia de uma rede eletrônica de comunicação concorrente.

Talvez as coisas fossem mais simples, se no início das nossas atividades um gênio qualquer não tivesse pensado em estabelecer propositadamente a confusão, batizando-nos com o nome de “English Broadcasting Corporation”. À medida que o tempo passa é mais difícil desfazer um erro inicial e por isso sempre tenho que explicar, como fiz aquele dia ao comandante, que a nossa rede não é a do governo e sim particular, a maior, por sinal, que havia no país.

— A grande preocupação da nossa rede — declarei após as explicações iniciais — é a precisão nas notícias. Como cada passageiro possui uma versão diferente do acontecimento de ontem, gostaria de cotejar a minha versão pessoal com a que o senhor apresentará oficialmente.

— Muito bem, comece contando a sua versão dos acontecimentos.

Quando acabei, ele mostrou-me o registro que fizera no diário de bordo. Concordávamos em quase tudo, no número de objetos (cinco) e na impossibilidade de atribuir-lhes uma forma definida.

Os cálculos que fizera sobre o tamanho, velocidade e posição eram altamente técnicos, além do meu alcance. Observei que os objetos haviam sido assinalados pelas telas de radar e eram descritos, a título precário, como aeronaves de um tipo desconhecido.

— E qual a sua opinião pessoal? Já tinha visto antes algo semelhante?

— Não, esta foi a primeira vez.

O comandante pareceu hesitar e fiquei esperando. Ele então acrescentou:

— Mas em caráter não oficial posso informar que ouvi falar em duas ocorrências praticamente iguais no ano passado. Na primeira eram três os objetos e caíram à noite. Da outra vez eram seis e caíram de dia. Apesar da luz do sol, a descrição foi a mesma, uma espécie de clarão vermelho. As duas aconteceram no outro lado do mundo, no Pacífico.

— Mas por que é uma informação não oficial?

— Porque nos dois casos havia apenas duas ou três testemunhas. Conhece muito bem a fama dos homens do mar e não seria bom para a minha reputação falar de coisas estranhas que não tenham confirmação plena. Por isso essas histórias são divulgadas apenas entre nós, pois não somos tão céticos quanto as pessoas que vivem em terra. Aqui, em alto mar, de vez em quando ainda acontecem coisas bem estranhas.

— Poderia sugerir alguma explicação?

— Preferiria não fazê-lo, atendo-me exclusivamente ao registro no diário de bordo. Desta vez não há problema algum em informar a ocorrência do incidente, porque houve mais de cem testemunhas.

— Acha que vale a pena fazer uma busca mais intensa? O local em que os objetos caíram está devidamente registrado e os mergulhadores poderiam investigar...

— A profundidade aqui é muito grande, mais de quatro mil metros.

— Nos outros casos também não houve o menor vestígio de destroços?

— Não. Bastariam algumas evidências para que se procedesse a uma investigação, mas infelizmente não houve nenhuma.

Conversamos mais um pouco, mas não consegui fazer com que formulasse nenhuma teoria. Finalmente me retirei e escrevi a reportagem, entrando depois em contato com Londres e ditando-a para um gravador da E.B.C. Foi transmitida na mesma noite, à falta de outra notícia mais importante, apenas como um fato singular. Não se esperava que pudesse despertar a atenção maior de ninguém.

Foi assim, por mero acaso, que me tornei testemunha dos acontecimentos desde o início — apesar de

todas as minhas investigações, não encontrei outros fenômenos idênticos anteriores, a não ser os dois a que o comandante aludira. Mesmo hoje, anos depois, embora tenha certeza absoluta de que este foi o começo de tudo, não posso apresentar provas concretas de que aquele acontecimento estivesse relacionado com os outros semelhantes e com o que aconteceu a seguir. Prefiro não pensar muito sobre o desenlace final. Não gosto nem de sonhar a respeito, embora os sonhos estejam fora do meu controle.

Mas tudo começou de forma irreconhecível. Teria sido diferente se as coisas fossem mais óbvias — e mesmo assim é difícil imaginar o que poderíamos efetivamente ter feito se reconhecêssemos o perigo imediatamente. O reconhecimento do perigo e sua prevenção nem sempre caminham juntos. Reconhecemos imediatamente o perigo potencial da fissão atômica — e pouco pudemos fazer a respeito.

Se tivéssemos atacado imediatamente, talvez as coisas pudessem ser diferentes. Mas até que o perigo fosse identificado, não tínhamos meios de saber que devíamos atacar logo de uma vez. E, quando o fizemos, já era tarde demais.

Não adianta, porém, chorar as oportunidades perdidas. Meu objetivo, aqui, é fazer um breve relato dos acontecimentos que levaram à situação atual. Os fatos iniciais foram esparsos, fragmentados...

No prazo esperado, o *Guinevere* atracou em Southampton, sem que seus passageiros assistissem a outros fenômenos estranhos. O incidente fora memorável. Era como se, algum dia, pudéssemos contar aos nossos netos que víramos uma serpente marinha em nossa viagem de lua-de-mel. Sob todos os pontos de vista, fora uma lua-de-mel maravilhosa, como eu nunca pudera imaginar.

Contemplávamos o burburinho no cais, debruçados na amurada, quando Phyllis expressou a mesma opinião, acrescentando porém: — Só que não vejo razão para não termos de vez em quando outra lua-de-mel igual.

Desembarcamos e fomos direto para a nossa casa em Chelsea. Na segunda-feira de manhã apresentei-me nos escritórios da E.B.C. e descobri que, *in absentia*, fora rebatizado com o nome de Watson “Bola-de-Fogo”, por causa da reportagem que enviara de bordo do navio. Entregaram-me um envelope cheio de cartas — como eu as provocara com a minha notícia, o assunto era todo meu. Uma das cartas aludia a um incidente nas Filipinas, que identifiquei como sendo um dos que o comandante do *Guinevere* me contara. Mais umas duas pareciam merecer uma investigação — especialmente a carta bastante cautelosa em que o autor me convidava a encontrá-lo no *La Plume d’Or*, onde pelo menos valeria a pena pelo almoço excelente que servem.

Compareci ao encontro uma semana depois. Ele era apenas dois ou três anos mais velho do que eu e confessou logo de saída que escrevera a carta sob um nome falso, pois na verdade era Tenente-Aviador da R.A.F.

— Devo admitir que minha atitude não é inteiramente desprezada. No momento consideram que sou espécie de alucinação, mas, se surgirem provas suficientes que indiquem que os pontos vermelhos que vi não se tratam de alucinação, é quase certo que passarão a tratar de tudo como um segredo oficial. Reconheço que os caminhos oficiais são complicados, mas é assim que são e nada se pode fazer.

Concordei em que não havia outro jeito de escapar ao emaranhado do pensamento oficial e ele continuou: — Independente disso, porém, a coisa me preocupa bastante. E, se está reunindo provas a respeito do mistério, gostaria de fornecer-lhe as informações que tenho... embora não para uso oficial, pois não gostaria de que meu nome entrasse em cena.

Aceitei a condição e ele começou a contar-me o incidente de que fora protagonista:

— Aconteceu há cerca de três meses. Eu estava realizando uma das nossas patrulhas aéreas regulares a cerca de trezentos quilômetros a leste de Formosa...

— Não sabia que nós...

— Há muitas coisas que não são divulgadas, embora não sejam particularmente secretas. Mas deixe-me continuar. Durante o vôo, o radar registrou a presença desses estranhos objetos, quando ainda estavam longe do meu campo de visão, mas aproximando-se rapidamente a oeste.

Ele resolveu investigar e subiu para interceptar os objetos. O radar continuou a registrar a presença de objetos voadores, num curso em linha reta atrás e acima dele. Ele tentou entrar em contato pelo rádio, mas não obteve resposta alguma. Quando chegou à altitude máxima que o avião comportava, os objetos finalmente surgiram à sua frente. Eram três pontos vermelhos, bastante brilhantes até mesmo à luz do dia, em alta velocidade, que pôde medir porque seu avião se deslocava a quase oitocentos quilômetros por hora. Tentou novamente entrar em contato pelo rádio, outra vez sem sucesso. Os objetos continuaram em seu caminho, alcançando-o em pouco tempo.

— Ora, eu estava ali para patrulhar. Disse à base que eram aparelhos de um tipo inteiramente desconhecido (se é que eram mesmo aparelhos) e que achava que devia atacá-los, já que não haviam respondido às minhas comunicações pelo rádio. Ou assim agia ou os deixava ir embora. Neste caso tinha que perguntar que tipo de patrulha era aquela. A base concordou com a minha sugestão, embora me aconselhando a que fosse cauteloso.

“Tentei outro contato pelo rádio, mas eles não deram a menor atenção, parecendo também que não se interessavam pelo meu avião. Quando se aproximaram mais, fiquei em dúvida se eram de fato aparelhos: eram exatamente como você os descreveu, uma mancha vermelha redonda, com um ponto mais intenso ao centro. Pelo que eu podia ver, poderiam perfeitamente passar por sóis em miniatura. De qualquer maneira, quanto mais os via, mais ficava preocupado, por isso liguei as armas ao controle do radar e fiquei esperando.

“Os tais objetos deviam estar a uma velocidade superior a mil e duzentos quilômetros horários quando passaram por mim. Um segundo ou dois depois o radar fixou o que vinha à frente e as armas dispararam.

“O objeto pareceu explodir quase no mesmo instante do disparo. Foi uma tremenda, explosão. O ponto vermelho ficou de tamanho descomunal, a cor mudando para rosa e logo depois para branco, embora ainda restassem alguns pequenos pontos vermelhos. Foi então que meu avião se chocou com a área de concussão, provavelmente sendo atingido também por alguns fragmentos do estranho objeto. Perdi a noção das coisas por alguns segundos. Tive muita sorte. Ao recuperar-me, descobri que estava perdendo altitude rapidamente. Alguma coisa arrancara três quartos da minha asa de estibordo e danificara a ponta da outra. Concluí que estava na hora de acionar o ejetor, o qual, para a minha surpresa, funcionou perfeitamente .

Ele fez uma pausa, pensativo.

— Não sei se a minha história lhe traz alguma informação adicional, além de confirmar os outros relatos. Dois pontos, porém, podem ser destacados: os objetos podem viajar muito mais depressa do que aqueles que você viu e, o que quer que sejam, são altamente vulneráveis .

Foram estas exatamente as informações adicionais que ele me prestou. Ao analisarmos o acontecimento em detalhes, ele declarou também que o objeto não se desintegrava em fragmentos. Explodia completamente ao ser atingido. Esse último detalhe deveria ter dado em que pensar na ocasião, mas ninguém deu a importância que merecia.

Nas semanas seguintes chegaram diversas outras cartas relatando muitas ocorrências do fenômeno. Mas, à medida que o tempo passava, o caso parecia transformar-se numa repetição enfadonha do Monstro do Lago Ness. Todas as informações que chegavam eram encaminhadas a mim, porque na E.B.C.

consideravam que histórias de bolas de fogo eram a minha especialidade. Diversos observatórios confirmaram terem visto pequenos corpos vermelhos viajando em alta velocidade, fenômeno que não conseguiam explicar e que os deixava surpresos. Eram, porém, muito reservados em suas declarações, cautelosos em excesso. Nenhum jornal tocava no assunto, achando o caso suspeito como o dos discos voadores, convencidos também de que os leitores preferiam outras novidades. Não obstante, informações e incidentes foram lentamente se acumulando — embora se passassem dois anos antes que despertassem a atenção e merecessem uma ampla divulgação.

A primeira notícia de destaque foi sobre um vôo de treze objetos. Uma estação de radar ao norte da Finlândia foi a primeira a registrá-los, calculando a velocidade em dois mil e quinhentos quilômetros por hora. Seguiam na direção sudoeste. Ao transmitirem a informação, os finlandeses disseram tratar-se de “objetos aéreos não identificados”. Os suecos também captaram sua passagem pelo país, localizando-os visualmente e descrevendo-os como pequenos pontos vermelhos. A Noruega confirmou a passagem, mas informou que a velocidade era inferior a dois mil e duzentos quilômetros por hora. Uma estação escocesa disse que a velocidade baixara para mil e seiscentos e que eram visíveis a olho nu. Duas estações na Irlanda também viram os objetos, a velocidade reduzida a mil e duzentos quilômetros por hora, na direção sudoeste, bem nítidos no céu. Um navio meteorológico, navegando pelo norte, forneceu uma descrição detalhada dos objetos que combinava com as das bolas de fogo anteriores, calculando que estavam a uma velocidade de oitocentos quilômetros por hora. Depois disso, não foram mais vistos.

Começou então um verdadeiro dilúvio de informações sobre as misteriosas bolas de fogo. As notícias eram muitas, vindas de toda parte, não havendo possibilidade de analisar detidamente cada uma. Assim, as que demonstravam excesso de imaginação eram postas de lado e eu examinava apenas as mais sérias. Notei que muitas revelações sobre a queda das bolas de fogo eram iguaizinhas à minha primeira reportagem, que talvez tivesse inflamado a imaginação de gente que nada vira. Era um emaranhado tão grande de suposições, impressões, invenções e ouvi-dizer que, no conjunto, pouca coisa mais pude acrescentar ao que já sabia.

Um fato, no entanto, surpreendeu-me: nenhum dos observadores vira uma bola de fogo descendo em terra. E há mais: nenhuma fora avistada, ao cair no mar, de uma praia; os observadores estavam sempre em navios em alto mar ou a bordo de aviões.

Por duas semanas continuaram incessantemente os relatos sobre a queda dos misteriosos objetos, sempre em grupos, grandes ou pequenos. Os cétricos começaram a mudar de opinião e somente os mais obstinados continuavam a insistir em que se tratava de alucinação coletiva. Mas não se conseguia descobrir mais nenhum fato a respeito, nada de novo, nem ao menos uma fotografia. Era como as coisas que nos acontecem quando estamos desarmados.

Mas veio o dia em que um bando de bolas de fogo deparou com um camarada armado — e fortemente.

O camarada, neste caso, era o porta-aviões norte-americano Tuskegee. O navio estava ao largo de San Juan de Porto Rico quando recebeu uma mensagem de Curacao informando que oito bolas de fogo estavam indo em sua direção. O comandante ficou esperando que os misteriosos objetos cometessem uma violação do espaço aéreo do seu país e preparou-se devidamente. As bolas de fogo, mantendo o padrão habitual, vinham numa trajetória reta que as faria passar por cima da ilha e cair quase em cima do porta-aviões.

O comandante observou a aproximação pelo radar, na maior satisfação. Esperou até o último momento, quando era indiscutível a violação do espaço aéreo. Determinou então que fossem disparados seis mísseis teleguiados, a intervalos de três segundos. Foi para a ponte e ficou observando o céu escuro.

Pelo binóculo, viu quando seis pontos vermelhos mudaram de cor ao explodirem, um depois do outro,

transformando-se em bolas de fumaça branca.

— Pronto, está acabado — comentou o comandante tranqüilamente. — Agora só quero ver quem vai esperar.

Enquanto falava, os dois pontos vermelhos restantes desapareciam rapidamente em direção ao norte.

Mas os dias se passaram e ninguém esperneou. E também não houve uma diminuição na queda das bolas de fogo.

Muitas pessoas começaram a achar que esta política de silêncio apontava única e exclusivamente para um lado — e por dedução concluíram que era o responsável por tudo.

Na semana seguinte, duas bolas de fogo descuidadas o bastante para passarem ao alcance da estação experimental de Woomera pagaram caro por sua temeridade. Outra bola de fogo foi explodida pelo canhão de um navio que navegava ao largo de Kodiak.

A bola havia acabado de sobrevoar o Alasca.

Washington enviou uma nota de protesto a Moscou sobre as repetidas violações do seu espaço aéreo. A nota terminava lamentando as medidas drásticas adotadas em alguns casos, manifestando o pesar pela dor causada às famílias dos tripulantes. Afirmava, porém, que a responsabilidade não era dos que eliminavam os aparelhos invasores e sim daqueles que os enviaram em suas missões, transgredindo os acordos internacionais.

Depois de alguns dias de preparação, o Kremlin emitiu uma nota de rejeição ao protesto. Afirmava que não estava impressionado com a tática de atribuir a outro os próprios crimes e declarava que as novas armas desenvolvidas pelos cientistas russos para a defesa da paz haviam destruído mais de vinte aparelhos sobre o território soviético. E concluiu que, sem a menor hesitação, daria o mesmo tratamento a qualquer outro aparelho surpreendido em sua tarefa de espionagem..

A situação continuou sem uma solução. O mundo não soviético estava dividido, de um modo geral, em duas classes: os que acreditavam em todos os pronunciamentos russos e os que não acreditavam em nenhum. Os primeiros não tiveram a menor dúvida, nada questionaram, pois possuíam uma fé inquebrantável.

Para os segundos, no entanto, a interpretação não era tão fácil.

Devia-se supor que o pronunciamento inteiro era uma mentira? Ou simplesmente acreditar que os russos estavam exagerando, pois na verdade só tinham destruído cinco ou seis aparelhos em vez dos vinte que declaravam?

Durante meses se arrastou essa situação nervosa, marcada por uma constante troca de notas. Não havia a menor dúvida de que as bolas de fogo eram agora mais numerosas, embora não se pudesse afirmar com certeza em que proporção. De vez em quando chegavam notícias de mais destruição de aparelhos, em diversas partes do mundo. O Kremlin volta e meia anunciava a destruição das bolas de fogo capitalistas, que haviam recebido as penalidades que esperavam todos os que realizavam missões de espionagem no território da única e verdadeira Democracia Popular.

O interesse público precisa ser constantemente alimentado com fatos novos para se manter vivo. E, à medida que o tempo passava e nenhuma novidade surgia, o público passou a desinteressar-se das bolas de fogo.

Não obstante, no Almirantado e no quartel-general da Força Aérea, de quase todos os países do mundo, as notas, os relatórios e as informações foram reunidos e examinados. Todas as trajetórias conhecidas foram traçadas nos mapas e aos poucos foi surgindo um padrão definido.

Na E.B.C., eu continuava a ser considerado como o depósito natural de todas as informações a respeito das bolas de fogo. Embora o assunto não fosse mais notícia, eu mantinha os arquivos em dia, para o caso de reviver imprevistamente. E, sempre que recebia alguma informação que julgava de interesse, passava-a para as autoridades.

Um dia fui convidado para ir ao Almirantado e conhecer as conclusões a que as autoridades já tinham chegado.

Fui recebido pelo Capitão Winters, que me explicou inicialmente que os fatos e conclusões que me seriam apresentados não constituíam a rigor um segredo oficial, embora fosse preferível que não as divulgasse. Quando concordei com a premissa, ele começou a mostrar-me uma série de mapas e gráficos.

O primeiro foi um mapa-múndi riscado de linhas finas, todas numeradas e datadas. Ao primeiro olhar dava impressão de uma teia de aranha aplicada em cima do mapa, havendo alguns pontos em que a concentração de linhas era grande, assemelhando-se ao covil da aranha que tecera a rede.

O Capitão Winters pegou uma lente de aumento e colocou-a em cima da área a sudeste dos Açores.

— Aqui está a sua primeira contribuição.

Pude então ver um ponto vermelho com o número 5 em cima e o dia e a hora em que eu e Phyllis, debruçados na amurada do Guinevere, vimos as bolas de fogo desaparecerem numa nuvem de fumaça. Havia outros pontos vermelhos na mesma área, todos datados e numerados, muitos mais aparecendo na direção nordeste.

— Cada um desses pontos representa a queda de uma bola de fogo, Capitão?

— De uma ou mais. As linhas, é claro, representam a trajetória somente daquelas cujo curso conseguimos determinar. O que acha disso?

— A minha primeira impressão é que já caíram muito mais bolas de fogo do que eu imaginava. A segunda é verificar que elas parecem concentrar-se em determinadas áreas.

— Agora dê um passo para trás e cerre um poucos os olhos. O que está vendo?

— Parece que existem algumas áreas de grande concentração... — Exatamente. São cinco áreas principais: a sudoeste de Cuba, a mil quilômetros das Ilhas Cocos, no Oceano Indico, ao largo das Filipinas, do Japão e das Ilhas Aleutas. Talvez haja outras áreas de grande concentração como estas, mas não se pode ter certeza. Observe, por exemplo, que várias trajetórias vão acabar numa área a nordeste das Falklands, onde existem apenas três pontos vermelhos. É provável que isso tenha ocorrido apenas por haver poucas pessoas naquela região que pudessem observar a queda das bolas de fogo. Mas não há nada mais que o surpreenda?

Sacudi a cabeça, sem perceber o que ele estava querendo mostrar-me. Ele pegou então uma carta batométrica e colocou ao lado do mapa-múndi.

— Todas as concentrações são em áreas de grande profundidade?

— Exatamente. Quase não há descidas em áreas com profundidade inferior a seis mil metros e não houve absolutamente nenhuma onde a profundidade fosse menos de quatro mil metros.

Fiquei pensando nesta informação, sem chegar a nenhuma conclusão.

— Mas... e daí?

— É o que queremos saber. E daí?

Ficamos durante algum tempo calados, como a ver se descobríamos a resposta. Depois o Capitão Winters fez outra observação: — Só há registros da queda dos objetos, nenhuma notícia de algum que tenha emergido à tona d'água.

Ele mostrou-me depois os mapas em escala maior das cinco áreas principais de concentração. Examinamo-los lentamente e depois indaguei:

— Já têm alguma idéia do que significa tudo isso, ou será que ainda não pode revelar?

— Quanto à primeira parte da pergunta, confesso que já formulamos uma série de teorias, todas insatisfatórias. Assim, a segunda parte não vem ao caso.

— E os russos têm alguma coisa a ver com isso?

— Absolutamente. Estão até mais preocupados do que nós, pois suspeitam, como sempre, que os capitalistas estão por trás de tudo, mas simplesmente não conseguem entender qual possa ser a jogada. Mas tanto eles como nós estamos convencidos de que não se trata de um fenômeno natural e que não há a menor possibilidade de os objetos estarem caindo ao acaso.

— E não há a possibilidade de um outro país qualquer estar lançando os objetos?

— Nenhuma. Quanto a isso, não há a menor dúvida. Ficamos contemplando os mapas em silêncio, até que falei: — A pergunta que surge então é sobre o que pretendem os objetos .

— Isso mesmo.

— Quer dizer então que não há a menor pista?

— Eles caem, talvez depois vão embora. Mas só temos certeza de que eles caem. E nada mais.

Olhei novamente para os mapas, para as linhas que se entre-cruzavam e as áreas pontilhadas de vermelho.

— E estão tomando alguma providência para investigar o assunto mais detidamente? Ou será que isto é segredo?

— É exatamente por isso que está aqui. Eu já ia chegar lá. Vamos tentar efetuar uma investigação mais ampla. Neste momento não é uma notícia para ser divulgada oficialmente nem extra-oficialmente, mas alguém deve acompanhar a expedição a fim de fazer um relato completo, que será útil inclusive para nós. Assim se a E.B.C. estiver interessada em enviá-lo como seu representante, com o equipamento necessário...

— E aonde iríamos, Capitão?

Ele apontou para uma das cinco áreas principais.

— Isso é ótimo. Minha esposa sempre foi apaixonada pelo sol tropical, principalmente o das Antilhas.

— Não me havia esquecido — observou o Capitão — que sua esposa costuma escrever excelentes roteiros para documentários.

— E tenho a impressão de que esta é a espécie de reportagem que a E.B.C. lamentaria profundamente perder — concluí entusiasmado.

Somente depois que o navio estava em alto mar é que nos permitiram ver o imenso aparelho guardado numa armação especial na popa. A retirada da lona que o cobria, ordenada pelo oficial no comando das operações técnicas de investigação, foi quase uma cerimônia solene. Mas o mistério revelado era quase como um anti-clímax: o aparelho era apenas uma esfera de metal, com cerca de três metros de diâmetro.

Possuía diversas aberturas circulares, cobertas de vidro, como se fossem vigias. Na parte superior havia uma grande protuberância. Depois de contemplar o aparelho por alguns segundos, em silêncio, como uma mãe orgulhosa, o oficial começou a falar-nos como se estivesse dando uma aula.

— Este aparelho que estão vendo agora é o que chamamos de batiscópio.

Fez uma pausa para que todos pudessem admirar o aparelho. — Mas não foi Beebe... ? — sussurrei para Phyllis.

— Não, o dele era a batisfera.

— Ahn!

— Foi construído — continuou o oficial — para resistir a pressões de uma tonelada por dois centímetros quadrados e meio, o que nos permite mergulhar, teoricamente, a dois mil e setecentos metros de profundidade. Não pretendemos, porém, ir além de dois mil e duzentos metros o que nos garante uma margem razoável de segurança. Mas mesmo esta profundidade leva-nos a superar amplamente o feito do Dr. Beebe, que chegou a novecentos metros, e o de Barton, que desceu a mil e quatrocentos metros...

Ele prosseguiu durante algum tempo batendo na mesma tecla. Enquanto isso, sem conseguir compreender plenamente os detalhes técnicos que ele descrevia, comentei com Phyllis as profundezas enormes que o aparelho poderia alcançar e, olhando para o batiscópio, fiz uma ressalva: — Só não estou entendendo uma coisa: o camarada lá do Almirantado, o Capitão Winters, disse-me que os objetos haviam caído em áreas com profundidades superiores a quatro mil metros.

Interrompi então a dissertação do oficial e perguntei: — Qual a profundidade da área que é o nosso objetivo?

— Estamos indo para um lugar conhecido como a Fossa Cayman, entre a Jamaica e Cuba. Em alguns pontos chega a ter seis mil metros de profundidade. Este é o nosso limite atual para efetuar observações visuais diretas. No entanto...

Ele fez uma pausa e acenou para um grupo de marinheiros, como se participasse de uma conjuração, aguardando que eles re-movessem a lona de cima de outra esfera semelhante à primeira, mas menor, antes de continuar:

— ... aqui está um novo instrumento com o qual esperamos poder realizar observações a uma profundidade duas vezes superior à que é atingida pelo batiscópio, talvez até mais. É um instrumento inteiramente automático que registra as pressões, as correntes, temperatura e outros dados técnicos, transmitindo-os para a superfície. Está também equipado com cinco câmaras de televisão, quatro na horizontal em relação à superfície e uma focalizando tudo o que está acima da esfera.

Outra pausa. Com voz empostada, alguém imitou o oficial e disse em tom de brincadeira:

— Este instrumento que estão vendo tem o nome de tele-banheira. A brincadeira não poderia fazer com que um homem controlado como o oficial perdesse a calma, por isso ele continuou imperturbável em sua dissertação. O fato, porém, é que o instrumento fora batizado e aquele passou a ser o nome com que todos o chamavam.

Os três dias depois da nossa chegada ao objetivo predeterminado foram usados para testes e ajustamentos dos dois aparelhos.

Phyllis e eu demos um mergulho de cem metros no batiscópio, apenas para que pudéssemos “ter a sensação”. O resultado foi concluirmos que nada havia para se invejar nas pessoas que fossem efetuar um mergulho mais profundo. Realizados todos os testes, anunciou-se a descida real para a manhã do quarto dia.

Pouco depois do amanhecer, reunimo-nos em torno do batiscópio. Os dois técnicos que iam tripulá-lo na descida, Wiseman e Trant, entraram no aparelho pelo buraco estreito que servia de porta. As roupas que precisavam usar para se protegerem do frio nas profundezas foram entregues depois, pois não poderiam espremer-se pelo buraco se as tivessem vestido antes. Passaram depois, pela abertura, os pacotes de alimentos e as garrafas térmicas com bebidas quentes de que iriam precisar. Eles realizaram os testes finais no aparelho e informaram que estava tudo em perfeitas condições.

Encaixaram então o gancho do guindaste na protuberância que havia na parte superior do batiscópio, torcendo depois para que não houvesse a menor possibilidade de desprender-se. O guindaste foi acionado e o batiscópio lentamente levantado. Depois o guindaste se virou e o aparelho ficou suspenso sobre o mar, balançando suavemente. Um dos homens em seu interior ligou a câmara de televisão manual e aparecemos na tela, vistos do interior da esfera.

— Muito bem — disse uma voz pelo alto-falante — podem iniciar a descida.

O guindaste começou a rodar e o batiscópio foi descendo lentamente, levantando um pouco de água ao bater na superfície e em poucos segundos desaparecendo da nossa vista.

A descida foi lenta e não pretendo descrevê-la em detalhes.

Vista pela tela de televisão a bordo do navio, era um espetáculo dos mais enfadonhos para um não iniciado. A vida no mar parece ter camadas bem definidas de existência. O nível mais profusamente habitado está repleto de plâncton, que parece uma permanente tempestade de areia, impedindo que se veja qualquer coisa, à exceção das criaturas submarinas que se aproximam bastante das câmaras. Nos outros níveis não há plâncton — e, como existe menos alimento, portanto, existem também menos peixes. A visão da paisagem limitada pela escuridão e o fato de a câmara estar continuamente se movendo, provocando as conseqüentes distorções da imagem, provocavam uma sensação de quase vertigem. Assim, Phyllis e eu passamos quase todo o tempo da descida de olhos fechados, confiando em que o alto-falante nos informaria quando houvesse alguma coisa interessante para olhar. De vez em quando subíamos ao convés, para fumar um cigarro .

Não podia ter havido um dia melhor para a descida. O sol batia forte na coberta do navio, sobre a qual se jogava ocasionalmente um pouco de água, para que não ficasse excessivamente quente.

A bandeira no mastro principal estava caída, sem a menor brisa para enfuná-la. O mar se estendia perfeitamente calmo até o horizonte, encontrando-se com um céu claro onde só algumas nuvens surgiam ao longe, ao norte, provavelmente sobre Cuba. O silêncio era quase total, interrompido apenas pelo som abafado das vozes dos tripulantes do batiscópio no alto-falante instalado na sala de reuniões do navio, o zunido do guindaste e um marinheiro que ia lendo os registros de profundidade, a intervalos regulares.

Os homens na sala de reuniões quase não falavam, limitando-se a ouvir o que diziam Wiseman e Trant.

Volta e meia o comandante indagava: — Está tudo bem aí embaixo?

As duas vozes respondiam ao mesmo tempo: — Está sim, senhor.

Alguém perguntou:

— Beebe, ao descer, possuía uma roupa térmica?

Ninguém parecia saber.

— É frio aqui embaixo — disse um dos homens. — Se não tinha, é preciso então que lhe tiremos o chapéu.

O comandante olhava para a tela e ao mesmo tempo examinava os painéis de controle.

— Estamos chegando a oitocentos metros de profundidade. Verifiquem.

— Pois não, senhor. Estamos quase lá... setecentos e sessenta... setecentos e setenta... setecentos e noventa... oitocentos metros, senhor.

O guindaste continuou a baixar o batiscópio. Não havia muita coisa para se ver. De vez em quando alguns peixes passavam em frente às câmaras, desaparecendo na escuridão. Um dos homens queixou-se:

— Assim que elevo a câmara para uma janela, um peixe enorme aparece na outra.

— Estão passando agora a marca de Beebe, descendo além dos novecentos metros — informou o comandante.

— Adeus, Beebe — disse um dos tripulantes do batiscópio. — Mas continua tudo igual, não houve a menor alteração.

Logo depois a mesma voz acrescentou: — Olhem, há mais peixes por aqui. Uma porção de lulas, grandes e pequenas. Não as devem, provavelmente, estar vendo. Mas há outra coisa mais além, um pouco depois do ponto mais distante em que os nossos projetores alcançam. É bem grande. Não sei o que é, talvez uma lula gigante. Não, essa não! Não pode ser uma baleia, a esta profundidade!

— É improvável, mas não impossível — disse o comandante.

— A coisa agora sumiu. Fico impressionado como nós, mamíferos, somos capazes de ir a toda parte.

Algum tempo depois o comandante anunciou: — Estão passando agora a marca alcançada por Barton. Daqui em diante é tudo com vocês, rapazes. Têm certeza de que está tudo bem aí? Se não estiver, basta avisarem.

— Estamos muito bem, senhor. Tudo funciona perfeitamente. Vamos continuar.

Lá em cima, na coberta, o guindaste continuava a funcionar com um zunido firme e constante.

— Estão chegando agora a mil e seiscentos metros — anunciou o comandante.

Depois de atingirem o novo recorde, o comandante voltou a indagar:

— E agora, o que acham?

— Como está o tempo aí em cima?

— Ótimo. Mar calmo, quase nenhuma onda.

Os dois homens no batiscópio conferenciaram por alguns instantes.

— Vamos continuar, senhor. Podem passar-se semanas antes que surjam condições tão boas quanto hoje.

— Está certo, se é realmente o que desejam.

— É sim, senhor.

— Perfeito. Então vão descer mais oitocentos metros.

Houve um longo intervalo de silêncio e depois um dos homens lá embaixo observou: — Nada há por aqui. Uma escuridão total e absolutamente vida alguma. Nada há para ser visto. É engraçado como as camadas do mar são bem distintas umas das outras. Mas agora já estão recomeçando a aparecer algumas formas de vida lá embaixo... Acho que são lulas, outra vez... peixes luminosos... Estão vendo os pequenos cardumes mais adiante? E ali... Meu Deus! Que bicho horrível!

Ele parou de falar e um peixe horrendo, um verdadeiro pesadelo, olhou para nós pela tela de televisão.

— Um dos momentos de descuido da natureza — comentou o tripulante do batiscópio.

Ele continuou a falar e a câmara seguiu mostrando algumas monstruosidades inacreditáveis, grandes e pequenas.

Pouco depois o comandante anunciou: — Está na hora de parar. Chegaram a dois mil e quatrocentos metros.

Pegou o telefone e ligou para a coberta. O guindaste foi diminuindo a velocidade, até cessar de todo.

— Muito bem, rapazes, acabou.

— É, comandante — disse a voz lá de baixo — mas terminamos não encontrando o que viemos procurar.

O comandante não demonstrou a menor emoção. Não sei se esperava algum resultado tangível, imagino que não. A dizer a verdade, nenhum de nós esperava. Afinal, os misteriosos objetos tinham caído nas profundezas do oceano e a razão nos dizia que só encontraríamos alguma coisa em lá chegando. Com o sonar informando que o fundo do mar ainda distava cerca de cinco quilômetros do ponto em que Wiseman e Trant estavam suspensos, era de se esperar mesmo que nada descobrissem.

— Vocês aí no batiscópio — disse o comandante. — Vamos começar a puxá-los agora. Estão prontos?

— Tudo pronto, senhor.

O comandante pegou o telefone e ordenou aos homens na coberta que começassem a içar o batiscópio. Logo voltamos a ouvir o zunido suave do guindaste.

— Já estão subindo. Está tudo bem?

— Tudo, senhor.

Durante dez minutos ninguém falou. E foi então que uma voz disse:— Há alguma coisa lá fora. É bem grande e não consigo vê-la direito. Está um pouco além do raio de alcance dos nossos refletores. Não deve ser outra vez aquela baleia... não a esta profundidade. Vou tentar mostrar o que é.

A imagem na tela de televisão era indistinta mais depois se foi firmando. Podíamos ver os raios de luz cortando a escuridão do fundo do mar e mostrando pequenos organismos brilhando. Além do raio da luz havia uma sombra escura, embora não se pudesse estar muito certo de que se tratava mesmo de alguma coisa.

— Parece que nos está circulando. Estamos também balançando um pouco. Vou tentar pegar uma imagem melhor da coisa. Estão vendo agora? Decididamente não é uma baleia.

Desta vez conseguimos ver uma imagem melhor da coisa.

Dava a impressão de ser oval, embora os seus contornos fossem indefinidos. Era impossível calcular as dimensões, pois não havia nenhum ponto de referência.

— Não há dúvida de que deve ser uma espécie desconhecida. Talvez pertença à família das tartarugas. O bicho é de um tamanho monstruoso. Está-nos circulando mais perto agora, mas não consigo observar nenhum detalhe. Sobe junto conosco, estão vendo?

A câmara mostrou outra vez a imagem da coisa ao passar por uma das vigias do batiscópio, mas não fomos capazes também de chegar a nenhuma conclusão, pois os contornos eram por demais indefinidos.

— Está subindo agora, mais depressa do que a gente. Está saindo do nosso ângulo de visão. Devia haver uma portinhola no alto deste batiscópio... Sumiu agora. Foi para algum lugar acima de nós. Talvez tenha...

A voz calou-se de súbito. Ao mesmo tempo houve um clarão na tela de televisão, cujas imagens desapareceram também de vez.

O zunido do guindaste lá fora alterou-se um pouco, a velocidade repentinamente aumentando.

Ficamos sentados por algum tempo, olhando um para o outro, sem nada dizermos. A mão de Phyllis procurou a minha e apertou-a com força.

O comandante estendeu a mão em direção ao telefone, mudou de idéia no meio do caminho e preferiu deixar a sala, em silêncio. A velocidade do guindaste era cada vez maior.

Leva algum tempo para se enrolar quase dois quilômetros de um cabo grosso. O grupo na sala de reuniões do navio dispersou-se constrangido. Phyllis e eu fomos para a proa e lá ficamos esperando, em silêncio.

Depois do que nos pareceu uma longa espera, a velocidade do guindaste diminuiu e, num acordo tácito, fomos juntos para a popa. Finalmente a ponta do cabo emergiu. Eu esperava vê-la desfiada, parecida com uma escova, tendo arreventado depois de submetida a uma tremenda tensão.

Mas não fora isso o que acontecera. A extremidade do cabo se derreteria, submetida a um calor intenso, o mesmo tendo acontecido com a cabo mais fino do sistema de comunicações, formando uma bola de metal fundido.

Ficamos olhando para aquilo, em silêncio, aturdidos.

No fim da tarde o comandante leu a oração de funeral e três salvas foram disparadas no local.

O tempo continuava firme e o mar era um espelho. No dia seguinte, ao meio-dia, o comandante convocou uma reunião. Parecia doente, exausto. Em poucas palavras, anunciou incisivamente: — Tenho ordens para continuar as investigações, usando os nossos instrumentos automáticos. Se conseguirmos providenciar tudo e os testes forem concluídos a tempo, se as condições climáticas continuarem favoráveis, realizaremos a operação amanhã pela manhã, começando assim que clarear.

Na manhã seguinte, na sala de reuniões, o esquema era diferente do dia anterior. Sentamo-nos diante de cinco telas de televisão, quatro para as câmaras fixadas paralelas ao horizonte e a quinta fixando tudo o que acontecia acima do aparelho. Havia também, na sala, uma câmara de cinema, filmando simultaneamente as cinco telas de televisão, para o registro necessário dos acontecimentos.

Ficamos observando a descida através das diversas camadas do oceano. Desta vez não recebíamos os comentários de tripulantes, chegando até nós uma série de grunhidos ásperos e estridentes, captados por microfones instalados na parte externa do aparelho. O mar profundo, em sua camada mais habitada, aparentemente está cheio de sons horripilantes. Assim, foi de certa forma um alívio quando os alto-falantes silenciaram na profundidade de quatrocentos metros. Alguém comentou: — E diziam que esses microfones eram capazes de resistir a qualquer pressão...

O espetáculo continuou. As lulas desfilavam diante das câmaras, cardumes afastavam-se nervosamente, outros se aproximavam movidos pela curiosidade — eram bichos monstruosos, grotescos, criaturas horrendas de contornos indefinidos. E o aparelho descendo cada vez mais: mil e quinhentos metros, dois mil metros, três mil metros, quatro mil metros. Surgiu então uma coisa estranha nas telas, de forma oval, que circulou o aparelho, quase indistinta por se manter além do raio de alcance dos refletores. Durante três ou quatro minutos circulou o aparelho, atraindo todas as atenções em cada uma das telas em que aparecia, ficando sempre longe, de tal forma que não se podia ter certeza nem quanto à sua forma oval. Depois, gradativamente, as telas mostraram a coisa subindo, até desaparecer por completo.

Meio minuto depois as telas de televisão ficaram completamente às escuras...

Por que não devemos elogiar a própria esposa? Phyllis escreveu uma excelente reportagem sobre os acontecimentos, uma das melhores que já fez em sua vida. Só lamento é que não tenha tido a acolhida

imediatamente que merecia.

Enviamos-la para o Almirantado a fim de receber a devida aprovação. Uma semana depois fomos convocados para uma reunião. Foi o Capitão Winters quem nos recebeu. Cumprimentou Phyllis pela reportagem — e creio que estava sendo sincero, mesmo sendo evidente em seu rosto a admiração súbita pela minha esposa. Depois que nos ajeitamos em nossas cadeiras, ele sacudiu a cabeça pesarosamente.

— Mas receio que terão que guardá-la, sem divulgar, por algum tempo.

Phyllis mostrou-se bastante desapontada, o que era compreensível. Esforçara-se ao máximo na reportagem. Não por causa do dinheiro, mas porque desejava que fosse um tributo aos dois homens, Wiseman e Trant, que haviam desaparecido no batiscópio.

Ela olhou para as unhas, desolada.

— Sinto muito, mas eu já tinha avisado a seu marido que talvez a reportagem não pudesse ser divulgada imediatamente.

Phyllis encarou-o então:

— Por quê?

Eu também estava querendo saber dos motivos. Minhas reportagens sobre os preparativos e a breve descida do batiscópio também haviam sido censuradas.

— Vou tentar explicar até onde posso. Acho que merecem pelo menos uma explicação.

O Capitão Winters apoiou os cotovelos nos joelhos e entrelaçou os dedos, inclinando-se em nossa direção.

— O ponto crucial do problema, e acho que há muito já sabem disso, são os cabos derretidos. A imaginação hesita e se assusta diante de uma criatura capaz de cortar um cabo grosso de aço com uma mordida, embora possamos até admitir a possibilidade. Mas a imaginação simples recua ante a possibilidade de uma criatura capaz de cortar um cabo de aço com o que parece ser uma chama de acetileno. Neste momento, não só recua como rejeita a possibilidade.

“Os dois viram o que aconteceu com aqueles cabos de aço e acho que devem concordar que o estado em que ficaram abre uma perspectiva inteiramente nova no caso. Um acidente desses não pode decorrer exclusivamente dos riscos de um mergulho a grande profundidade. Por isso é que, antes de permitirmos a divulgação de qualquer notícia à respeito, queremos conhecer mais fatos.

Conversamos mais um pouco sobre o assunto. O capitão mostrou-se compreensivo mas firme — recebera ordens expressas.

— Capitão Winters, tem alguma idéia sobre a causa provável do rompimento daqueles cabos de aço? Pode falar francamente, pois nada publicaremos.

Ele sacudiu a cabeça, solenemente.

— Oficial ou extra-oficialmente, Sra. Watson, devo confessar que não tenho a menor idéia... e acredito que em toda a Marinha não existe ninguém que possa aventar uma hipótese aceitável.

E assim, com a publicação das histórias proibida até permissão especial, fomos embora.

A proibição, no entanto, foi por um período mais curto do que imaginávamos. Uma semana depois estávamos jantando quando o Capitão Winters telefonou. Foi Phyllis quem atendeu.

— Olá, Sra. Watson. Tenho boas notícias. Acabei de falar com a E.B.C. e dei a permissão, no que nos diz respeito, para divulgar as reportagens que fizeram.

Phyllis agradeceu a deferência e perguntou: — Mas o que aconteceu?

— O segredo oficial a respeito das investigações foi rompido. Poderão ouvir as notícias no jornal falado desta noite ou ler as histórias amanhã nos jornais. Diante dessas circunstâncias, os Almirantes acharam que vocês deviam receber permissão imediata para divulgarem suas histórias. O desejo deles é até que sejam divulgadas o mais breve possível. Foi isso o que aconteceu é agora lhes desejo boa sorte.

Phyllis agradeceu e desligou, intrigada com quem poderia ter rompido o segredo oficial e como o fez. Tivemos que esperar até nove horas da noite para descobrir. A notícia não tinha maiores detalhes, mas para Phyllis e para mim era suficientemente esclarecedora. Um navio americano, efetuando pesquisas submarinas ao largo das Filipinas, sofrera a perda de uma câmara de profundidade com dois tripulantes.

Logo depois a E.B.C. transmitiu a notícia que nós preparáramos, realizando uma ampla reportagem sobre o assunto, depois de alterar toda a sua programação.

As pesquisas indicaram posteriormente que o programa alcançou excelente índice de audiência. Logo depois de divulgada a notícia sobre a perda dos americanos, a nossa história alcançou o maior interesse do público. Os Almirantes também ficaram satisfeitos. Tinham assim a oportunidade de provarem publicamente que nem sempre estavam atrás dos americanos — embora eu achasse que deveriam ter-se antecipado na divulgação da notícia.

De qualquer forma, porém, tendo em vista o que aconteceu depois, acho que isso não tem a menor importância.

Phyllis reescreveu uma parte da sua história, dando mais destaque aos cabos de aço fundidos. Recebemos um dilúvio de correspondência depois da divulgação, apresentando diversas teorias para o acontecimento. Mas, depois de examinar as mais interessantes, continuamos a saber tanto quanto antes — isto é, nada.

Mas era o que deveríamos esperar que acontecesse. Os espectadores não haviam visto os mapas e, naquele momento, não ocorreu a ninguém que pudesse haver uma ligação entre as catástrofes das câmaras submarinas e a história já quase esquecida das bolas de fogo.

A Marinha Real parecia estar disposta simplesmente a ficar de braços cruzados, analisando a perda em termos teóricos. Mas esta não era a disposição da Marinha dos Estados Unidos. Soubemos que os americanos se preparavam para enviar uma segunda expedição ao local em que haviam perdido a primeira câmara submarina. Imediatamente solicitamos que nos incluíssem entre os observadores, mas fomos recusados. Eles receberam tantos pedidos de jornalistas querendo acompanhar a expedição que decidiram enviar um segundo navio para levá-los. Também neste não encontramos um lugar. Todo o espaço disponível era reservado para jornalistas americanos que fariam a cobertura do acontecimento inclusive para a Europa.

Afinal de contas, nada havia que discutir. O espetáculo era deles, estavam pagando por ele. De qualquer forma, porém, sentimos bastante não poder ir. E, embora achássemos que iam perder outra vez os aparelhos de mergulho a grandes profundidades, nunca nos passou pela cabeça que perderiam também o navio.

Cerca de uma semana depois apareceu em Londres um dos repórteres da N.B.C. que fizera a cobertura da viagem. Conseguimos levá-lo a almoçar, para uma conversa particular.

— Nunca vi nada igual. Parecia um raio que saía do fundo do mar. Por um segundo saíram faíscas do navio inteiro, que logo depois explodiu — contou-nos o repórter.

— Jamais tinha ouvido falar em algo assim — disse Phyllis.

— Talvez não tenha sido registrado antes, mas já deve ter acontecido.

— Não concordo muito com isso — disse Phyllis.

— Como vocês dois participaram da expedição inglesa onde se perdeu também um aparelho, acho que sabem o que estávamos investigando.

— Desconfiamos — informei sorrindo.

— Muito bem, neste caso posso falar com um pouco mais de liberdade. Disseram-me que é inteiramente impossível induzir uma corrente de alguns milhões de volts por um cabo de aço isolado mergulhado no mar. Devo aceitar a afirmação, pois não é a minha especialidade. Acho, no entanto, que, se fosse possível, o efeito seria mais ou menos igual ao que vimos.

— Devia haver diversos cabos com isolantes... das câmaras, microfones, termômetros e outros instrumentos — disse Phyllis.

— Havia sim. E havia também um cabo ligando o equipamento de televisão ao nosso navio. Mas a carga elétrica não o atravessou, o que foi uma tremenda sorte para nós. Tenho a impressão de que a carga se concentrou apenas no cabo principal. Se assim não foi, os cientistas que estudam o caso estão inteiramente perdidos.

— Eles não formularam nenhuma outra hipótese?

— Muitas, algumas até bem convincentes... para um sujeito que não tenha presenciado a explosão.

— Se você está certo, então a história toda é estranhíssima — comentou Phyllis, pensativa.

— É uma declaração digna do equilíbrio britânico — comentou o homem da N.B.C. — Mas é tudo muito estranho, mesmo sem a minha informação. Ainda que consigam explicar como os cabos foram cortados, os cientistas mesmo assim continuarão aturdidos, porque têm certeza de que não foi acidental.

— Por outro lado — comentou Phyllis — a gente tem que ficar impressionada por haver alguma coisa lá embaixo, a tamanha profundidade, uma pressão quase insuportável...

— Não gosto de fazer adivinhações, suposições sem base.

Gostaria de ter mais informações... e talvez as tenhamos não demora muito.

Nós o olhamos, surpresos, e ele confidenciou em voz baixa: — Vocês estão metidos nisso também, assim não há mal nenhum em contar. Mas lembrem-se de que é absolutamente confidencial. Eles estão realizando mais duas expedições de investigação. Só que desta vez não levam repórter algum, pois a experiência anterior não foi nada agradável.

— Onde? — perguntamos quase que simultaneamente.

— Uma é perto das Ilhas Aleutas e a outra num local bem profundo na costa da Guatemala. E os ingleses, o que estão fazendo? — Não temos a menor idéia — confessei.

— É engraçado como os ingleses são sempre discretos — comentou o americano em tom de simpatia.

E discretas permaneceram as nossas autoridades navais, pois nada conseguimos saber nas semanas que se seguiram, apesar de todas as nossas tentativas. Só soubemos do resultado das duas investigações a que o americano se referira quando ele passou outra vez por Londres. Procuramos entrar em contato com ele e descobrir o que acontecera. Ele franziu o cenho, com uma expressão preocupada, e informou: — Na que foi realizada perto da Guatemala nada conseguiram descobrir. O navio que estava ao sul das Aleutas transmitia pelo rádio, para terra, todo o desenrolar do mergulho. As comunicações foram interrompidas subitamente. A declaração oficial é de que o navio se perdeu, com toda a tripulação.

O reconhecimento oficial a esses acontecimentos permaneceu subterrâneo — se é que se pode usar esse termo para investigações de ocorrências submarinas. De vez em quando ouvíamos rumores a indicarem que não decrescera o interesse das autoridades. Alguns fatos isolados, quando reunidos, indicavam que alguma coisa continuava a acontecer. Nossos contatos na Marinha tratavam-nos cordialmente, mas mostravam-se evasivos. Os nossos colegas jornalistas do outro lado do Atlântico também não conseguiam descobrir muitas coisas. Se eles estivessem sabendo de algo certamente que já teríamos ouvido falar. Assim, consolava-nos o pensamento de que os americanos também não estavam sabendo de nada.

O interesse público pelas bolas de fogo praticamente desaparecera e poucas pessoas se davam ao trabalho de informar a queda de outras recentes. Continuei a manter os meus arquivos atualizados, mas, como o interesse decrescera, não podia saber se a baixa incidência do fenômeno era verdadeira.

Pelo que eu podia verificar, os dois fenômenos não haviam sido publicamente relacionados e logo foram esquecidos, sem explicação, como meros acontecimentos estranhos de uma época sem grandes notícias.

Nos três anos que se seguiram eu e Phyllis também perdemos quase que inteiramente o interesse pelo assunto. Outras coisas, mais importantes para nós então, ocuparam-nos por completo: o principal foi o nascimento do nosso filho, William, e sua morte, dezoito meses depois. Para tirar Phyllis de sua conseqüente prostração, arrumei um lugar de correspondente itinerante, vendemos a casa e saímos em viagem pelo mundo.

Em tese, o trabalho era exclusivamente meu, mas na verdade era Phyllis quem fazia a redação final das minhas reportagens, que agradavam imensamente à direção da E.B.C. Quando não estava trabalhando nas minhas matérias, Phyllis escrevia algumas reportagens suas. Assim, quando voltamos à Inglaterra, gozávamos de grande prestígio. Ainda tínhamos muito material para escrever diversas reportagens e estávamos certos de que as nossas carreiras iam entrar agora numa fase de plena ascensão.

Foi pouco depois do nosso regresso que os americanos perderam um cruzador ao largo das Ilhas Marianas.

As informações a respeito eram escassas, como se fosse um acontecimento exclusivamente local. Mas senti que havia alguma coisa diferente no acidente. Ao ler a notícia nos jornais, Phyllis teve também uma sensação estranha. Pegou um atlas e localizou as Ilhas Marianas.

— O oceano é bem profundo em torno delas — comentou Phyllis.

— A notícia é um pouco estranha — admiti. — Não sei exatamente por que me dá esta sensação, mas tenho certeza de que alguma coisa está errada.

— Vamos conversar com os nossos informantes para ver se descobrimos alguma coisa.

Foi o que fizemos, mas sem resultado algum. Não que as nossas fontes estivessem escondendo o que sabiam, mas é que em alguma parte parecia haver um bloqueio total às informações.

Tudo o que soubemos foi mesmo a versão oficial: o cruzador Keweenaw, apesar de estar fazendo bom tempo, afundara repentinamente. Vinte tripulantes haviam sido recolhidos. Seria realizado um inquérito oficial.

E possivelmente foi. Só que nunca soubemos as conclusões a que se chegou. E, de certa forma, o incidente foi ofuscado pelo inexplicável afundamento de um navio russo, que estava realizando uma missão não especificada a leste das Ilhas Kurilas, um arquipélago ao sul de Kamchatka. Como era um axioma russo atribuir todos os infortúnios aos chacais capitalistas ou às hienas reacionárias fascistas, o acontecimento assumiu uma importância que eclipsou por completo a perda americana. E durante algum

tempo se sucederam as insinuações irritadas. Em meio à confusão, passou quase despercebido o desaparecimento do navio oceanográfico Utskarpen, que só foi lamentado em seu país de origem, a Noruega.

Vários outros navios afundaram misteriosamente, mas não tenho mais os meus arquivos para fazer um relato completo. Tenho a impressão de que cerca de meia dúzia de navios, todos empenhados em pesquisas oceanográficas de alguma espécie, afundaram misteriosamente, antes que os americanos sofressem outra perda ao largo das Filipinas. Desta vez foi um destróier e com ele os americanos perderam também a paciência.

A ingênua declaração de que as águas ao redor de Biquíni eram pouco profundas para a realização de testes atômicos a grande profundidade, obrigando à realização das experiências a alguns milhares de quilômetros a oeste, pode ter enganado o grande público. Os meios jornalísticos, porém, não se deixaram embair e choveram pedidos para se enviar representantes especiais à zona dos testes.

Phyllis e eu éramos agora jornalistas com prestígio e não nos foi difícil arrumar uma indicação para a cobertura das experiências. Alguns dias depois estávamos a bordo de um dos numerosos navios situados a uma distância respeitável do local em que afundara o Keweenaw, perto das Filipinas.

Não posso dizer como são as bombas atômicas de profundidade, pois não chegamos a vê-las. Tudo o que nos mostraram foi uma espécie de balsa, em cima da qual havia algo parecido com uma cabana de metal semi-esférica. Disseram-nos que a bomba em si era quase igual às bombas atômicas comuns, diferenciando-se apenas por possuir um invólucro de metal capaz de resistir a pressões de até oito mil metros de profundidade, se fosse necessário. Quando amanheceu o dia marcado para a experiência, um rebocador afastou-se do comboio puxando a balsa e desapareceu no horizonte.

A partir daí, acompanhamos os acontecimentos através da transmissão de câmaras de televisão automáticas, montadas em bóias ao longo do caminho. Vimos o rebocador deixar a balsa no meio do oceano e afastar-se a toda velocidade. Esperamos durante algum tempo, até que o rebocador se afastasse da zona de perigo e as correntes marítimas impelisses a balsa até o ponto exato em que afundara o Keweenaw. O intervalo durou quase três horas. A impressão que tínhamos era de que a balsa estava imóvel em pleno oceano. Uma voz anunciou então, pelos alto-falantes, que a experiência seria concretizada dentro de trinta minutos aproximadamente. De tempos em tempos a mesma voz voltava a anunciar que o tempo era cada vez mais curto, a contagem regressiva prosseguindo inexoravelmente. Ficamos em silêncio quase total quando a voz gritou:

— Três... dois... um... JÁ!

Neste momento um foguete foi disparado da balsa, deixando uma trilha de fumaça vermelha ao subir.

— A bomba foi acionada — declarou a voz que saía dos alto-falantes.

Ficamos esperando.

Durante um longo tempo tudo pareceu imóvel. Agrupados em torno das telas de televisão, os jornalistas permaneciam calados.

Em todas as telas havia apenas a imagem da balsa, flutuando tranqüilamente nas águas azuis e banhadas pelo sol. Não havia o menor indício de que alguma coisa acontecera ali, a não ser a nuvem de fumaça vermelha que se ia dissipando lentamente. Para os olhos e os ouvidos a sensação era de extrema tranqüilidade; para a mente, a impressão era de que o mundo inteiro prendera a respiração.

E então ocorreu a explosão. A plácida superfície do mar ergueu-se subitamente numa imensa nuvem branca. A água se espalhou por toda parte e ferveu ao subir aos céus. O navio em que estávamos

estremeceu.

Saímos do lado das telas e corremos para a amurada do navio. A nuvem já se erguera acima do horizonte. Contorcia-se toda na subida em direção ao céu, de uma maneira que julguei ser quase indecente. Só então o barulho chegou até nós, um rugido ensurdecido. Muito tempo depois, com um atraso surpreendente, é que vimos a linha escura da primeira onda de turbulência correndo em nossa direção.

Naquela noite, ao jantar, partilhamos a mesa com Mallarby, do Tidings, e Bennell, do Senate. O espetáculo era de Phyllis e ela conduziu-o habilmente, dominando por completo os dois jornalistas logo depois da entrada, antes da chegada do prato principal.

Eles deram algumas informações que já nos eram familiares, mas daí a pouco começaram a falar em Bocker, cada vez com mais frequência e mais acrimônia. O tal de Bocker aparentemente formulara uma teoria sobre as perturbações nas profundezas do oceano da qual nunca tínhamos ouvido falar. Nenhum dos dois jornalistas parecia levá-lo muito a sério.

Phyllis lançou-se àquela informação como um gavião. Do jeito que ela falou, ninguém podia imaginar que estava inteiramente alheia à teoria em questão.

— E acham que a teoria de Bocker pode ser descartada assim de cara?

O expediente funcionou. Em pouco tempo os dois nos explicaram a teoria de Bocker, sem sequer imaginarem que nós a desconhecíamos por completo até aquele momento.

O nome de Alastair Bocker não nos era, é claro, inteiramente desconhecido: era um eminente geógrafo, com uma porção de títulos conquistados. Mas a informação que Phyllis conseguiu arrancar a seu respeito era-nos inteiramente nova. Quase um ano antes, Bocker apresentara um memorando ao Almirantado, em Londres. Porque era um homem bastante conhecido, o memorando chegara aos escalões superiores, embora ninguém levasse a sério as idéias expostas no documento. Afirmava ele que os cabos fundidos e a eletrificação de alguns navios eram provas incontestáveis de seres inteligentes em plena atividade nas partes mais profundas do oceano. As condições existentes nestas regiões, de pressão excessiva, temperatura, escuridão permanente e outras, tornavam inconcebível a possibilidade de se ter desenvolvido no fundo do mar alguma espécie de vida inteligente — declaração que ele apoiava com diversos outros argumentos bastante convincentes.

Era evidente também que nenhuma nação era capaz de construir mecanismos que pudessem operar nas profundidades indicadas pelas provas existentes, não possuindo também o menor interesse em fazê-lo.

Mas, se a inteligência em atividade no fundo do mar não se desenvolvera lá mesmo, devia então ser originária de algum outro lugar. Era óbvio que devia estar encarnada em alguma forma capaz de suportar uma pressão de uma tonelada por dois e meio centímetros quadrados — talvez até mais, cinco ou seis toneladas, a julgar pelos indícios de que estava em atividade nas partes mais profundas do oceano. Onde uma forma móvel poderia encontrar na superfície da Terra estas condições de pressão para se desenvolver? Em parte alguma. Quanto a isso não havia a menor dúvida.

Se não se desenvolvera na Terra, devia então ter-se desenvolvido em outra parte — num planeta bem grande, por exemplo, onde as pressões fossem normalmente altas. Se assim fosse, haviam cruzado o espaço para chegarem à Terra.

Bocker chamou então a atenção das autoridades para as bolas de fogo, que haviam despertado tanta atenção alguns anos antes e que ainda eram vistas ocasionalmente. Nenhuma delas, ao que se sabia, caíra em terra. Pelo contrário, haviam sempre caído nas partes mais profundas do oceano. Além disso, as que tinham sido atingidas por mísseis haviam explodido com extrema violência, o que parecia indicar uma pressão muito alta em sua constituição.

E mais: era significativo também o fato de as bolas de fogo procurarem invariavelmente as únicas regiões da Terra em que as condições de alta pressão eram compatíveis com uma relativa liberdade de movimento.

De tudo isso, Bocker deduzia que estávamos sofrendo o processo, sem o sabermos, de uma espécie de imigração interplanetária. Se lhe perguntassem qual seria a origem, ele apontaria Júpiter como sendo o planeta conhecido com as prováveis condições de pressão.

O memorando concluía com a observação de que tal incursão não precisava necessariamente ser encarada como hostil. Parecia-lhe que os interesses de um tipo de criação que existe a uma pressão de cinco quilos por dois e meio centímetros quadrados, como a nossa, em nada se podia confundir e entrelaçar com os de uma forma de vida que exige várias toneladas de pressão. Defendia a tese de que deviam ser envidados todos os esforços para se desenvolver um meio de comunicação com os novos moradores das profundezas do oceano, a fim de se efetuar um intercâmbio de conhecimentos científicos, no sentido mais alto da palavra.

As opiniões dos Almirantes não foram registradas, mas sabe-se que pouco depois Bocker recolheu o memorando que enviara e o apresentou à consideração pessoal do editor do Tidings. Ao devolvê-lo, o Tidings manifestou-se a respeito com o seu tato habitual. Foi pensando na irmandade profissional dos jornalistas que o editor declarou categoricamente: — Este jornal existe há mais de cem anos e nunca publicou uma novela cômica. Não vejo motivos para quebrar esta longa tradição agora.

Algum tempo depois, o memorando apareceu na mesa do editor do Senate, que pediu que lhe fizessem uma sinopse. Leu-a e depois ditou uma recusa polida.

Bocker não mais insistiu e as suas teorias ficaram conhecidas apenas de um círculo restrito.

— Mas o fato — disse Mallarby — é que a teoria de Bocker possui mais elementos que qualquer outra. Talvez por isso mesmo nos pareça tão fantástica. Podemos achá-la ridícula, mas não podemos negar que é uma explicação, aliás a única que existe.

— Lá isso é verdade — comentou Bennell. — E, seja o que for que as nossas autoridades navais pensem de Bocker, é bastante claro que já chegaram também à conclusão de que deve haver alguma espécie de vida inteligente lá no fundo do mar. Não é em cinco minutos que se projeta uma bomba atômica especial como a que foi lançada hoje. De qualquer forma, mesmo que a teoria de Bocker seja acertada, está inteiramente perdida a sua proposição básica.

Esta bomba positivamente não era a tentativa de entrar em contato cordial com os seres de outro planeta que ele defendia.

Mallarby fez uma pausa e sacudiu a cabeça pesaroso.

— Encontrei-me com Bocker por diversas vezes. Ele é um homem culto e de visão ampla, com o defeito inerente aos que são assim: o de achar que todos os homens são iguais a si próprio. Possui uma inteligência curiosa e inquisitiva. Nunca lhe passou pela cabeça que o homem comum fica assustado ao deparar com uma coisa estranha e nova, pensando então em esmagá-la ou suprimi-la rapidamente. Hoje tivemos mais uma demonstração da mente do homem comum em funcionamento.

— Mas se se acredita oficialmente que lá embaixo existem criaturas inteligentes, responsáveis pelo afundamento de diversos navios, então devemos ficar assustados com razão e considerar a ação de hoje como uma mera retaliação — ponderou Bennell.

— Não é bem assim — argumentou Mallarby. — Suponhamos que algo desça dos céus em nossa direção, balançando-se na ponta de uma corda. Suponhamos que esta coisa emita sinais num comprimento de onda

que seja terrivelmente incômodo para nós e até mesmo nos cause dor física. O que deveríamos fazer? A primeira providência seria cortar a corda e pôr a coisa fora de ação. Depois iríamos examinar o objeto e descobrir o que fosse possível a seu respeito. E, se mais objetos aparecessem, tomaríamos as medidas necessárias para desencorajar os que os enviavam. É uma atitude que pode ser considerada simplesmente como a eliminação de um tremendo incômodo. Mas pode ser também encarada como ato de animosidade, a exigir retaliação. Vendo as coisas por este ângulo, a quem devemos responsabilizar por toda esta confusão: nós ou os seres que estão lá no fundo do mar?

— É difícil imaginar qualquer espécie de ser inteligente que não fique revoltado com o que acabamos de fazer. Se este fosse o único lugar em que se registraram problemas, então não haveria mais nenhum ser inteligente para se ressentir com a nossa atitude. Mas sabem muito bem que não é. Assim, creio que podemos esperar alguma espécie de revide.

— Acha então que eles vão mesmo reagir? — indagou Phyllis.

— Aproveitemos outra vez a minha analogia: se um agente destruidor descesse dos céus e se abatesse sobre uma das nossas cidades, o que iríamos fazer?

— Acho que o melhor seria perguntar o que poderíamos fazer — comentou Phyllis com bom senso.

— Poderíamos entregar o caso aos cuidados dos Generais. E se as coisas continuassem a acontecer, se os ataques não cessassem, dar-lhes-íamos prioridade absoluta.

Mallarby fez uma pausa, desanimado, e concluiu: — Tenho a impressão de que, desde o início, a proposta de Bocker para um contato amigável teve a mesma chance de uma pulga, numa fornalha.

A opinião de Mallarby talvez fosse improvável, mas o fato é que, quando voltamos para a Inglaterra, já não havia mais qualquer possibilidade de um contato amigável com os seres das profundezas. De alguma forma, da noite para o dia, o público finalmente ligara os fatos. A tentativa de justificar a bomba como uma experiência numa série de testes atômicos não surtiu resultado.

O fatalismo quase indiferente com que fora recebida a perda do Keweenaw e de outros navios foi substituído por um sentimento de ultraje irresistível, passando o público a achar que o primeiro ato da vingança fora cumprido e exigindo mais.

A atmosfera era semelhante à que antecede a declaração de uma guerra. Os fleumáticos e céticos de ontem tornaram-se subitamente pregadores fervorosos de uma cruzada contra... bem, contra o que quer que tivesse incorrido na temeridade de interferir na liberdade dos mares. Todos concordavam com isso, quase que unanimemente. Mas a partir desta especulação central muitas outras questões se levantaram, de tal forma que não apenas as bolas de fogo como também todos os fenômenos inexplicados ocorridos nos últimos anos foram atribuídos também aos seres misteriosos existentes nas profundezas do oceano.

A agitação em escala mundial alcançou-nos quando paramos em Karachi, no retorno para a Inglaterra. A cidade fervilhava com histórias de serpentes marinhas e visitantes de outros planetas.

Era claro que, apesar das restrições à divulgação das teorias de Bocker, milhões de outras pessoas no mundo inteiro haviam chegado, por outros caminhos, às mesmas conclusões que ele. Isso deu-me a idéia de telefonar para Londres e ver se a E.B.C. conseguia convencer Bocker a conceder uma entrevista.

Informaram-me que outros haviam tido a mesma idéia e que Bocker daria uma entrevista coletiva na sexta-feira. Prometeram que fariam tudo para que fôssemos também admitidos na entrevista, que seria restrita a poucos órgãos de divulgação. Conseguiram assegurar a nossa presença e chegamos a Londres poucas horas antes da entrevista .

Alastair Bocker era facilmente reconhecível pelas fotografias, só que elas absolutamente não lhe faziam justiça. Haviam reproduzido suas feições com exatidão, o rosto cheio de homem de meia-idade com uma característica meio infantil, as sobrancelhas grossas, os cabelos grisalhos revoltos, os contornos da boca e do nariz.

Mas as câmaras haviam sido incapazes de transmitir a vivacidade dos olhos, a mobilidade da boca e do rosto inteiro, seus movimentos precisos e rápidos, deturpando assim a sua imagem.

— Trata-se de um adulto inquieto e com características ainda infantis — comentou Phyllis antes de a entrevista começar.

Por alguns minutos continuaram a chegar jornalistas. Quando a sala ficou cheia, Bocker dirigiu-se à mesa que havia à nossa frente. Pelo seu comportamento, era evidente que não tinha a menor idéia de ser conciliador. Quando os murmúrios cessaram, olhou-nos por alguns segundos, calmamente, antes de começar a falar, de improviso, sem recorrer a nenhuma anotação:

— Não acredito em que esta entrevista venha a ter alguma utilidade. Mas não fui eu que a convoquei portanto não vou preocupar-me se serei ou não um bom assunto para os jornais de amanhã.

“Há alguns anos eu teria agradecido profundamente a oportunidade de conceder uma entrevista coletiva como esta. Há um ano tentei convocar uma, embora já nesta ocasião julgasse quase inexistente a possibilidade de alterar o curso dos acontecimentos. Acho, portanto, irônico que me tenham honrado com o pedido de uma entrevista coletiva no momento em que já não existe mais qualquer possibilidade de mudar o atual estado de coisas.

“Acho que todos vocês já devem conhecer uma versão, provavelmente deturpada, das minhas opiniões. De qualquer forma, porém, vou novamente resumi-las, para que saibamos todos sobre o que estamos conversando.

O que ele disse pouco diferia do que Mallarby e Bennell nos haviam contado. Quando acabou, Bocker fez uma pausa e acrescentou: — Muito bem, agora estou à disposição dos senhores para as perguntas que desejem fazer.

Passado tanto tempo, já não recordo mais quem fez qual pergunta. Lembro-me, no entanto, perfeitamente, de que as primeiras perguntas foram um pouco tolas e respondidas sem maior perda de tempo. Foi então que alguém perguntou: — Dr. Bocker, se bem me recordo, o senhor anteriormente havia falado em “imigração”, mas agora já se está expressando em termos de “invasão”. Mudou a sua maneira de pensar?

— Mudaram para mim. Por tudo que posso imaginar, a intenção inicial devia ser certamente uma imigração pacífica. Mas tudo indica que agora não é mais questão disso.

— Está querendo dizer — interpelou alguém — que o nosso velho pavor, a guerra interplanetária, finalmente começou?

— Talvez possa ser considerado assim.. pelos tolos. Mas trata-se realmente de uma invasão, originária de um algum planeta que não sabemos qual é. E me admira também que, num mundo ávido de sensações como o nosso, tenha passado despercebida por tanto tempo. Somente agora, muitos anos depois que começou, é que passaram a levá-la a sério.

— O que quer que seja — observou alguém — não me parece tratar-se de uma guerra interplanetária.

— Isso podemos atribuir a duas causas principais: a obtusidade mental e a influência do falecido H. G. Wells.

“Um dos problemas decorrentes de se escrever um clássico é que se consegue fixar um padrão de pensamento. Como todo mundo leu o livro de Wells, acha então que sabe exatamente como ocorrerá uma

invasão interplanetária. Se um cilindro misterioso aterrissasse perto de Londres ou Washington amanhã, todos nós saberíamos identificar no acontecimento um motivo para alarme. Parece que todo mundo esqueceu que Wells utilizou em seu livro apenas os expedientes necessários para fazer uma obra de ficção, que nunca pretendeu fixar normas para o desenvolvimento de guerras interplanetárias. Mas acontece que o processo que ele escolheu permanece na mente da maioria como o protótipo de uma invasão do espaço exterior. Este é o maior cumprimento que se pode fazer à sua habilidade como escritor, embora não seja muito elogioso para a inteligência dos que o aceitam como verdade única e incontestável.

“Pode haver muitas invasões nas quais de nada adiantará convocar uma carga heróica de cavalaria. E esta com a qual nos estamos defrontando é muito mais difícil de enfrentar que a dos marcianos imaginada por Wells. Não nos esqueçamos de que ainda não sabemos se as armas que vão atacar-nos serão mais eficientes que aquelas que ele imaginou.

Alguém interrompeu-o então e perguntou: — Está certo. Suponhamos, apenas como base para o debate, que se trata realmente de uma invasão. Qual seria então a causa provável para esta invasão?

Bocker encarou-o pensativo por um longo tempo.

— Imagino que o desejo de saber a causa sempre foi o último e desesperado grito de todos os povos invadidos no decorrer da nossa história.

— Mas deve haver alguma razão — insistiu o jornalista.

— Deve haver? Num sentido amplo, creio que realmente existe. Mas daí a pressupor que possamos compreendê-la, mesmo que a conheçamos, há uma grande distância. Acho que os índios americanos nunca chegaram a compreender muito bem por que estavam sendo invadidos pelos espanhóis... O que me está pedindo é que tente explicar os motivos que levaram à ação uma forma estranha de inteligência. Com toda modéstia, devo declinar, pois não gosto de bancar o tolo. A maneira de descobri-lo, talvez até de compreender, seria entrar em contato com os seres que estão nas profundezas do oceano. Mas tenho a impressão de que não há mais nenhuma oportunidade de consegui-lo, depois do que fizemos.

O jornalista não estava satisfeito com a resposta e continuou a bater na mesma tecla.

— Mas, se não conseguimos determinar a causa, então a história toda assemelha-se a um desastre da natureza... algo assim como um ciclone ou um terremoto. É isso?

— Exatamente. E por que não? Imagino que deva ser assim que o inseto considera o pássaro que o ataca. Os homens comuns envolvidos numa grande guerra também não conseguem dissociá-la muito claramente de um desastre natural. Sei muito bem que ensinaram seus leitores a esperar explicações simplistas de todas as coisas, inclusive de Deus. Vocês gostam de resumir tudo a palavras de uma única sílaba, como se as coisas tivessem sempre a maior simplicidade. Podem fazê-lo, mas garanto que vou processá-los se atribuírem a mim as suas explicações simplistas.

“O máximo que posso dizer é o seguinte: imagino que, em termos humanos, possam existir apenas duas causas para a migração em massa pelo espaço, se tal fosse possível. A primeira seria simplesmente a expansão e o alargamento das fronteiras; a outra, a fuga a condições intoleráveis no planeta natal. Mas os seres que estão nas profundezas não são certamente humanos. Portanto, suas razões e motivos podem ser e podem não ser semelhantes aos nossos, dos seres humanos.

Ele fez uma pausa e contemplou-nos pensativo.

— Mas acho que este problema de descobrir as razões é uma pura perda de tempo. Se fôssemos para outro planeta e os seres que lá encontrássemos começassem a jogar bombas em cima de nós, os motivos

de nossa ida até lá não fariam a menor diferença. Simplesmente acharíamos que acabaríamos sendo exterminados, se não tomássemos medidas drásticas para detê-los. E aí está alguma coisa que devemos ter em comum com os seres que estão nas profundezas do oceano: a força vital, qualquer que seja a forma em que esteja encarnada, deve ter, coletiva ou individualmente, a vontade de sobreviver, pois do contrário logo deixará de existir.

— Então a sua opinião final é a de que se trata de uma invasão hostil? — indagou alguém.

Bocker olhou, um pouco irritado.

— Acho que precisa repassar suas lições depois que a aula terminar. O que acabei de dizer é que é uma invasão, que agora é hostil mas que talvez não o tenha sido em sua intenção inicial.

“O que lhes peço agora, ao concluir, é que convençam seus leitores de que isto não é sensacionalismo, pelo contrário, é um assunto dos mais graves e que deve ser encarado com toda a seriedade. Sei, porém, que a maioria não poderá fazê-lo, pois ficará em completo desacordo com a orientação dos proprietários dos jornais em que trabalha.

Na verdade, a maioria dos jornais apresentou Bocker como um maluco, deixando implícito o comentário de que tudo o que ele dissera eram coisas que os malucos gostam de pensar, embora pessoas sensíveis como os leitores não fossem acreditar naquelas baboseiras.

Havia indícios de que não se tratava de uma atitude acidental. O público estava com a disposição de aceitar tudo o que lhe empurrassem, mas Bocker apontara a negligência das autoridades em aproveitar o momento devido. Além disso, era excelente a oportunidade para se aproveitar a situação. Como nenhum fato novo ocorresse, lentamente começaram a trabalhar a opinião pública.

Pouco a pouco se espalhou a idéia de que uma invasão interplanetária nunca ocorreria daquele jeito. Assim, era bem provável que não fosse mesmo uma guerra interplanetária. A partir daí era preciso dar um passo muito curto para concluir que era coisa dos russos.

Os russos sempre haviam encorajado o povo a suspeitar dos provocadores de guerras capitalistas. Quando as notícias sobre a possível invasão interplanetária chegaram além da cortina de ferro, eles imeditamente apresentaram ao povo as seguintes afirmativas:

- a) *era tudo mentira, uma cortina de fumaça verbal para cobrir os preparativos dos provocadores de guerras capitalistas;*
- b) *era verdade, e os capitalistas, ao seu estilo, haviam imediatamente atacado os seres estranhos com bombas atômicas;*
- c) *verdade ou não, a União Soviética lutaria incansavelmente pela paz, utilizando todas as armas que possuía, à exceção dos germes.*

A reviravolta na opinião pública, do lado de cá, foi quase completa. Muita gente comentava: — Esta história de invasão interplanetária? Não tenho vergonha de confessar que quase acreditei nela. Mas quando a gente começa realmente a analisar os fatos... Qual será a jogada dos russos? Deve ser alguma coisa muito grande, porque senão não teriam usado bombas atômicas.

E assim, em pouco tempo, foi restaurado o *status quo ante bellum hypotheticum* e voltamos à teoria compreensível e familiar da suspeita internacional. O único resultado mais duradouro foi o aumento dos prêmios de seguro naval.

Duas semanas depois recebemos o Capitão Winters para jantar em nossa casa. Ele sentou-se à direita de Phyllis e conversaram animadamente o tempo inteiro. Terminado o jantar, já no quarto, perguntei à minha esposa:

— Se não está com muito sono, poderia contar-me o que conversaram? O Capitão lhe disse alguma coisa importante?

— Ele falou coisas muito bonitas. Acho que tem sangue irlandês...

— E sobre os assuntos de menor importância mas que possuem um interesse mais amplo para o grande público, ele contou alguma coisa? — insisti pacientemente.

— Ele não quis falar muito, mas o pouco que disse não foi nada animador, pelo contrário.

— Conte-me então.

— A situação na superfície permanece praticamente inalterada, mas eles estão muito preocupados com o que está acontecendo no fundo do mar. Não chegou a afirmar que houve algum progresso nas investigações, mas deixou implícito que sim, que surgiram fatos novos.

“Disse, por exemplo, que no momento não se pensa mais em lançar bombas atômicas. Podem ser usadas apenas em locais isolados e mesmo assim a radiatividade se espalha com a maior rapidez. Os técnicos em pesca dos dois lados do Atlântico estão protestando violentamente, afirmando que foram as bombas atômicas que impediram que determinados cardumes chegassem a certos lugares, na ocasião devida. Responsabilizam as bombas pela alteração da ecologia, o que quer que seja isso, e pela mudança dos hábitos migratórios dos peixes. Alguns, no entanto, dizem que não há dados suficientes para afirmar que essas mudanças são decorrência das bombas. Mas é certo que alguma coisa afetou a ecologia, podendo advir consequências graves no abastecimento de alimentos. Mas como não se sabe exatamente quais os efeitos das bombas, além de matar e assustar os peixes, resolveram deixar de utilizá-las, pelo menos por enquanto .

Phyllis fez uma pausa, teatral, e acrescentou: — Mas não é só isso: duas das bombas que despacharam não chegaram a explodir.

— O que eles deduzem disso?

— Não sei. Mas o fato deixou-os muito preocupados, muito mesmo. As bombas são engatilhadas para explodirem a determinada pressão. É um método simples e bastante preciso.

— Quer dizer então que não alcançaram a camada certa de pressão, que ficaram suspensas a meio caminho do fundo do mar?

Phyllis assentiu.

— E isso os está deixando extremamente nervosos.

— É compreensível. Eu próprio não me sentiria muito satisfeito em pensar que deixei duas bombas atômicas armadas flutuando no mar. E que mais ele contou?

— Três navios utilizados pelas equipes de manutenção dos cabos submarinos desaparecerem inexplicavelmente. Um deles foi interrompido no meio de uma mensagem pelo rádio.

— Quando foi isso?

— O primeiro desapareceu há cerca de seis meses, um outro há três semanas e o último na semana passada.

— Talvez não tenham nada a ver com a história

— Talvez não... mas todos têm certeza quase absoluta de que sim.

— Não houve sobreviventes para contar o que aconteceu?

— Não.

— Ele não disse mais nada?

— Falou ainda que estão aperfeiçoando uma nova espécie de míssil teleguiado para explodir no fundo do oceano. É altamente explosivo, embora não seja atômico. Ainda não o testaram.

Encarei-a então, com uma expressão de admiração.

— Isso é ótimo, querida. Você possui realmente a classe de uma Mata Hari.

Phyllis ignorou a observação e acrescentou: — Porém o mais importante é que o Capitão vai arrumar uma apresentação minha ao Dr. Matet, o oceanógrafo.

— Mas, querida, a Sociedade Oceanográfica ameaçou literalmente excomungar qualquer dos seus membros que converse conosco, depois de nossas últimas reportagens. Isso faz parte da linha anti-Bocker que adotaram.

— Eu sei, mas o Dr. Matet é amigo pessoal do Capitão. Ele viu os mapas de incidência das bolas de fogo e está quase convertido. Além do mais, não somos apóstolos convictos de Bocker, não é mesmo?

— O que pensamos não precisa ser necessariamente o que as outras pessoas imaginam que pensamos. Mas se ele quer conversar conosco... Quando poderemos vê-lo?

— Devo encontrar-me com ele daqui a alguns dias, querido.

— Acha então que não devo...

— Não é isto, mas seria melhor que eu fosse sozinha. Confie em mim.

— Mas...

— Não se preocupe. Agora, está na hora de dormirmos — disse Phyllis firmemente, encerrando a conversa.

Phyllis contou-me depois que o início da entrevista obedeceu ao mesmo padrão imutável:

— E.B.C.? — disse o Dr. Matet erguendo as sobrancelhas. — Mas pensei que o Capitão Winters tivesse falado em B.B.C.

Era um homem alto e corpulento, a cabeça não muito grande, dando assim a idéia de que o corpo era maior ainda. A testa era bronzeada e se prolongava até o meio da cabeça, dando a impressão de que estava suspensa no ar.

Phyllis suspirou resignada, e apresentou a justificativa de rotina sobre a existência da E.B.C., fazendo com que ele julgasse, finalmente, tratar-se de gente esforçada e corajosa procurando superar a desvantagem de a emissora ser considerada um oráculo de segunda classe. Quando Phyllis informou que a fonte de suas declarações não seria revelada, ele abriu-se um pouco.

O problema, segundo ela, é que o Dr. Matet expôs suas observações em estilo acadêmico, com tantas palavras e comparações estranhas, que era quase impossível a um leigo interpretá-las corretamente. Mas, em resumo, o que ele disse foi o seguinte: cerca de um ano antes haviam começado a surgir informações sobre a coloração de determinadas correntes oceânicas. A primeira observação fora feita na corrente Kuroshio, no Pacífico Norte — uma corrente turva que fluía para o nordeste e que se tornara cada vez

mais discernível, até ser mais perceptível a olho nu.

— Algumas amostras foram recolhidas para exame e o que acha que descobrimos? — disse o Dr. Matet. Phyllis fez a expressão correta, de expectativa.

— Eram partículas radioativas, mas com uma grande porcentagem de diatomáceas.

— Mas isso é incrível! — comentou Phyllis, sem se arriscar.

— E o que acha que poderia ter produzido este efeito?

— Este é o problema. Alguma coisa está acontecendo, em escala bem grande. Mesmo em amostras recolhidas no outro lado do oceano, ao largo da costa da Califórnia, encontramos uma considerável impregnação de partículas radioativas e de diatomáceas.

Ele continuou a dissertar sobre os detalhes técnicos, até que Phyllis conseguiu finalmente interrompê-lo.

— Quer dizer então que alguma coisa está acontecendo no fundo do mar?

— Exatamente.

E foi neste momento que o Dr. Matet voltou a falar numa linguagem compreensiva e concluiu a entrevista:

— Mas, falando francamente, só Deus sabe o que é.

— Ele falou demais em geografia, oceanografia e batografia — comentou Phyllis mais tarde. — Nunca vi tanta grafia assim na vida! E foi uma sorte que não tivesse entrado também na ictiologia.

— Mas conte-me o que ele disse.

Foi o que ela fez, recorrendo às suas anotações.

— Mas quero ver alguém transformar esse monte de dados técnicos numa reportagem compreensível para o público. Talvez um ógrafo qualquer pudesse dar a estes dados uma forma inteligível, mas, mesmo assim, qual a conclusão que se poderia tirar?

— Este é justamente o ponto-chave em cada ocorrência. Mas pouco a pouco as partes do quebra-cabeça vão-se juntando. Acho que este é outro pedaço. De qualquer forma, acho que você não estava esperando obter uma grande reportagem. Ele chegou a sugerir a possível ligação desta alteração nas correntes marinhas com os outros acontecimentos?

— Não. Cheguei a comentar que era engraçado como deram para acontecer coisas estranhas no fundo do mar, mas ele nem pestanejou. É bastante cauteloso. Acho que preferia não ter concordado em receber-me. Assim, se deteve nos fatos verificáveis. Fez tudo para não se comprometer. Admitiu mesmo, veladamente, que não queria perder a sua reputação como aconteceu com Bocker.

— Por falar nisso, acho que Bocker deve ter tomado conhecimento destes fatos e de uma porção de outros. Creio que valeria a pena saber qual a sua opinião a respeito. A entrevista coletiva a que comparecemos foi apenas uma apresentação sumária das suas teorias.

— Mas Bocker se tem mostrado muito reservado depois da entrevista — comentou Phyllis em tom de dúvida. — O que, aliás, não é de surpreender, pela maneira como o criticaram publicamente. Nós não o fizemos, é verdade. Fomos até bastante objetivos.

— Vamos tirar a sorte para ver quem liga para ele.

— Pode deixar que eu ligo.

Assim, recostei-me na poltrona e fiquei ouvindo-a, ao telefone, enunciando as palavras formais de abertura, esclarecendo que pertencíamos à E.B.C.

Devo declarar, a favor de Bocker, que depois de formular a sua teoria, não recuou ao descobrir que era extremamente impopular. Mas ao mesmo tempo não queria mais envolver-se em nenhuma controversa, com receio de voltar a ser atacado violentamente e ter seu nome arrastado da lama toda vez que um navio afundasse.

Deixou isso bem claro logo no início da entrevista. Olhou-nos com uma expressão grave, uma mecha de cabelos grisalhos caída na testa, as mãos entrelaçadas.

— Querem que eu formule uma teoria, porque nada do que podem imaginar é capaz de explicar o fenômeno. Está certo, direi o que penso. Não creio que a aceitem, mas quero deixar bem claro que o meu nome não deve ser usado. Quando o público voltar a aceitar a minha teoria, estarei pronto a expor todas as conclusões a que cheguei. Mas até lá não quero ser acusado de manter o meu nome nas manchetes através de declarações sensacionalistas. Não há dúvida quanto a isso?

Concordamos imediatamente. Já estávamos ficando acostumados ao desejo geral de anonimato.

— O que estamos tentando fazer — explicou Phyllis — é juntar os diversos pedaços de um quebra-cabeça. Se puder mostrar-nos onde um deles se encaixa, ficaremos muito gratos. Se não quiser o crédito por isso, o problema é seu.

— Perfeito. Bem, como já conhecem minha teoria a respeito dos seres inteligentes que estão nas profundezas do oceano, não preciso repeti-la. Examinemos então as suas condições atuais. Presumo que, em síntese, sejam as seguintes: depois de se estabelecerem no meio ambiente que lhes era mais apropriado, as criaturas pensaram em seguida em adaptá-lo ao que consideram uma condição civilizada, conveniente e organizada. Eles são... bem, podemos compará-los a pioneiros, colonos. Depois de alcançarem o seu destino em segurança, tratam agora de melhorar o meio ambiente e explorar o novo território ocupado. E tudo isso que está acontecendo é exatamente o resultado das atividades que estão desenvolvendo.

— Mas afinal o que eles estão fazendo? — indaguei.

— Como eu poderia saber? A julgar pela maneira como os recebemos, devem estar preocupados basicamente em armar uma defesa eficiente contra nós. Para isso, devem precisar de metais. Se pudéssemos ir ao fundo do mar, na fossa de Mindanao e também ao largo das Ilhas Cocos-Keeling, tenho quase certeza de que encontraríamos intensas atividades de mineração.

Compreendi então o seu desejo de anonimato.

— Mas como se poderia trabalhar em metais no fundo do mar? — Como seria a tecnologia que eles desenvolveram? Nós próprios possuímos uma série de técnicas que à primeira vista pareceriam impossíveis numa pressão atmosférica de cinco quilos por dois e meio centímetros quadrados. Existem também muitas coisas improváveis que podemos fazer debaixo da água.

— Mas com uma pressão de várias toneladas e numa escuridão permanente...

Phyllis interrompeu-me com a firmeza com que sempre me avisa que devo parar de argumentar e esperar.

— Dr. Bocker — disse ela — mencionou expressamente duas fossas submarinas. Por quê?

— Porque me parece ser a única explicação razoável no que diz respeito a essas duas concentrações. Talvez seja, como o Sr. Holmes disse certa vez ao ilustre homônimo do seu marido, um erro capital teorizar antes de se ter os dados do problema, mas acho também que não podemos fugir das informações que possuímos. Não conheço nada nem posso imaginar nada que seja capaz de produzir os efeitos descritos pelo Dr. Matet a não ser uma máquina incrivelmente potente para a ejeção contínua de partículas não aproveitadas.

Cansado de ser perseguido pelo fantasma do assistente de Sherlock Holmes, objetei firmemente: — Mas se a coloração das correntes está sendo causada por atividades de mineração, como sugeriu, por que os elementos encontrados são provenientes do limo e não de grãos de rocha?

— Primeiro porque seria necessário remover uma grande camada de limo antes de se chegar à rocha, onde devem existir ricos depósitos de minérios. Depois porque o limo é mais leve e subiria à superfície, enquanto os grãos de rocha, sendo mais pesados, tenderiam a cair muito antes de chegar à superfície, por menores que fossem.

Antes que eu pudesse insistir, Phyllis interrompeu-me outra vez. — E as outras áreas de concentração, Doutor? Por que mencionou apenas estas duas?

— Não estou querendo dizer que nas outras não estejam ocorrendo também atividades de mineração. Mas suspeito que, pela localização destas duas, o trabalho ali desenvolvido deve ter outros objetivos.

— Como...? — estimulou-o Phyllis, com uma expressão bem feminina.

— Comunicações, por exemplo. Um dos momentos em que a coloração das correntes atlânticas começa a se manifestar é próximo à Fossa Romanche. Trata-se de uma garganta entre as montanhas submersas da Cordilheira Atlântica. Mas, se verificarmos que constitui a única ligação profunda entre as bacias submersas do norte e do sul do Atlântico, não mais podemos estranhar os sinais de atividades ali verificados. Na verdade, a impressão que tenho é que os seres nas profundezas não se mostram satisfeitos com as condições encontradas no local. Provavelmente a garganta está bloqueada em diversos pontos pela queda de rochas, em alguns trechos deve ser estreita e de difícil acesso. Se se pretende aproveitá-la, é claro que uma das primeiras providências seria remover todo o limo e as pedras caídas, até chegar a uma camada mais sólida. É evidente que não sei o que está acontecendo nessa fossa estratégica, faço apenas suposições. Mas me parece fora de dúvida que os seres alienígenas devem estar preocupados em melhorar as condições do meio ambiente no fundo do mar... exatamente como nós fizemos na superfície da terra.

Ficamos em silêncio durante algum tempo, pensando no significado da teoria e suas implicações. Phyllis foi a primeira a se recuperar:

— E as duas outras áreas de concentração das bolas de fogo nas Antilhas e a oeste da Guatemala?

O Dr. Bocker ofereceu-nos cigarros e acendeu um para si.

— Nunca haviam pensado que, para os seres das profundezas, um túnel ligando os dois oceanos ofereceria as mesmas vantagens que obtemos com o Canal do Panamá?

As pessoas podem dizer o que quiserem sobre Bocker, mas ninguém pode afirmar que suas idéias eram mesquinhas e frívolas. E um fato permanece inalterado: até agora ninguém conseguiu desmenti-las. Acho que seu grande problema sempre foi apresentar suas teorias de forma tão grandiosa que as pessoas sentiam a maior dificuldade em digeri-las. Até comigo isso ocorreu naquele momento, embora já estivesse acostumado a aceitar teorias de grande porte. Mas esta foi uma reflexão que fiz depois. No auge da entrevista, minha preocupação era convencer-me de que ele realmente acreditava em tudo o que dizia. E a única coisa que encontrei para negar foi a minha própria resistência em aceitar.

Antes de irmos embora, ele forneceu-nos mais uma informação em que pensarmos.

— Como estão acompanhando de perto os acontecimentos, creio que já ouviram falar nas duas bombas atômicas perdidas?

Confirmamos que sim, que sabíamos do caso.

— E já sabiam que ocorreu ontem uma explosão atômica não patrocinada por nenhum país?

— Não sabíamos não. Foi uma das bombas atômicas perdidas? — indagou Phyllis.

— Gostaria de ter certeza de que era, porque não me agradaria pensar ao contrário. Mas o que é estranho é que uma das bombas se perdeu perto das Ilhas Aleutas e a outra na fossa de Mindanao... e a explosão ocorreu não muito longe de Guam, a cerca de dois mil quilômetros de Mindanao.

FASE 2

Saímos de casa bem cedo na manhã seguinte. O carro já estava pronto e estacionado diante da porta, por isso saímos pouco depois de cinco horas, tencionando percorrer a maior distância possível das estradas do sul da Inglaterra antes que o tráfego se tornasse mais intenso. Eram quatrocentos e vinte e oito quilômetros até a porta do chalé que Phyllis comprara com o pequeno legado que recebera de sua tia Helen.

Eu era favorável a um chalé a pouca distância de Londres, num raio de menos de sessenta quilômetros, mas era a tia de Phyllis que íamos homenagear e com o dinheiro de Phyllis. Assim, tornamo-nos proprietários do Chalé Rosa, em Penllyn, na Cornualha, telefone Navasgan 333. Era um chalé de pedra de cinco cômodos construído numa encosta cheia de urzes, com um telhado sem beiral, à maneira típica da Cornualha. À nossa frente corria o rio Helford e mais adiante o Lizard desaguava no mar. À noite podíamos ver o brilho do farol. À esquerda podíamos ver a costa escarpada a se estender do outro lado da baía de Falmouth. Se subíssemos uns cem metros pela encosta que protegia a nossa casa dos ventos de sudoeste, poderíamos ver as ilhas Scilly em mar aberto e o Atlântico se estendendo a perder de vista mais alem. Estávamos a dez quilômetros de Falmouth, doze de Illelston e cento e cinquenta metros acima do nível do mar.

Usávamos o chalé de uma forma quase migratória. Quando acumulávamos uma boa quantia de comissões e tínhamos idéias suficientes em estoque, íamos para a Cornualha passar algumas semanas como reclusos, escrevendo em paz e sossego tudo o que nos aprouvesse. Voltávamos depois para Londres, negociávamos os nossos artigos, renovávamos as relações profissionais, arrumávamos outras tarefas comissionadas e ficávamos aguardando o apelo e a necessidade de voltarmos à Cornualha. Às vezes simplesmente declarávamos um feriado e íamos para o nosso refúgio.

Naquela manhã consegui percorrer um bom caminho antes de tirar a cabeça de Phyllis do meu ombro, acordá-la e dizer que estava na hora do café. Ainda não eram oito horas. Paramos num bar à beira da estrada e, enquanto ela terminava de acordar para pedirmos o café, fui comprar os jornais. Quando voltei, Phyllis já despertara por completo e atacava um prato de cereais. Entreguei-lhe um dos jornais que comprara e comecei a ler o outro. A principal manchete de ambos era um desastre marítimo. Como o navio era japonês, a impressão que se tinha era de que quase nada acontecera no mundo no dia anterior.

Olhei para a notícia que havia embaixo da fotografia do navio.

Movido apenas por um interesse humano, comecei a ler os fatos. O navio que afundara era um vapor de passageiros, o Yatsushiro, que ia de Nagasaki para Amboina, nas Molucas. Das setecentas pessoas que havia a bordo somente cinco tinham sobrevivido.

Antes que eu pudesse chegar ao fim da história, Phyllis interrompeu-me com uma exclamação abafada. Olhei-a. No seu jornal não havia fotografia do navio, substituída na primeira página por um mapa da área em que afundara. Phyllis examinava atentamente o local marcado com um X.

— O que foi? — indaguei.

Ela pôs o dedo no mapa e disse: — Se bem me recordo e partindo do princípio de que o sujeito que fez o mapa era consciencioso, o local do afundamento não fica perto da nossa velha amiga, a fossa de

Mindanao?

Olhei para o mapa, procurando lembrar-me da configuração do relevo oceânico na área.

— Não pode ser muito longe — admiti finalmente.

Concentrei-me outra vez em meu jornal e li o relato com mais atenção. Dizia que as mulheres gritavam, que saíam em pânico de suas cabinas de camisola, que apavoradas se agarravam aos filhos, que a morte se abatera silenciosamente sobre o navio adormecido.

Por baixo do jargão lacrimoso usado pelos redatores ingleses para descreverem um desastre marítimo, quase nada havia em termos de informação — tão pouco, aliás, que a princípio fiquei surpreso por dois jornais grandes terem estampado a notícia em manchete, ao invés de se limitarem a uma notícia de poucas linhas. Só então percebi o mistério que havia atrás daquelas frases melodramáticas: o Yatsushiro, sem nenhum aviso prévio e aparentemente sem razão alguma, afundara subitamente como uma pedra.

Obtive mais tarde uma cópia do telegrama enviado de Tóquio sobre o desastre. Em sua sobriedade, era muito mais aterrador e dramático que as frases chorosas sobre as mulheres abraçadas a seus filhos. Não houvera inclusive muito tempo para isso. Depois de fornecer as informações concernentes, sobre a hora, o local, etc., a mensagem concluía laconicamente:

“Fazia bom tempo, não houve colisão, não houve explosão. A causa é desconhecida. O navio afundou menos de um minuto depois de soar o alarme. Os proprietários do navio disseram abre aspas é impossível fecha aspas.”

Quase não houve, portanto, tempo para gritos desesperados.

As infortunadas mulheres e homens japoneses tiveram tempo apenas de acordar e se indagarem, ainda tontos de sono, o que estava acontecendo . Logo depois a água veio sufocá-los. Não houve gritos, apenas algumas borbulhas enquanto afundavam rapidamente, prisioneiros daquele túmulo de dezenove mil toneladas de aço.”

Quando acabei a leitura, voltei a olhar para Phyllis. Ela me encarava por cima da mesa, o queixo apoiado nas mãos cruzadas.

Durante algum tempo ficamos assim, em silêncio. Foi ela quem o rompeu:

— Diz aqui no meu jornal que foi em uma das áreas mais profundas do Oceano Pacífico. Será que já começou, Mike, tão cedo assim?

Hesitei.

— É difícil dizer. Muito do que dizem aqui é inventado. Não podemos ter certeza se o navio realmente levou apenas um minuto para afundar. Acho melhor aguardarmos antes de fazer qualquer julgamento. Vamos esperar para ler o Times amanhã e sabermos o que aconteceu de fato... se é que alguém sabe.

Continuamos a viagem, a uma velocidade agora menor nas estradas movimentadas, almoçando no mesmo hotelzinho de sempre em Dartmoor e chegando ao nosso chalé na Cornualha no fim da tarde. Estávamos com sono e com fome e, embora me lembre de ter telefonado para Londres e pedido que nos remetessem todos os recortes sobre o afundamento, o desastre do Yatsushiro parecia-nos tão remoto quanto o naufrágio do Titanic.

O Times noticiou o naufrágio na manhã seguinte de forma bem cautelosa, dando a impressão de que os seus redatores não tinham praticamente informação alguma e assim não queriam enganar os seus leitores. Mas os recortes que nos chegaram no dia seguinte não se mostravam tão comedidos assim. Dividimos o bolo de recortes e lemos tudo detidamente. Ainda havia poucas informações e os comentários apegavam-se também a poucos fatos.

— Agora os jornais estão falando muito pouco nas criancinhas — observei. — O que não é de surpreender, tendo em vista a possível reação dos anunciantes.

Phyllis interrompeu-me com frieza.

— Mike, o que aconteceu não foi nenhuma brincadeira. Afinal, um navio grande afundou e cerca de setecentas pessoas morreram afogadas. E isso é terrível. A noite passada sonhei que estava fechada dentro de uma das cabinas, subitamente invadida pelas águas...

— Ontem..

Parei de falar a tempo. Ia comentar que Phyllis despejara, no dia anterior, uma chaleira de água fervendo num formigueiro, matando assim muito mais do que setecentas formigas. Era melhor não estabelecer a comparação. E emendei: — Ontem, uma porção de pessoas morreram em desastres rodoviários. E muitas outras vão morrer hoje.

— Não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra.

Ela estava certa, a emenda saíra pior do que o soneto. De qualquer forma, porém, não era a ocasião para falar de uma ameaça que encarava a raça humana assim como nós encarávamos as formigas .

— Como raça — declarei — acostumamo-nos à idéia de que a maneira conveniente de morrer é na cama, na velhice. É uma completa ilusão. O fim normal de todas as criaturas surge repentinamente. O...

Mas esta também não era a observação adequada a fazer na ocasião. Phyllis retirou-se da sala, em seus passos firmes e curtos.

Fiquei sentido. Estava também preocupado, mas reagia de forma diferente.

Mais tarde fui encontrá-la na sala de estar, olhando perdida pela janela. Lá fora, o mar azul se estendia até o horizonte.

— Mike, sinto muito o que aconteceu hoje de manhã. O naufrágio deste navio japonês deixou-me profundamente abalada. Até agora era um mistério apenas, uma espécie de quebra-cabeça. É evidente que foi uma tragédia a perda do batiscópio com Wiseman e Trant, assim como a de todos os navios de guerra com seus tripulantes. Mas o que aconteceu agora faz as coisas ficarem totalmente diferentes. Afundaram um navio grande, de passageiros, repleto de homens, mulheres e crianças inofensivos, dormindo tranquilamente, mortos em poucos segundos no meio da noite! As coisas agora mudaram, entende? Quando se trata de marinheiros, a coisa é diferente. São profissionais, assumindo o risco inerente ao seu trabalho. Mas os japoneses que morreram nada tinham a ver com o caso. Faz-me sentir que os seres que estão nas profundezas do oceano são terrivelmente reais, embora até agora os encarasse apenas como uma hipótese aceitável. Não gosto disso, Mike. De repente estou com medo, sem saber por quê.

Fui até à janela e abracei-a.

— Entendo muito bem o que está sentindo. Acho que faz parte do processo... e o que temos a fazer é impedir que nos domine.

Ela virou-se e indagou, aturdida: — Como assim?

— O que você está sentindo é parte do processo que estamos sofrendo, de reação instintiva. A idéia de uma inteligência extraterrena em nosso planeta é intolerável, por isso temos que odiá-la e temê-la. E nada podemos fazer quanto a isso. Os nossos medos nunca são racionais.

— Está querendo dizer que não me sentiria assim se soubesse que o navio foi afundado pelos chineses ou outro povo qualquer?

— Responda você mesma.

— Não sei, não consigo pensar direito...

— Quanto a mim, posso dizer que estaria fervendo de indignação. Se eu soubesse quem foi o autor de golpe tão baixo, teria pelo menos a noção de como e por que, de gente definida em quem descarregar a minha raiva. Mas, do jeito que foi, tenho uma noção muito vaga de quem foi, não possuo a menor idéia de como foi e sinto um calafrio na espinha ao pensar no porquê.

Phyllis apertou minha mão com força.

— Fico satisfeita em ouvi-lo, Mike. Estava-me sentindo muito solitária esta manhã.

— Minha capa protetora, querida, não está aqui para deixá-la desamparada. Somente eu é que fico.

Phyllis encarou-me por alguns segundos e observou, com todo um sentido implícito que ainda não estou certo de ter compreendido plenamente: — Não me esquecerei disso.

Seguiu-se um mês dos mais agradáveis, nós dois completamente absorvidos por nossas tarefas. Phyllis pesquisava para fazer um ensaio sobre fatos desconhecidos a respeito do escritor inglês William Beckford. Eu, de minha parte, entregava-me a tarefas menos literárias, procurando escrever uma série de histórias sobre os amores reais, com o título provisório de “O Coração dos Reis” ou então “Cupido Usa uma Coroa”.

O mundo exterior não vinha perturbar-nos em nosso refúgio.

Phyllis acabou o ensaio sobre Beckford, escreveu dois outros e depois retomou o trabalho em sua novela, que parecia interminável.

Prossegui incansavelmente na tarefa de descrever os amores reais, sem contaminá-los com a política, escrevendo um ou dois artigos nos intervalos, para descontraí-me um pouco. Nos dias em que fazia um tempo tão bom que achávamos um crime desperdiçá-lo, íamos para a praia tomar banho de mar ou alugávamos um veleiro. Os jornais esqueceram por completo a tragédia do Yatsushiro.

O mar profundo e as especulações a seu respeito pareciam muito distantes...

E foi então, numa quarta-feira à noite, no jornal de nove horas, que o locutor anunciou em tom solene que o Queen Anne naufragara em alto mar...

A notícia era breve. Apenas a informação sobre o naufrágio e depois um adendo:

— Ainda não existem mais detalhes a respeito, mas receia-se que o número de vítimas seja bem elevado...

O locutor fez uma pausa de quinze segundos e depois recomeçou: — O Queen Anne, atual detentor do recorde de travessia do Atlântico, era um navio que deslocava noventa mil toneladas. Foi construído...

Inclinei-me um pouco e desliguei. Olhei para Phyllis, em silêncio. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e ela passou a língua nos lábios secos.

— O Queen Anne? Não, meu Deus, não!

Ela pegou um lenço e levou-o aos olhos.

— Ó, Mike, aquele navio tão maravilhoso!

Sentei-me ao seu lado e abracei-a. Sabia que ela estava vendo o navio naquele instante como na última vez em que o visitara, ao sair de Southampton. Um navio que pode ser considerado uma obra de arte e uma criatura viva, animado e alegre, reluzindo ao sol, deslocando-se serenamente em direção ao alto mar, deixando atrás de si um rebanho de rebocadores a apitar. Eu sabia que dentro de poucos minutos minha esposa estaria, em sua imaginação, a bordo do Queen Anne, jantando em seu fabuloso restaurante, dançando no salão de festas, contemplando o mar da amurada, vendo-o de repente começar a afundar, sentindo o que os passageiros deviam ter sentido. Apertei-a fortemente, emocionado.

E naquele momento dei graças a Deus por não ter uma imaginação tão ativa, por ser mais simples, menos emotivo.

Meia hora depois o telefone tocou. Reconheci a voz com alguma surpresa.

— Olá, Freddy. O que aconteceu?

Nove e meia da noite, perdido e em férias num chalé na Cornualha, não era uma ocasião das mais propícias para se receber um telefonema do diretor de jornalismo da E.B.C.

— Estava com receio de que tivesse saído. Ouviu as notícias?

— Ouvi.

— Bem, o que queremos é que escreva alguma coisa, imediatamente, sobre esta ameaça das profundezas do oceano que tanto investigou. Vamos fazer um programa de meia hora.

— Mas a última coisa que me mandaram foi esquecer tudo isso...— As coisas mudaram inteiramente, Mike. Agora tem que fazê-lo. Não queremos que seja sensacionalista, mas precisa ser convincente. Faça o público acreditar que existe realmente alguma coisa no fundo do mar.

— Escute aqui, Freddy, se isto é alguma brincadeira...

— Não é não. É um serviço que lhe estamos entregando... e dos mais urgentes.

— Está certo. Mas gostaria de lembrar que há mais de um ano que me consideram um bobalhão que continua a dar ouvidos às teorias de um maluco. E agora você liga para mim a esta hora da noite, quando pode muito bem estar em alguma festa e fazendo uma pilhéria, e diz que...

— Não estou numa festa. Estou no escritório e vou passar aqui a noite inteira.

— Acho melhor explicar o que está acontecendo.

— Está certo. Correm rumores de que foram os russos que afundaram o Queen Anne. Alguém lançou o boato poucos minutos depois de recebermos a notícia. Por que eles fariam isso, ninguém sabe nem tem uma explicação razoável, mas acho que você compreende como as pessoas reagem quando estão emocionalmente tensas: engolem tudo sem a menor dificuldade. Tenho a impressão de que os rumores estão sendo espalhados pelo pessoal da demonstração de força para manter o respeito do inimigo, querendo agora aproveitar a oportunidade a qualquer custo.

“De qualquer forma, porém, precisamos fazer com que cessem. Caso contrário, farão pressão suficiente para obrigar o Governo a agir ou pelo menos a enviar um ultimato. Portanto, temos que impedir que a pressão aumente. E o jeito é recorrer à sua história da ameaça nas profundezas do oceano. Os jornais de amanhã vão dizer que foi isso, o Almirantado aceita participar da história, vários cientistas já se

comprometeram a apoiar, o próximo jornal da B.B.C. e também o nosso vão insinuar que foi isso o que aconteceu. Os americanos também vão contribuir, anunciando que os seres das profundezas é que foram os responsáveis pelo naufrágio. Portanto, se você quer contribuir para que as bombas atômicas não despenquem sobre as nossas cabeças, comece a escrever sua história imediatamente.

Na manhã seguinte, de comum acordo, Phyllis e eu resolvemos voltar para Londres. A primeira coisa que fizemos, ao chegarmos ao nosso apartamento, foi ligar o rádio. Foi bem a tempo de ouvirmos a notícia do afundamento do porta-aviões Meritorious e do navio de passageiros Carib Princess.

O Meritorious afundou no meio do Atlântico, mil e trezentos quilômetros a sudoeste das Ilhas de Cabo Verde. O Carib Princess afundou a menos de quarenta quilômetros de Santiago de Cuba.

Ambos afundaram em dois ou três minutos, quase não havendo sobreviventes. É difícil dizer se foram os ingleses que ficaram mais chocados com a perda de sua nova unidade naval ou se os americanos com um dos melhores liners que já singrara os mares, com a sua carga habitual de gente rica e bonita. Os dois povos já haviam ficado atordoados com a perda do Queen Anne, pois havia um orgulho comum pelos feitos da poderosa comunidade do Atlântico Norte. Agora, a linguagem com que manifestavam seu ressentimento diferia, mas os dois pareciam com um homem que recebera um soco pelas costas no meio de uma multidão e agora, de punhos cerrados, procurava furiosamente o atacante.

A reação americana foi mais extrema e imediata. Apesar do violento nervosismo diante da possibilidade de haver o dedo dos russos no naufrágio, muitos americanos acharam a idéia da ameaça do fundo do mar mais aceitável que os ingleses. E logo surgiu nos Estados Unidos um clamor para uma ação drástica e urgente, provocando reação idêntica na Inglaterra. Os americanos decidiram agir, lançando bombas de profundidade na fossa de Cayman, perto do local em que naufragara o Carib Princess. Era evidente que não podiam esperar grandes resultados do bombardeio a esmo de uma fossa com oitenta quilômetros de largura e quase setecentos de comprimento.

A expedição de revide foi amplamente divulgada nos dois lados do Atlântico. Os cidadãos americanos sentiram-se orgulhosos por suas forças navais estarem na dianteira das medidas de represália. Os cidadãos ingleses, embora insatisfeitos por verem o seu governo inativo, sem tomar decisões rápidas apesar da perda de dois grandes navios, decidiram aplaudir calorosamente a expedição americana, inclusive para demonstrar a censura implícita aos seus líderes. A frota de dez navios destacada para a missão carregava diversas bombas de profundidade de alto poder explosivo, construídas especialmente para a ocasião, além de duas bombas atômicas. Partiu da Baía de Chesapeake em meio a uma aclamação tão delirante que abafou por completo os protestos de Cuba diante da perspectiva de bombas atômicas lançadas à sua porta.

Ninguém que tenha ouvido a transmissão feita diretamente de bordo de um dos navios da força-tarefa há de esquecer os acontecimentos. O locutor tranqüilamente descrevia a marcha dos navios, ao se aproximarem do alvo escolhido, quando parou de falar subitamente, no meio de uma frase. E logo depois disse nervosamente:

— Parece que alguma coisa está acontecendo... Meu Deus! Ele explodiu!

Ouviu-se então o estrondo da explosão. O locutor começou a gaguejar, de forma incoerente, ouvindo-se logo outra explosão. Um estrépito, o som de gente correndo e gritando, as sirenas gemendo desesperadamente, e o locutor voltou a falar, ofegante, com a voz trêmula, rápido.

— Aquela explosão que ouviram, a primeira, foi o destróier Cavort. Desapareceu por completo. A segunda foi a fragata Redwood. Também desapareceu. A fragata transportava uma das duas bombas

atômicas da força-tarefa. A bomba afundou com ela. Foi construída para explodir sob pressão, a oito quilômetros de profundidade...

“Os outros navios da força-tarefa estão-se dispersando a toda velocidade, afastando-se da área de perigo. Teremos alguns minutos para escapar. Não sei dizer quantos, pois ninguém aqui sabe informar. Bem poucos, achamos todos. Cada navio está usando a força máxima de suas máquinas para afastar-se da área perigosa antes da explosão da bomba. O convés treme sob nossos pés. Estamos a toda velocidade... Todo mundo está olhando para o local em que a fragata Redwood afundou... Ei! Alguém aí sabe quanto tempo aquela bomba leva para afundar oito quilômetros?... Mas que diabo! Alguém deve saber... Estamos afastando, indo para longe... Os outros navios também, todo mundo está-se afastando o mais depressa possível... Alguém sabe qual é o alcance do repuxo a ser feito pela explosão atômica?... Mas que inferno, será que ninguém sabe de nada por aqui? Continuamos a nos afastar, cada vez mais para longe... Talvez consigamos... Só gostaria de saber qual a distância do repuxo... Mas talvez... talvez... Vamos, andem mais depressa com este navio... Dêem o máximo que ele puder, pelo amor de Deus... Arrebentem com ele, mas façam-no andar mais depressa...

“Já se passaram cinco minutos depois que a fragata Redwood afundou... Quanto será que a bomba afundou em cinco minutos?... Pelo amor de Deus, será que ninguém vai dizer-me quanto tempo esta maldita bomba leva para afundar até o momento da explosão?

“Continuamos a nos afastar... cada vez mais... a toda velocidade para salvar nossas peles... já devemos estar agora além da área de repuxo... talvez tenhamos uma chance... continuamos a ir... a toda velocidade... todo mundo está olhando para a popa... olhando e esperando... e continuamos a nos afastar, cada vez mais longe... como é que uma bomba pode levar tanto tempo assim para afundar?... Mas graças a Deus que está levando... já se passaram sete minutos agora... nada ainda... continuamos... os outros navios deixam atrás de si uma esteira branca... ainda nada... talvez a bomba fosse uma droga... ou quem sabe o mar aqui não tem oito quilômetros de profundidade?... Por que será que ninguém nos quer dizer quanto tempo leva?... Já devemos ter passado agora da zona de perigo. .. alguns dos outros navios são agora apenas pequenos pontos pretos a distância... continuamos a nos afastar...a toda velocidade... devemos ter uma chance agora... acho que realmente temos uma chance de escapar... todo mundo continua olhando para a popa... Não, meu Deus! O mar inteiro...

Neste momento a transmissão foi interrompida.

Mas o locutor sobreviveu. Seu navio e mais cinco, da força-tarefa de dez, conseguiram escapar, um pouco radioativos mas ilesos quanto ao resto. E ouvi dizer que, depois do tratamento a que foi submetido, foi asperamente censurado pela direção da emissora por ter-se utilizado de uma linguagem excessivamente coloquial que ofendera milhares de ouvintes, indignados com a quebra repetidas vezes do vocabulário tradicional dos locutores.

Foi neste dia que cessaram todas as discussões e não houve mais necessidade de nenhuma propaganda. Dois dos quatro navios perdidos na tragédia da fossa Cayman haviam naufragado em consequência dos efeitos da bomba atômica. Mas o fim dos outros dois fora inequívoco, amplamente divulgado, acabando de uma vez com os céticos e cautelosos. Não havia mais dúvida de que alguma coisa, altamente perigosa, se ocultava nas profundezas do oceano.

A onda de alarme espalhou-se rapidamente pelo mundo. Os próprios russos superaram a sua discrição nacional e admitiram que haviam perdido três navios: um cargueiro e um navio de guerra não especificado, ao largo das Ilhas Kurils, e um navio de pesquisa a leste de Kamchatka. Por isso, anunciaram que desejavam cooperar com as outras potências mundiais, a fim de acabarem com aquela ameaça à paz mundial.

No dia seguinte o governo britânico propôs que se realizasse em Londres uma Conferência Naval Internacional, a fim de serem examinadas as medidas práticas preliminares. A disposição de alguns países em discutir o local do encontro foi rapidamente sufocada pela opinião pública mundial. A conferência foi iniciada em Westminster, três dias depois da proposta oficial. No que dizia respeito à Inglaterra, a pressa era justificável. Nestes três dias haviam-se cancelado praticamente todas as passagens marítimas e os aviões estavam superlotados, exigindo inclusive vôos extras.

O Governo imediatamente baixara severas restrições sobre a venda de gasolina e outros combustíveis, iniciando um sistema de racionamento para preservar o funcionamento dos serviços essenciais.

No dia anterior ao início da conferência Phyllis e eu fomos almoçar juntos.

— Devia ver o movimento nas lojas de Oxford Street — comentou ela. — É um verdadeiro pânico de compra! Principalmente de agasalhos. As pessoas estão pagando o dobro do preço e brigando desesperadamente por produtos que na semana passada não aceitariam nem de graça.

— Pelo que me contaram, o ambiente na Bolsa também está agitado. Quem quiser comprar o controle de uma companhia de navegação, precisa gastar apenas algumas libras. Mas uma única ação de uma empresa aérea está custando uma fortuna. Estão oferecendo ações dos setores de aço e de borracha a qualquer preço. Já o setor de plásticos está subindo. Parece que as únicas ações estáveis são as das cervejarias.

— Vi um casal carregando dois sacos, um de feijão e outro de café, para um Rolls-Royce, em Piccadilly. E vi também...

Phyllis parou de falar subitamente, como se só então tivesse entendido o que eu dissera, perguntando então, com a mesma expressão que usa para tratar do orçamento doméstico: — Você se livrou daquelas ações de tia Mary daquela empresa agrícola da Jamaica?

— E já há algum tempo — tranqüilizei-a. — Por mais estranho que possa parecer, apliquei o dinheiro em empresas aéreas e no setor de plásticos.

Ela fez um gesto de aprovação, como se fosse autora das instruções a respeito. Depois se lembrou de outra coisa: — E quanto às credenciais de imprensa para a conferência que começa amanhã?

— Nenhum jornalista será admitido na conferência propriamente dita. Eles farão uma declaração conjunta ao final do encontro.

— Não vão deixar ninguém entrar? Como querem então que façamos o nosso trabalho?

Quando Phyllis se referiu ao “nosso trabalho”, as palavras já não possuíam mais o mesmo significado de uma semana antes.

Em verdade, a nossa tarefa mudara inteiramente. Já não se tratava mais de persuadir o público da existência de uma ameaça invisível.

Tínhamos é que procurar manter alto o moral do povo, diante de uma ameaça que todos agora aceitavam até um ponto de quase pânico. A E.B.C. lançou um programa especial sobre o assunto, apresentando-nos como correspondentes especiais. Não sabíamos como isso acontecera, porque Phyllis nunca trabalhara na E.B.C. e eu largara a empresa, tecnicamente, dois anos antes. Mas ninguém parecia perceber isso, a não ser o departamento de contabilidade, que nos pagava por matéria em vez de um salário fixo mensal. De qualquer forma, contudo, não poderíamos apresentar nenhuma novidade, se ficássemos limitados como os outros jornalistas às notas oficiais, sem acesso direto às fontes de informações. Phyllis ainda meditava a

respeito do assunto quando me retirei, voltando para o escritório que oficialmente não me pertencia na E.B.C.

Nos dias que se seguiram fizemos o melhor possível para apresentar ao público a imagem de homens segurando com firmeza o leme de comando e de cientistas, que haviam criado o radar e outras maravilhas, afirmando que logo encontrariam uma solução.

— Precisamos apenas de um pouco de tempo para pensar e inventaremos os equipamentos necessários para dar cabo à ameaça — diziam os homens da ciência.

Por toda parte reinava a sensação de que a confiança estava sendo restaurada.

Mas o principal fator de estabilização emocional do público derivou de uma divergência surgida em uma das comissões técnicas. Todos haviam concordado em que uma das medidas urgentes era o aperfeiçoamento de uma arma com as mesmas características de um torpedo, com o objetivo de proporcionar escolta aos navios, já que se supunha que os ataques provinham de armas parecidas com minas submersas. Aprovou-se uma moção: todos os países deveriam prestar as informações necessárias para a construção deste tipo de arma.

Mas os delegados russos apresentaram uma série de objeções. Ressaltaram, é claro, que o controle remoto de mísseis era uma invenção russa. Afirmaram depois que os cientistas soviéticos, dedicados à luta pela paz mundial, haviam desenvolvido o controle remoto a um grau muito mais adiantado que a ciência capitalista do Ocidente. Em assim sendo, não se devia esperar que os russos revelassem suas descobertas aos provocadores de guerras capitalistas.

O porta-voz ocidental declarou que respeitava o zelo na luta pela paz e o fervor com que esta era travada em todos os setores da ciência soviética (exceto, é claro, o de guerra bacteriológica), mas queria lembrar que aquela era uma conferência de todos os povos, face a um perigo comum que só podia ser enfrentado através da plena cooperação mundial.

O delegado russo respondeu francamente que duvidava muito de que o Ocidente partilhasse com o povo soviético o conhecimento do controle remoto de um míssil submerso, se a invenção fosse dos técnicos capitalistas em vez dos russos.

O porta-voz ocidental declarou então que, como o Ocidente convocara a reunião com o objetivo de promover a cooperação mundial diante da ameaça comum, não podia deixar de revelar que os seus cientistas já haviam aperfeiçoado também o sistema ao qual o delegado russo se referira.

Depois de consultas apressadas, o delegado russo afirmou que, a ser verdade a declaração capitalista, o processo só poderia ter sido obtido graças a um trabalho de espionagem. E como as duas coisas — uma afirmativa mentirosa ou a admissão de um trabalho de espionagem bem sucedido — demonstravam muito bem o desinteresse capitalista pelos altos objetivos da reunião, aos russos não restava outra alternativa que retirar-se da conferência.

Esta atitude, com a sua tranqüilizante nota de normalidade, exerceu uma influência decisiva na opinião pública, acalmando-a.

Mas, entre a satisfação geral e a confiança restaurada, uma voz se ergueu quase sozinha para discordar, a de Bocker. Era um pouco tarde, declarou ele, mas talvez não tarde demais, para se fazer uma tentativa de contato pacífico com os seres que se haviam estabelecido no fundo do mar. Eles já haviam demonstrado possuir uma tecnologia igual ou até mesmo superior à nossa. Num prazo bem curto, o que era alarmante, haviam conseguido fixar-se no fundo do mar e construir as armas necessárias à sua defesa. Diante disso,

era justificável que se encarasse seu poderio com respeito e até mesmo com apreensão.

Afirmou que as características do meio ambiente em que se desenvolviam tornavam improváveis que os interesses humanos e os daquelas inteligências xenomarinhas viessem de fato a se opor.

Antes que se criasse uma situação irreversível, deviam envidar-se todos os esforços para estabelecer contato, a fim de promover um compromisso que permitisse às duas raças conviverem pacificamente, cada uma em sua esfera de ação distinta.

Era uma sugestão das mais sensíveis — embora fosse duvidoso que a tentativa alcançasse o resultado desejado. Entretanto, como não havia a menor disposição para se chegar a qualquer acordo, o apelo passou praticamente despercebido, a não ser pelo aproveitamento por parte dos jornais da expressão “xenomarinha”.

— Acho que estão mais preocupados com o dicionário do que com a gravidade da situação — comentou Bocker, com alguma amargura. — Mas, se gostam de palavras gregas, posso oferecer muitas outras como sugestão... Cassandra, por exemplo.

Como a confirmar as palavras de Bocker, ocorreram dois fatos a que não se deu inicialmente a importância devida. O primeiro foi em Safira e o segundo na Ilha Abril.

Safira, uma pequena ilha brasileira do Atlântico, fica um pouco ao sul da linha do Equador e a cerca de seiscentos quilômetros a sudeste da ilha maior de Fernando de Noronha. Naquele local isolado, vivia uma população de aproximadamente cem pessoas, em condições primitivas, dependendo quase que totalmente dos seus próprios meios de subsistência, satisfeita com este estado de coisas e pouco interessada no resto do mundo. Dizia-se que os habitantes originais eram um pequeno grupo que ali chegara no século XVIII, quando naufragara o navio em que viajava, sendo obrigado então a permanecer na ilha, por força das circunstâncias. Quando finalmente foram descobertos, muito tempo depois, já se haviam fixado na ilha e não mais quiseram sair. Tempos depois, sem muito pensarem a respeito nem se preocuparem, deixaram de ser súditos de Portugal e tornaram-se tecnicamente cidadãos brasileiros. Mantiveram uma ligação simbólica com a pátria adotiva, que se resumia quase que exclusivamente a um navio que ali aportava de seis em seis meses para efetuar algum intercâmbio comercial.

Normalmente o navio visitante precisava apenas tocar o apito para que os habitantes da ilha saíssem correndo de suas cabanas, embarcando em seus poucos barcos de pesca para formarem um comitê de recepção, do qual só não participavam os enfermos e as crianças de colo. Mas daquela vez, no entanto, o lamento do apito ecoou em vão pela pequena baía e fez apenas espantar as aves marinhas. Nenhum safirense apareceu na porta de sua cabana. O navio apitou outra vez...

A costa de Safira é um pouco acidentada, mas mesmo assim o navio pôde aproximar-se o suficiente para que se enxergasse a aldeia. Mas não havia o menor sinal dos habitantes. E, o que era mais terrível, das chaminés das cabanas não saía fumaça alguma.

O comandante do navio ordenou que se baixasse um escaler e alguns marinheiros remassem até a terra, com o imediato no comando do pequeno grupo. Eles remaram rapidamente e logo alcançaram o pequeno cais. Permaneceram juntos, um pouco assustados diante do silêncio reinante. O único som eram das aves marinhas e das ondas arrebatando-se no cais.

— Devem ter ido embora, todos eles, pois os botes desapareceram — disse um dos marinheiros, já nervoso.

O imediato nada disse, mas abriu a boca e desferiu um berro alto, como se tivesse mais confiança em

seus pulmões que no apito do navio,

Ficaram aguardando uma resposta, mas o único som novo que ouviram foi o eco do berro do imediato no outro lado da baía.

— É melhor darmos uma olhada — sugeriu finalmente o imediato. O nervosismo que dominara o grupo fez com que todos permanecessem juntos, seguindo atrás do imediato. Aproximaram-se de uma das cabanas de pedra em que os safirenses moravam. A porta estava entreaberta. Entraram.

O cheiro era terrível, em decorrência de algumas postas de peixe podre em diversos pratos colocados à mesa. Quanto ao mais, a cabana estava limpa e arrumada, pelos padrões locais. Não havia o menor indício de desordem nem de que haviam saído dali às pressas. Nos outros cômodos, as camas estavam prontas para se dormir. Os ocupantes deviam ter ido embora há poucas horas, a se julgar pelo peixe nos pratos e pelas cinzas ainda quentes da lareira.

Na segunda e na terceira cabanas havia a mesma impressão de ausência não premeditada. Na quarta encontraram um bebê morto em seu berço. Os marinheiros voltaram ao navio, aturdidos e amedrontados.

Entraram em contato, pelo rádio, com o Rio, que sugeriu então que examinassem minuciosamente a ilha inteira. A tripulação iniciou a tarefa com alguma relutância, os homens procurando manter-se agrupados. Mas, como nada encontrassem de pavoroso, aos poucos foram ganhando confiança.

No segundo dia descobriram um grupo de quatro mulheres e seis crianças escondido em duas cavernas numa colina. Estavam todos mortos há algumas semanas, aparentemente de fome. Ao fim do terceiro dia de busca, o comandante do navio convenceu-se de que, se algum sobrevivente havia, se devia estar escondendo deliberadamente. Foi só então que, comparando-se as observações recolhidas na ilha, verificou-se que só restavam uma dúzia de ovelhas e duas ou três dúzias de cabras, dos rebanhos de muitas centenas que existiam antes.

Assim, a tripulação tratou de enterrar os corpos encontrados, enviou pelo rádio um relatório completo ao Rio e pôs-se ao mar, deixando Safira e os animais sobreviventes entregues aos cuidados das aves marinhas.

Algum tempo depois as agências noticiosas transmitiram um relato do acontecimento ao mundo inteiro. Alguns jornais publicaram a notícia em poucas linhas, mas ninguém deu a importância devida nem se preocupou em investigar o assunto mais a fundo.

O caso da Ilha Abril foi pouco diferente e talvez permanecesse ignorado por muito tempo, se não fosse a coincidência do interesse simultâneo das autoridades pelo lugar.

Um grupo de descontentes javaneses, descritos de várias maneiras, como contrabandistas, terroristas, comunistas, patriotas fanáticos, bandidos ou simplesmente rebeldes, há algum tempo vinha agindo no país, em grande escala. Há anos que as autoridades perseguiram os rebeldes, sem ter a menor idéia de onde se refugiavam. Foi então que um informante revelou que eles se haviam apoderado da Ilha Abril e lá estavam refugiados. O governo ordenou imediatamente uma expedição para capturá-los.

A fim de diminuir o risco de pessoas inocentes, mantidas como reféns, saírem feridas, decidiu-se que a expedição se aproximaria da ilha durante a noite. À luz das estrelas, a canhoneira foi atracar numa baía pouco usada, escondida da aldeia principal por um promontório. Um grupo bem armado, acompanhado pelo informante que servia como guia, desembarcou então, com a missão de tomar a aldeia de surpresa. A canhoneira afastou-se e ficou escondida na ponta do promontório, aguardando que o grupo que desembarcara a chamasse para dominar a situação.

Haviam calculado que o grupo levaria quarenta e cinco minutos para cruzar o istmo e depois mais uns dez ou quinze minutos para postar-se em torno da vila, em posições estratégicas. Assim, foi com preocupação e surpresa que os homens a bordo ouviram, menos de quarenta minutos depois do desembarque, os disparos insistentes de armas automáticas.

Perdido o elemento surpresa, o comandante ordenou que a canhoneira avançasse a toda velocidade. Neste momento o som dos tiros foi abafado por uma explosão forte que ficou ecoando pela noite. A tripulação da canhoneira se entreolhou perplexa: o grupo que desembarcara carregava apenas rifles automáticos e granadas de mão, nada que pudesse provocar uma explosão como aquela.

Houve silêncio durante alguns segundos, depois recomeçou o matraquear dos rifles automáticos. Desta vez continuou por mais tempo, em rajadas intermitentes, até silenciar definitivamente depois de outra explosão.

A canhoneira contornou o promontório. Na escuridão da noite era inteiramente impossível descobrir o que estava acontecendo na aldeia, a três quilômetros de distância. Viu-se então um brilho qualquer a distância, logo seguido de outro, voltando-se a ouvir o som de disparos. A canhoneira, prosseguindo em seu caminho a toda velocidade, acendeu os holofotes. A aldeia e as árvores ao seu redor subitamente adquiriram vida. Mas entre as casas não se via ninguém. O único sinal de movimento eram algumas borbulhas na água, a poucos metros da praia. Alguns tripulantes afirmaram depois que viram uma forma escura e ondulada desaparecer na água à direita da canhoneira.

Chegando o mais perto possível da praia, a canhoneira fez a reversão dos motores e ficou ali, à espreita. Os holofotes vasculharam as cabanas e as árvores ao redor da aldeia. Todas as coisas iluminadas pelo feixe de luz pareciam dotadas de um estranho brilho.

No convés, os homens acompanhavam atentamente o feixe de luz com os dedos prontos no gatilho. Os holofotes deram mais algumas voltas pela aldeia e depois se detiveram, iluminando algumas submetralhadoras abandonadas na areia, bem perto da água.

Uma voz forte chamou os homens que haviam desembarcado menos de uma hora antes. Não houve resposta. Os holofotes recomeçaram a busca, intrometendo-se por entre as cabanas, tentando devassar o mato mais além. Mas nada se movia. Os holofotes voltaram a iluminar a praia e se detiveram em cima das armas abandonadas. O silêncio parecia adensar-se.

O comandante não permitiu que ninguém desembarcasse até o dia clarear. A canhoneira ancorou ali mesmo e ficou esperando.

Durante o resto da noite os holofotes vasculharam a aldeia, que parecia um cenário preparado no qual os atores surgiriam a qualquer momento. Só que não apareceram.

De manhã, um grupo de cinco homens fortemente armados, sob o comando do primeiro-oficial remou cautelosamente até a praia, sob a cobertura dos canhões do navio. Desembarcaram perto das armas abandonadas e recolheram-nas para examiná-las.

Todas elas pareciam cobertas por uma fina camada de limo. Os homens colocaram-nas no bote e lavaram as mãos para remover o limo. Em quatro pontos a praia estava marcada por sulcos largos que iam da beira da água até as cabanas. Tinham cerca de dois metros e meio de largura e eram abaulados. A profundidade no meio do sulco era de cerca de quinze centímetros. Nas extremidades a areia estava um pouco acima do nível da praia. A julgar por aquela trilha, concluiu o primeiro-oficial, deviam ter puxado uma caldeira redonda pela praia. Examinando os sulcos mais atentamente, concluir que um deles indubitavelmente seguia na direção do mar, enquanto que os outros três indicavam claramente que os objetos que por ali haviam passado, o que quer que fossem, haviam emergido do oceano.

Esta descoberta fez com que voltasse a examinar a aldeia, mais cautelosamente do que antes. Ao fazê-lo, viu que o brilho estranho observado à luz dos faróis continuava a existir à luz do sol. Ficou contemplando a aldeia e o mato ao redor, preocupado e cauteloso, durante alguns minutos. Depois sacudiu os ombros e resolveu avançar, ajeitando a coronha da sub-metralhadora no ombro. E lentamente, olhando para a esquerda e para a direita, à espreita do menor movimento, foi conduzindo seus homens em direção à aldeia.

A aldeia era formada por diversas cabanas, de tamanhos diversos, dispostas em semicírculo em torno de uma clareira. Quando chegaram mais perto, tornou-se evidente a razão do estranho brilho que haviam observado. O chão, as próprias cabanas e as árvores ao redor estavam cobertas por uma fina camada de limo, igual à que haviam encontrado nas armas.

O grupo prosseguiu lentamente, até chegar ao meio da clareira. E ali ficou parado, cada homem olhando para fora da aldeia, examinando atentamente cada palmo de terreno. Não havia o menor ruído, nenhum movimento, a não ser o farfalhar de algumas folhas de palmeiras agitadas suavemente pela brisa da manhã. Os homens começaram a respirar mais calmamente.

O primeiro-oficial afastou os olhos das cabanas e examinou o chão ao seu redor. Uma porção de fragmentos de metal estava espalhada pelo chão. Quase todos eram arredondados e, sem exceção, cobertos pela mesma camada de limo. Curioso, revirou um com a ponta da bota mas o fragmento nada significava para ele. Levantou os olhos outra vez para as cabanas e decidiu-se pela maior.

— Vamos revistar aquela.

Toda a parte da frente rebrilhava com o limo pegajoso. Empurrou a porta destrancada com um pontapé e foi o primeiro a entrar. Quase não havia sinais de violência, a exceção de dois bancos virados a indicar que os ocupantes haviam feito uma retirada às pressas. E lá dentro não havia ninguém, vivo ou morto.

Eles saíram. O primeiro-oficial olhou para a cabana ao lado, examinando-a atentamente como se visse logo diferente. Foi então examinar a parede lateral da cabana que haviam acabado de revistar. Ela estava seca e não havia o menor sinal de limo. Ele voltou a examinar as árvores ao redor da aldeia.

— Parece que alguma coisa, colocada bem no centro da aldeia, borrifou todas as coisas por aqui com limo.

Um exame mais detalhado confirmou a idéia mas não acrescentou mais nenhuma informação.

— Mas como? — murmurou o primeiro-oficial estarecido. — E com quê? Por quê?

— Alguma coisa veio do fundo do mar — disse um dos seus homens, olhando nervosamente para a praia.

— Algumas... três, para ser exato — corrigiu o primeiro-oficial. Retornaram ao centro do semicírculo. Era evidente que a aldeia estava deserta e não havia muito mais coisas a descobrir naquele momento.

— Peguem alguns desses fragmentos de metal — ordenou o primeiro-oficial. — Talvez signifiquem alguma coisa para alguém.

Ele próprio foi até uma cabana, encontrou uma garrafa vazia e encheu-a com resíduos do limo, tapando-a depois.

— Isto está começando a cheirar mal, agora que o sol está mais forte — disse ele ao voltar. — Vamos embora. Nada mais há que possamos fazer aqui.

De volta à canhoneira, sugeriu que se tirassem fotografias dos sulcos na praia e mostrou ao comandante os fragmentos de metal, já limpos do limo.

— É um metal estranho. Parece chumbo, mas é muito leve. Olhando-o assim, a impressão é de que se

trata de alguma liga especial. Já tinha visto algo parecido, senhor?

O comandante sacudiu a cabeça em negativa, comentando que o mundo estava cheio de ligas de metal estranhíssimas. O homem que fora fotografar os sulcos voltou logo depois e o comandante decidiu:

— Vamos apitar mais algumas vezes. Se ninguém aparecer, iremos atracar em outro local para ver se descobrimos algum habitante que nos possa contar o que aconteceu.

Duas horas depois a canhoneira aproou para uma pequena baía na costa nordeste da ilha. Havia uma aldeia parecida com a primeira, embora menor, perto da margem, formando um semicírculo em torno de uma clareira. A semelhança era desagradavelmente acentuada pela ausência de sinal de vida e por quatro sulcos largos na praia.

Um exame mais detalhado mostrou que havia pelo menos uma diferença marcante: dos quatro sulcos, dois eram de objetos que haviam saído do mar e dois dos mesmos objetos voltando para o mar. E na aldeia deserta também não havia o menor vestígio de limo. O comandante examinou o mapa da ilha e franziu a testa, preocupado. Apontou para outra baía e disse: — Muito bem, vamos tentar esta aqui.

Desta vez não encontraram sulcos na praia, mas a aldeia também estava deserta. A canhoneira apitou outra vez e insistiu.

Com binóculos, examinaram as redondezas. O primeiro-oficial foi quem viu:

— Há um homem naquela colina lá atrás, senhor. Está acenando para nós com a camisa ou algo parecido.

O comandante também focalizou o seu binóculo na direção indicada.

— Há mais dois ou três homens à sua esquerda.

A canhoneira apitou mais duas vezes e aproximou-se da praia. Baixaram o bote.

— Espere até eles se aproximarem — determinou o comandante. — Descubra se houve alguma epidemia ou algo parecido antes de desembarcar.

Ficou observando a cena da ponte de comando. Depois de algum tempo, oito ou nove nativos apareceram por entre as árvores, uns cem metros a leste da aldeia. Saudaram os tripulantes do bote, que se aproximou de terra. Os homens dos dois lados gesticularam e gritaram até que o bote, finalmente, atracou em terra. O primeiro-oficial fez um gesto com o braço convidando os nativos a se aproximarem. Mas eles continuaram a alguma distância da praia, junto as árvores. Finalmente o primeiro-oficial desembarcou e caminhou até o lugar em que estavam os nativos. Discutiram animadamente por algum tempo. Era evidente que os nativos recusavam com firmeza um convite para subirem a bordo da canhoneira. O primeiro-oficial terminou voltando sozinho para o bote.

— Qual foi o problema? — indagou o comandante assim que ele retornou.

— Eles não virão até aqui, senhor.

— O que há com eles?

— Estão bem, senhor, mas dizem que o mar não oferece a menor segurança.

— Eles podem ver que conosco não correm o menor perigo. O que estão alegando?

— Dizem que várias aldeias da costa foram atacadas e que a deles poderá sê-lo também a qualquer momento.

— Atacadas? Mas por quem?

— Talvez fosse melhor o senhor ir a terra e conversar com eles... — Enviei um bote para que fosse buscá-los para conversarem comigo. Isso deveria ser o suficiente.

— Receio que eles não virão de jeito nenhum, senhor, a não ser a força.

O comandante franziu o cenho, impressionado. — Estão com tanto medo assim? Afinal, quem os atacou? O primeiro-oficial umedeceu os lábios, seus olhos evitaram os do comandante.

— Eles dizem, senhor, que as aldeias foram atacadas por baleias ...

O comandante o encarou, atônito.

— Eles dizem o quê?

O primeiro-oficial parecia extremamente infeliz.

— Sei que é estranho, senhor, mas é o que eles insistem em dizer. Eram baleias e lulas gigantes. Mas acho que se o senhor conversasse com eles...

A notícia sobre o misterioso acontecimento da Ilha Abril não estourou como uma bomba, como se costuma dizer nos meios jornalísticos. Coisas estranhas que ocorriam num atol que nem ao menos figurava na maioria dos atlas não podiam constituir uma notícia de maior importância. As poucas linhas com que o acontecimento foi registrado pelas agências telegráficas não chamaram a atenção de ninguém. Possivelmente o assunto teria passado despercebido se um jornalista americano que passava por Djacarta não tivesse ouvido um relato e feito uma viagem à ilha, escrevendo então uma reportagem para uma revista semanal.

Outro jornalista, lendo-a, ligou os misteriosos acontecimentos na Ilha Abril ao mistério de Safira e anunciou a nova ameaça na edição dominical de um grande jornal. Sua reportagem antecedeu de um dia o sensacional comunicado da Comissão Permanente de Ação, que trouxe o mistério das profundezas do oceano de volta às manchetes. O comunicado anunciava que numerosos navios haviam naufragado no último mês, reconhecendo que as áreas em que os naufrágios haviam ocorrido eram muito mais amplas do que os limites de perigo que até então se imaginavam. Recomendava, em conseqüência, até a criação de novas e eficientes armas de defesa, que todos os navios deviam evitar a travessia de águas profundas, mantendo-se o mais possível sobre as plataformas continentais.

Era claro que a Comissão não desferiria um golpe tão profundo na confiança que ressurgia na navegação marítima, se não possuísse razões muito fortes. Apesar disso, os armadores reagiram violentamente, acusando os membros da Comissão de alarmistas incoseqüentes e até de possuírem interesses escusos nas empresas aéreas. Disseram que, a ser seguida a recomendação, os transatlânticos teriam que seguir pela Islândia e pela Groenlândia ou então pela Baía de Biscay e pela costa africana. O comércio no Pacífico tornar-se-ia impossível e a Austrália e a Nova Zelândia ficariam isoladas. A recomendação da Comissão era um erro chocante e lamentável, mostrando também uma ausência imperdoável de senso de responsabilidade. A Comissão não poderia emitir um comunicado desse tipo sem consultar todas as partes interessadas. E concluía dizendo que, se fossem adotadas aquelas medidas ditadas pelo pânico injustificado, todo o comércio marítimo mundial iria virtualmente cessar. Uma recomendação que não podia ser executada nunca deveria ter sido dada.

A Comissão procurou defender-se. Argumentou que não fizera nenhuma determinação, apenas recomendara. Os navios deveriam evitar atravessar trechos extensos em que a profundidade fosse superior a três mil e quinhentos metros, para não se exporem desnecessariamente ao perigo.

Os armadores retrucaram asperamente, declarando que era dizer a mesma coisa que antes, em outras palavras. Publicaram em quase todos os jornais a defesa dos seus argumentos, reproduzindo mapas oceanográficos completos.

Todavia antes que a Comissão pudesse manifestar-se novamente, toda e qualquer resposta tornou-se supérflua. Dois navios de passageiros naufragaram no mesmo dia. um no meio do Atlântico e outro no Pacífico Sul: o italiano Sabina e o alemão Vorpom-mern. A notícia desses naufrágios foi anunciada às oito horas de uma noite de sábado. Os jornais de domingo aproveitaram a oportunidade e pelo menos seis criticaram violentamente a incompetência oficial, fixando a orientação que o resto da imprensa adotaria.

Na quarta-feira telefonei para Phyllis.

De vez em quando lhe acontecia, quando éramos obrigados a passar uma temporada muito longa em Londres, cansar-se subitamente das lides com o mundo civilizado e precisar de um descanso imediato. Se eu também estava livre, saíamos juntos da cidade.

Mas, se algum compromisso me prendia em Londres, ela ia sozinha comungar com a natureza. De um modo geral, Phyllis sempre voltava espiritualmente renovada, uma semana depois. Desta vez, porém, a comunhão com a natureza já durava quase quinze dias e eu ainda não recebera o cartão-postal que habitualmente precedia a sua chegada de um dia, quando não chegava no dia seguinte.

O telefone no chalé tocou insistentemente durante bastante tempo. Eu já estava a pique de desistir quando Phyllis atendeu.

— Olá, querido.

— Podia ser o açougueiro ou então o fiscal do imposto de renda — repreendia suavemente.

— Eles teriam desistido antes. Desculpe eu demorar a atender, mas estava muito ocupada lá fora.

— Estava escavando o jardim para ver se encontra algum tesouro?

— Não. Estava fazendo um muro.

— Como? A ligação não está muito boa, acho que não entendi direito.

— Repito então, querido, estava fazendo um muro.

— Essa não.

— É uma coisa fascinante. Sabia que existem várias espécies diferentes de tijolos? E além disso...

— O que está construindo, querida? Uma casinha para guardar ferramentas?

— Não, estou fazendo apenas um muro. Li em algum lugar que nos momentos de tensão Winston Churchill gostava de fazer um muro para se acalmar. E achei que bem valeria a pena tentar uma distração que conseguia tranquilizar o velho Churchill.

— Espero que tenha acabado com a sua tensão.

— E como! Não imagina como é repouante ir ajeitando um tijolo em cima do outro e...

— Escute, querida, os minutos são preciosos. Telefonei para avisar que é muito importante a sua vinda urgente para Londres.

— Fico feliz em saber que sente a minha falta, mas não quero deixar um trabalho pela metade e...

— Não sou eu... isto é, não sou apenas eu quem está pedindo a sua volta a Londres. A E.B.C. quer falar urgente conosco.

— Sobre o quê?

— Não sei. Eles não querem dizer, mas estão insistindo.

— E quando, querem conversar conosco?

— Freddy sugeriu que jantássemos na sexta-feira. Pode chegar até lá?

— Posso sim. Darei um jeito. Deixe-me ver... Muito bem, espere-me no trem que chega em Paddington às seis horas.

— Ótimo. Estarei à sua espera. E há também outra razão para você voltar, Phyl.

— Qual é?

— Uma cama solitária, a poeira do tempo, o amargor da vida, o...

— Mike, querido, você está ensaiando.

— E o que mais eu tinha para fazer?

Chegamos apenas vinte minutos atrasados, mas Freddy Whittier devia estar com uma sede de muitos anos pela sofreguidão com que nos levou até o bar. Desapareceu no meio da multidão que cercava o bar com uma violência calculada e emergiu poucos minutos depois com uma bandeja com duas séries de sherries duplos e simples.

— Os duplos primeiro — disse ele.

Logo sua mente voltou ao normal. Parecia-se mais com ele próprio e passou até a perceber as coisas ao redor. Chegou mesmo a notar as mãos de Phyllis, os nós dos dedos esfolados e um esparadrapo grande nas costas da mão esquerda. Ele franziu a testa e teve a impressão de que ia dizer alguma coisa, mas calou-se a tempo. Surpreendi-o então a examinar discretamente o meu rosto e as minhas mãos.

— Minha esposa — expliquei — passou alguns dias no campo. E você devia saber que esta é a temporada em que as pessoas do interior apanham a famosa febre de construção de muros.

Ele pareceu aliviado, mas sem demonstrar o menor interesse pelo assunto.

— Quer dizer então que o velho espírito de equipe continua inalterado?

Sacudimos a cabeça, resolutos.

— Ótimo, porque tenho uma missão para os dois.

Começou então a explicar-nos de que se tratava. Um dos mais antigos anunciantes da E.B.C. achava que já se devia ter uma descrição, senão fotografias, e provas concretas sobre a natureza dos seres que habitavam as profundezas do oceano.

— Trata-se de um homem de percepção — comentei. — Há cinco ou seis anos...

— Cale-se, Mike — ordenou minha querida esposa.

— Na opinião deste anunciante — continuou Freddy — as coisas chegaram a tal ponto, que é melhor ele gastar logo de uma vez uma boa parte do seu dinheiro enquanto ainda tem algum valor, sendo maravilhoso se com isso puder obter ao mesmo tempo algumas informações valiosas. E, se se descobrir alguma coisa, ele acha que não há motivo para não tirar o proveito que puder. Assim, ele se propõe a financiar uma expedição que possa descobrir alguma coisa. É claro que será assinado um contrato e ele terá o patrocínio exclusivo. Por falar nisso, o assunto é altamente confidencial, pois não queremos que a B.B.C. também faça a mesma coisa.

— Olha, Freddy, há muitos anos que todo mundo está tentando descobrir alguma coisa, inclusive a B.B.C. O que então...

— Expedição para onde? — indagou Phyllis com um espírito muito mais prático do que o meu.

— Esta, evidentemente, foi a nossa primeira pergunta. Mas ele não sabe. Diz que Bocker é que está cuidando de tudo.

— Bocker? Mas ele não tinha virado um pária intocável ou coisa assim?

— Seu prestígio recuperou-se bastante. Foi inclusive o que nosso anunciante ressaltou. Disse que, se deixássemos de lado as histórias ridículas sobre seres do espaço exterior, Bocker era então o homem que mais acertara em suas suposições. Ele então foi procurar Bocker e perguntou onde achava que as criaturas aparecidas em Safira e na Ilha Abril iriam mostrar-se em seguida. Bocker nada lhe disse, é claro, mas conversaram durante algum tempo e o anunciante terminou concordando em financiar uma expedição a ser dirigida por Bocker, para um lugar que o próprio Bocker vai escolher. E tem mais: a seleção do pessoal também fica aos cuidados de Bocker. E vocês dois podem fazer parte da equipe, com a bênção da E.B.C. e desde que concordem.

— Ele sempre foi o meu ógrafo preferido — disse Phyllis. — Quando começamos?

— Espere um pouco — interrompi. — Era uma vez um tempo em que as viagens marítimas eram recomendadas como tratamento de saúde. Hoje, no entanto, além de não serem nada saudáveis...

— Pelo ar — explicou Freddy. — Todo mundo irá de avião. Talvez indo de barco pudessem obter mais informações sobre os seres lá de baixo, só que preferimos que possam trazer de volta tudo o que descobrirem.

Durante a noite, a intervalos irregulares, Phyllis deixava transparecer no rosto alguma preocupação. Quando chegamos a casa, eu disse:

— Olhe, se preferir não aceitar a missão...

— Ora, mas é claro que vamos. Mas será que quando Freddy falou em financiamento total, isso significava inclusive que podemos comprar roupas e outras coisas necessárias à viagem?

— Gosto do ócio... quando posso esquentar-me ao sol — comentou Phyllis.

De onde estávamos sentados, a uma mesa coberta por um guarda-sol, em frente ao Grand Hotel Britannia y la Justicia, nome absolutamente misterioso em suas origens, podíamos contemplar, ociosamente, a tranqüilidade ou a atividade. A tranqüilidade ficava à direita: era o mar de um azul intenso que refulgia ao sol por muitos e muitos quilômetros, até desaparecer na linha do horizonte. A praia, encurvando-se como um arco, terminava num promontório coberto de palmeiras, tremendo como miragens no calor tropical. O cenário não devia ser muito diferente do tempo em que a ilha fazia parte das Antilhas espanholas.

À esquerda tínhamos uma amostra de atividade, na capital e única cidade da ilha Escondida.

O nome derivava provavelmente dos piratas que deviam outrora se refugiar ali; e, apesar de todos os contratemplos que ocorrem nesta região, conseguira conservar o nome e também a sua característica de antiga colônia espanhola. As casas pareciam espanholas, o temperamento dos habitantes era espanhol, a língua era mais a espanhola que a inglesa. E do lugar onde estávamos sentados, conhecido por todos como a plaza, podíamos ver a igreja do outro lado, com os stands do mercado na frente, parecendo ter saído de um livro sobre o estilo arquitetônico espanhol. A população, no entanto, não era tão espanhola assim, indo dos brancos queimados de sol aos pretos retintos como carvão. Somente uma caixa de correio pintada de vermelho preparava o turista desavisado para a surpresa de descobrir que a cidade se chamava Smithtown — mas o próprio nome possuía uma aura romântica, ao se verificar que o Smith

homenageado fora um dos piratas mais prósperos da região.

Por trás de nós e do hotel, erguia-se uma das duas montanhas que fazia Escondida subir em direção ao céu. Era como se fosse um pico inteiramente nu, com um xale de vegetação nos ombros. Entre o sopé da montanha e o mar, estendia-se uma prateleira rochosa, com a cidade abrigando-se em sua extremidade mais larga.

E era ali também que estava abrigada, há cinco semanas, a Expedição Bocker.

Bocker criara um sistema de probabilidades próprio. Depois de efetuar todas as eliminações possíveis, chegara finalmente a uma lista de dez ilhas que reuniam as maiores possibilidades de serem as próximas a sofrerem um ataque. E o fato de quatro delas estarem nas Antilhas foi decisivo para fixar o rumo que iríamos seguir. Isso fora o máximo a que ele se arriscara pelo simples estudo dos mapas. Assim, pegamos um avião e fomos parar em Kingston, na Jamaica. E ali ficamos uma semana, em companhia de Ted Jarvey, o cinegrafista, Leslie Bray, o encarregado do som, e Muriel Flynn, uma das assistentes técnicas, enquanto Bocker e dois assistentes homens tomavam um avião cedido pelas autoridades e consideravam as atrações rivais da Grande Cayman, da Pequena Cayman, da Cayman Torta e de Escondida. O raciocínio que o levou a escolher Escondida era perfeito, por isso é que foi uma pena que, dois dias depois de termos desembarcado em Smihtown com todo o nosso equipamento, uma aldeia na Grande Cayman tenha sido escolhida para sofrer o primeiro ataque dos seres das profundezas naquela parte do mundo.

Entretanto, se ficamos desapontados, ficamos também impressionados. Era evidente que Bocker não se limitara a um trabalho de adivinhação. A proximidade do ataque mostrou que realizara uma pesquisa a sério.

O avião levou quatro de nós até lá, assim que recebemos a notícia. Infelizmente pouco pudemos descobrir. Ainda havia a marca dos sulcos na praia, mas quase indistinta pela pisada de muitos pés. Dos duzentos e cinquenta habitantes da aldeia, a maioria escapara correndo no início do ataque. Os outros haviam simplesmente desaparecido. O ataque fora realizado à noite, por isso ninguém pudera ver muita coisa. E cada sobrevivente sentia-se na obrigação de contar aos visitantes uma história de acordo com o dinheiro que lhe dessem, fazendo assim com que o mistério rapidamente se transformasse em folclore.

Bocker declarou que ficaríamos onde estávamos. Não haveria a menor vantagem em ir de um lado para o outro, pois estarmos no lugar certo na hora certa seria meramente uma questão de sorte. E Escondida, além de todas as suas características propícias a um ataque, tinha a vantagem de ser uma ilha com uma só cidade.

Assim quando o ataque viesse — e tinha certeza de que viria, mais cedo ou mais tarde — seria certamente desferido contra Smihtown. Achávamos que ele sabia o que estava fazendo, mas nas duas semanas seguintes começamos a duvidar de sua acuidade. O rádio trouxe-nos as notícias de uma dúzia de ataques — todos, à exceção de uma pequena incursão nos Açores, haviam ocorrido no Pacífico.

A conclusão a que chegamos, um pouco deprimidos, é que talvez estivéssemos no hemisfério errado.

Quando falo em nós, devo admitir que me estou referindo basicamente a mim. Os outros continuavam a analisar as informações recebidas e prosseguiam impassivos em seus preparativos.

Um dos pontos fundamentais é que nenhum ataque fora realizado durante o dia. Seria, portanto, da maior importância que se garantisse à cidade uma boa iluminação. Depois que o conselho municipal se convenceu de que aquilo nada lhes custaria, houve uma intensa atividade, com a instalação de refletores nas árvores, nos postes, nas casas e principalmente nas proximidades da praia. Todos os refletores estavam ligados a interruptores no quarto de Ted, no interesse das suas câmaras.

Os habitantes acharam que estávamos preparando alguma *fiesta* e o conselho municipal concluiu que éramos vítimas de uma espécie suave e inofensiva de loucura. Mas, como estávamos pagando pelo consumo extra de energia, nada tinham que objetar.

A maioria de nós estava-se tornando cética quanto a toda aquela história, quando o incidente da Ilha Gallows, nas Bahamas, deixou todo o Caribe extremamente nervoso e preocupado.

Port Anne, a cidade principal de Gallows, e três aldeias costeiras foram atacadas na mesma noite. Metade da população de Port Anne e quase todos os habitantes das três aldeias desapareceram misteriosamente. Os que sobreviveram se haviam trancado em suas casas ou fugido. Mas desta vez muitas pessoas concordavam em que haviam visto coisas — como se fossem tanques, só que maiores do que os comuns, emergindo da água e subindo suavemente pela praia. Devido à escuridão, à confusão e à rapidez com que os sobreviventes fugiram ou se esconderam, pouco se sabia sobre o que esses tanques haviam feito a seguir. As informações a respeito eram basicamente o produto da imaginação dos sobreviventes. Um fato, porém, era inegável: dos quatro lugares atacados, mais de mil pessoas haviam desaparecido durante a noite.

Imediatamente houve uma mudança de atitude. Os habitantes de cada ilha despiram-se de sua indiferença e senso de segurança, convencendo-se de que a sua aldeia seria o cenário do próximo ataque. Armas antigas e não muito seguras foram desencavadas do fundo dos baús e limpas com esmero. Organizaram-se patrulhas e os ilhéus, pela primeira vez na vida, prestaram um serviço quase militar, com uma basófia maravilhosa. Propôs-se inclusive a criação de um sistema aéreo de defesa das ilhas.

Mas na semana seguinte não ocorreu nenhum novo ataque na região e o entusiasmo inicial aos poucos se desvaneceu. Na verdade, durante aquela semana, houve uma pausa nas atividades submarinas no mundo inteiro. A única notícia de um ataque veio das ilhas Kurils. Mas, a se julgar pela mente eslava e pelo fato de não se informar a data precisa, era de se pressupor que os russos haviam estudado cuidadosamente todos os ângulos do problema antes de revelarem ao mundo o acontecimento.

No décimo dia depois do alarme, o espírito natural de Escondida de deixar tudo para *mañana* retomara o seu domínio sobre os habitantes. Durante a noite e a *siesta* a cidade adormecia, cochilando no resto do tempo. Nós fazíamos a mesma coisa. Era difícil acreditar que a situação não continuasse a decorrer assim, imutável, por muitos e muitos anos.

E, pouco a pouco, fomos integrando na paisagem. Muriel começou a explorar, na maior alegria, a flora da ilha. Johnny Talton, o piloto, ficava a maior parte do tempo acordado, freqüentando um café onde uma encantadora *señorita* fazia a gentileza de lhe ensinar o dialeto da ilha. Leslie também se integrara, comprando um violão e tocando-o com freqüência em seu quarto. Phyllis e eu de vez em quando comentávamos que poderíamos escrever roteiros excelentes, se tivéssemos a energia necessária para tanto. Somente Bocker e seus dois auxiliares diretos, Bill Weyman e Alfred Haig, mantinham o espírito resoluto que nos animara a todos no princípio. Se o anunciante nos tivesse visto naquela ocasião, creio que teria duvidado do bom uso do seu dinheiro.

Comecei a sentir que já era demais. Era uma sensação de que o espírito anglo-saxão se estava esvaindo de mim, sendo substituído pelo espírito latino. Embora a sensação não fosse a rigor desagradável, achava que ainda não chegara a ocasião de entregar-me daquele jeito à ociosidade.

— Esse estado de coisas não pode continuar indefinidamente — disse a Phyllis. — Sugiro que devemos dar a Bocker um limite para realizar o seu fenômeno... digamos, uma semana a partir de hoje. — É, acho que você está certo — respondeu Phyllis, com alguma relutância.

— Mas é claro que estou certo, sem a menor sombra de dúvida. Acho até que, mesmo dando outra semana, o prazo fatal vai escoar-se sem que nada aconteça.

De forma não intencional, falei em fatalidade. E não podia imaginar como em breve ela nos atingiria.

— Querida, pare de admirar a lua e venha deitar-se.

— Você não tem alma, este é o seu problema. Às vezes me pergunto por que casei com você.

Assim, levantei-me e fui ficar ao seu lado na janela.

— Não é lindo? Um navio, uma ilha, a lua em foice... Tão frágil o espetáculo, mas tão eterno... Não é maravilhoso?

Contemplamos a praça deserta, as casas adormecidas, o mar prateado mais além.

— Este é um dos espetáculos que vou guardar na memória para sempre me recordar — comentou Phyllis.

Da praia distante vinha o som plangente de um violão.

— *El amor tonto... y dulce* — murmurou Phyllis.

E de repente o desconhecido jogou o violão no chão, com estrondo.

Na praia uma voz gritou alguma coisa, ininteligível, mas com um tom de alarme. E outras vozes começaram a falar apressadamente. Uma mulher gritou apavorada. Olhamos para as casas na proximidade do pequeno porto de Escondida.

— Mike, será que...?

Phyllis interrompeu sua frase ao ouvirmos o som de tiros.

— Deve ser, Mike! Eles devem estar atacando!, À distância, aumentava cada vez mais o som de algazarra. As janelas das casas na praça estavam-se abrindo, os habitantes se interrogando, perplexos. Um homem saiu correndo de uma casa, virou a esquina e desapareceu na rua estreita que levava para a praia. Havia agora mais gente falando, mais pessoas berrando.

Ouvi mais uns três ou quatro disparos. Saí da janela e fui bater na parede que nos separava do quarto contíguo.

— Ted! — gritei. — Acorde e acenda os refletores. Lá perto do porto, homem! Acenda os refletores!

Ele já devia estar de pé quando me respondeu, pois ao voltar para a janela vi os refletores acendendo-se por toda a cidade.

Mas nada havia de incomum para se ver, apenas alguns homens correndo pela praça em direção ao porto. Bruscamente, o som de vozes que estava num crescendo interrompeu-se. Ouvei a porta do quarto de Ted batendo. Seus passos ecoaram pelo corredor ao passar diante da porta do nosso quarto. Além das casas, as vozes e os gritos recomeçaram seu estardalhaço, mais alto do que antes, como que a recuperar o curto período em que haviam cessado por completo.

— Devo agora...

Parei de falar ao verificar que Phyllis não mais estava ao meu lado. Olhei pelo quarto e descobri que ela estava fechando a porta a chave. Retomei a frase.

— Devo agora descer. Preciso ver o que está...

— Não!

Ela virou-se e ficou de costas contra a porta. Parecia um anjo severo barrando o acesso a uma estrada —

só que anjos usam camisolas de algodão e não de nylon.

— Mas, Phyl, é o meu trabalho! É por isso que estamos aqui!

— Não me importo. Vamos esperar um pouco para vermos o que acontece.

Ela ficou imóvel junto à porta, a expressão de anjo severo substituída pela de garotinha rebelde. Estendi a mão. — Phyl, dê-me esta chave.

— Não!

Ela jogou então a chave pela janela e ouvi o barulho que fez ao cair nos paralelepípedos lá embaixo. Olhei-a aturdido. Não era o tipo de coisa que se pudesse esperar que ela fizesse. Pela praça, agora intensamente iluminada, as pessoas estavam correndo em direção à rua que ficava no lado oposto.

— Phyl, por favor, afaste-se desta porta.

Ela sacudiu a cabeça:

— Não seja tolo, Mike. Não se esqueça de que tem um trabalho a fazer.

— É exatamente por isso que...

— Mas será que não entende? As únicas informações que possuímos são das pessoas que não correram para ver o que estava acontecendo. Só quem pode prestar alguma informação foi quem fugiu ou se escondeu.

Estava irritado com ela, mas não o bastante para que não entendesse o sentido das suas palavras. Fiz uma pausa e ela se aproveitou para acrescentar:

— Foi o que Freddy inclusive acentuou.. o sentido da nossa vinda foi podermos voltar para contar o que aconteceu de fato.

— Está tudo muito bem, mas...

— Olhe lá fora!

Voltei-me para a janela e vi que as pessoas continuavam a correr pela praça na direção da rua que levava ao porto, só que não mais estavam entrando nela. Uma sólida multidão ia-se empilhando na entrada da rua. E de repente a cena anterior começou a acontecer como se alguém houvesse apertado um botão de reversão: a multidão recuou, esparramando-se pela praça. Mais homens e mulheres vieram correndo pela rua, dispersando-se pela praça.

Aproximei-me da janela para observar melhor a cena. Phyllis saiu da porta e veio ficar ao meu lado.

Localizamos Ted, com a câmara na mão, recuando também.

— O que está acontecendo? — gritei-lhe.

— Não sei, não consigo chegar até lá. Há o maior pânico naquela rua. Todos dizem que alguma coisa está vindo nesta direção. Se assim for, vou filmar da minha janela. Não conseguirei nenhuma boa cena no meio desta multidão.

Ele olhou para a praça e depois desapareceu na entrada do hotel, embaixo de nossa janela.

As pessoas continuavam a sair da rua estreita para a praça, pondo-se em disparada ao chegarem a um ponto onde havia espaço para correrem. Não ouvi mais sons de tiros, mas volta e meia irrompiam gritos assustados da extremidade da rua que levava ao porto. Entre os que se encaminharam diretamente para o hotel vi o Dr. Bocker e o piloto, Johnny Talton. Bocker parou na entrada e gritou. Várias cabeças apareceram nas janelas. Ele olhou-as e depois perguntou:

— Onde está Alfred?

Ninguém parecia tê-lo visto.

— Se alguém o vir, chame-o para dentro — instruiu Bocker.

— O resto de vocês fique onde está. Observem o que puderem, mas não se exponham até sabermos de que se trata. Ted, mantenha os refletores acesos. Leslie...

— Já estou a caminho com o gravador portátil.

— Volte para o seu quarto., Se quiser, ponha o microfone para fora da janela, mas mantenha-se protegido. E esta é uma recomendação para todos vocês.

— Mas, Dr. Bocker, afinal o que está acontecendo?

— Não sabemos. Por isso, o melhor é ficarmos em nossos quartos até descobrirmos o que está fazendo as pessoas gritarem assim apavoradas. Onde diabo se meteu a Srta. Flynn? Ah! Muito bem, está aí. Ótimo. Fique de olho aberto, Srta. Flynn.

Ele virou-se para Johnny e disse-lhe alguma coisa que não pude ouvir. O piloto assentiu e foi para os fundos do hotel. Bocker olhou novamente para a praça e entrou no hotel, trancando a porta.

Ainda havia pessoas correndo pela praça, mas ninguém mais saía da rua estreita que levava ao porto. Os que haviam chegado ao outro lado da praça por ali ficaram, olhando para trás, perto de algum beco ou de uma porta por onde pudessem escapar em caso de necessidade. Meia dúzia de homens, com espingardas e rifles, estavam agachados nos paralelepípedos, apontando para à boca da rua. Tudo agora estava mais tranqüilo. Exceto por alguns soluços, um silêncio tenso e expectante dominava a cena. E então, à distância, tornou-se nítido um som de alguma coisa arrastando-se, um som estranho, inquietante.

A porta de uma casinha ao lado da igreja foi aberta. O padre, de batina preta, saiu para a praça. Muitas pessoas ali por perto correram em sua direção e ajoelharam-se ao seu redor. Ele estendeu os braços, como que a abranger a todas num gesto de proteção.

O barulho que vinha da rua estreita parecia o de metal se arrastando na pedra.

Três ou quatro armas dispararam de repente, quase ao mesmo tempo. Do lugar onde estávamos não dava para ver em que estavam disparando, mas vimos que dispararam outras vezes. Os homens então se levantaram e correram para a outra extremidade da praça. Lá pararam e recarregaram as armas.

Da rua estreita veio o barulho de madeira estalando e vidros e tijolos sendo arrebentados.

Vimos então o “tanque-do-mar”. Era um objeto de metal, curvo e cinzento, que derrubou a parede de uma casa na passagem.

Dispararam tiros contra ele de meia dúzia de direções. As balas batiam no metal sem fazerem o menor efeito. Lentamente, pesadamente, dando a impressão de uma marcha inexorável, o tanque foi avançando, chiando em cima dos paralelepípedos. Seguia um pouco para a direita, em direção à igreja, derrubando paredes à sua passagem. Os tijolos e vigas que lhe caíam em cima se esparramavam pelos lados, sem produzirem o menor efeito.

Os tiros ricocheteavam de encontro a ele, zunindo, mas o tanque continuava firme em sua marcha, avançando pela praça a menos de cinco quilômetros por hora, maciço, quase indestrutível.

Logo pudemos vê-lo por inteiro.

Imaginem um ovo alongado que foi cortado pela metade, no sentido do comprimento, a parte chata repousando no chão e a ponta mais fina apontando para a frente. Tinha cerca de dez metros de

comprimento e uma cor parda, embaçada, parecida com chumbo. Era assim o “tanque-anfíbio” que vimos entrar aquela noite na praça de Smithtown.

Não podíamos ver como era impulsionado. Talvez possuísse lagartas na parte de baixo, mas parecia — e soava — que simplesmente se arrastava sobre a barriga de metal, fazendo muito barulho mas sem o menor ruído que se pudesse atribuir a um motor.

Não se movia aos arrancos, como um tanque, mas também não se comportava como um carro. Deslocava-se em diagonal, um pouco inclinado, mas sempre para a frente. Logo atrás vinha outro, exatamente igual, mas deslocando-se para a esquerda, em direção ao hotel, derrubando também a casa na outra esquina da rua estreita. Um terceiro tanque arrastou-se direto até o meio da praça e ali parou. No outro lado da praça, a multidão que se ajoelhara ao redor do padre levantou-se e saiu correndo. Mas o padre ficou onde estava, barrando o caminho da estranha máquina. A mão esquerda empunhava um crucifixo e a direita se ergueu, com a palma para a frente, os dedos abertos, como a ordenar ao “tanque-anfíbio” que parasse. A coisa continuou a mover-se, nem mais depressa nem mais devagar, à mesma velocidade, como se o padre simplesmente não existisse. Seu flanco curvo atingiu-o de leve ao passar. B então, subitamente, parou.

Poucos segundos depois, o tanque que viera em direção ao hotel também parou, aparentemente tendo chegado à posição que lhe fora determinada.

— As tropas devem fixar-se em seus objetivos na mais perfeita ordem de combate — comentou Phyllis ao meu lado. — É evidente que não se trata de mero acaso. O que irá acontecer agora?

Por quase um minuto os tanques ficaram imóveis na praça, dando a impressão de que nada iria acontecer. Mais alguns tiros foram disparados, principalmente das janelas que se abriam para a praça, todas ocupadas por uma multidão que esperava, curiosa, para ver os acontecimentos. Nenhum dos tiros fez o menor efeito nos alvos, mas havia o perigo de alguém sair machucado nos ricochetes.— Um deles está inchando! — gritou Phyllis de repente.

Apontou para o que estava mais perto de nós. A parte superior encurvada, antes lisa de um lado ao outro, estava agora des-figurada por uma protuberância surgida bem no topo, pequena e abobadada. Era um pouco mais clara que o metal por baixo, uma substância esbranquiçada, semi-opaca, que brilhava como se fosse pegajosa, sob a luz dos refletores. E lentamente ia aumentando.

— Está acontecendo a mesma coisa nos outros — observou Phyllis.

Houve mais um tiro. A excrescência no cimo de um dos aparelhos estremeceu, mas continuou a inchar, agora mais depressa.

A forma não era mais abobadada e sim esférica, ligada ao metal por um gargalo estreito, inflando como um balão e balançando-se à medida que se distendia.

— Tenho certeza de que vai estourar — disse Phyllis, apreensiva.— Outra bolha está surgindo na parte de trás. Não, são duas.

A primeira bolha não estourou. Já tinha quase um metro de diâmetro e continuava a inflar rapidamente.

— Deve estourar a qualquer momento, Mike.

Mas não estourou. Continuou a inflar até ficar com quase dois metros de diâmetro. Parou então de crescer. Parecia uma bexiga intumescida e repugnante. Estremeceu de repente, dando a impressão de ser gelatinosa, e desprendeu-se subitamente do tanque, pairando no ar com a incerteza de uma bolha de sabão.

Com uma guinada brusca, subiu a três metros acima do solo.

E lá ficou vacilante, assumindo uma forma esférica quase perfeita.

E foi então que alguma coisa aconteceu. Não explodiu, inclusive porque não fez o menor ruído. A impressão que deu foi de que se abriu, como um botão que subitamente desabrocha, lançando cílios brancos em todas as direções.

A reação instintiva foi dar um pulo para trás, saindo da janela. Foi o que nós fizemos.

Quatro ou cinco cílios, como se fossem longos cordéis de um chicote, entraram pela nossa janela e caíram no chão. E quase no mesmo instante em que tocaram o chão, começaram a se contrair e recuar. Phyllis gritou, apavorada. Olhei para ela. Nem todos os cílios haviam caído no chão, um deles fora bater em seu antebraço direito. Já se estava contraindo, puxando-a em direção à janela.

Ela tentou recuar. Com a outra mão, procurou tirar o cílio do braço, mas os dedos ficaram presos também.

— Mike, socorro!

O cílio puxava com toda força, parecendo tenso como a corda de um arco. Phyllis já tinha sido arrastada uns dois passos na direção da janela quando mergulhei em sua direção, como se fosse um jogador de rúgbi detendo o atacante adversário. O impulso do meu salto jogou Phyllis para o fundo do quarto. O cílio não se desprende, mas agora não mais estava de frente para a janela, curvando-se para o canto do quarto. Mas continuou a tentar arrastar minha esposa para fora. Deitado no chão, enfiei um joelho na perna da cama para ter uma base de apoio melhor e segurei-me a ela com todas as minhas forças. Para arrastar Phyllis, o cílio teria também que arrastar a mim e à cama. Por um momento julguei que ele o conseguiria, mas Phyllis subitamente gritou e a tensão acabou.

Empurrei-a para o lado, fora do alcance de qualquer coisa que pudesse entrar pela janela. Ela estava quase desmaiada. Em seu braço, no lugar onde estivera o cílio, uma extensão de uns dez centímetros, a pele fora arrancada, o mesmo tendo acontecido com os dedos da mão esquerda. A carne assim exposta estava começando a sangrar.

Lá fora, na praça, havia um pandemônio de gritos. Arrisquei uma olhada pela janela. A bolha que explodira não mais estava suspensa no ar. Era agora um corpo redondo, com menos de meio metro de diâmetro e irradiando cílios para todos os lados. Estava agora recolhendo os cílios, com tudo que houvessem apanhado. A tensão fazia com que estivesse suspensa a alguns centímetros do solo. Algumas das pessoas que eram arrastadas pelos cílios gritavam e se debatiam desesperadamente, outras pareciam fardos inermes de roupa suja.

A pobre Múriel Flynn estava entre elas. Estava deitada de costas, sendo arrastada pelos paralelepípedos por um dos tentáculos que se prendera em seus cabelos vermelhos. Estava bastante machucada pela queda da janela e gritava aterrorizada. Leslie também estava sendo arrastado, quase ao seu lado, mas parecia que, para a sua felicidade, quebrara o pescoço ao cair.

No outro lado da praça, vi um homem correr e tentar desvencilhar uma mulher de um tentáculo que a arrastava. Porém, quando ele tocou o cílio, sua mão ficou presa e os dois foram arrastados juntos. Ao ver a cena, dei graças a Deus por ter segurado o braço de Phyllis e não o cílio que a puxava.

À medida que o globo se contraía, os cílios brancos iam aproximando-se uns dos outros. Às pessoas que se debatiam foram encostando-se umas às outras, cada vez mais emaranhadas e incapazes de se libertarem. Pareciam moscas debatendo-se num papel gomado. A contração dos cílios era inexorável, quase em câmara lenta, o espetáculo mais horripilante a que já assisti.

Percebi então que outra bolha balouçava no ar e saí apressadamente da janela antes que desabrochasse

como a anterior.

Mais três cílios entraram pela janela. Por um momento ficaram imóveis no chão como cordas brancas e depois começaram a recuar. Quando desapareceram no peitoril, inclinei-me para olhar outra vez pela janela. De vários pontos da praça havia pessoas sendo arrastadas para o centro. A primeira bolha se contraía inteiramente, unindo todas as pessoas que arrastara numa única bola, na qual ainda se viam algumas pernas e braços agitando-se desesperadamente. Foi então que a bola se inclinou suavemente e começou a rolar pela praça em direção à rua pela qual os tanques haviam chegado.

As máquinas, ou o que quer que fossem, continuavam paradas na praça, parecendo gigantescas lesmas cinzentas, todas empenhadas na produção das bolhas repugnantes, em diversos estágios de crescimento.

Recuei outra vez quando mais uma bolha se despreendeu, mas desta vez nenhum cílio entrou em nossa janela. Inclinei-me para fora por um momento para fechar a janela. Consegui-o bem a tempo, pois mais quatro cílios chocaram-se contra o vidro, com tal violência que uma das chapas se quebrou.

Pude então atender a Phyllis. Deitei-a na cama e enfaixei seu braço com uma tira do lençol.

Lá fora os gritos continuavam, o barulho era indescritível.

Ouvi também alguns disparos.

Depois de cuidar de Phyllis, voltei a olhar pela janela. Meia dúzia de objetos redondos, parecendo fardos de algodão, rolavam lentamente pela praça em direção à rua que ia dar no porto. Voltei para junto da cama e rasguei outra tira do lençol para enfaixar os dedos de Phyllis.

Quando o estava fazendo, ouvi um som diferente do burburinho que havia na praça. Corri de volta à janela e vi um avião dando um vôo rasante. Os canhões nas asas estavam disparando e recuei prontamente. Houve uma explosão violenta e as vidraças se arrebentaram, assim como as lâmpadas. Fragmentos de alguma coisa passaram zunindo por mim e caíram por todo o quarto.

Voltei à janela. As luzes externas no nosso lado da praça estavam apagadas, por isso era difícil verificar o que estava acontecendo. Mas no outro lado da praça vi que um dos tanques começara lentamente a se mover, recuando na mesma direção em que viera. Ouvi então o aparelho aproximando-se novamente e joguei-me no chão.

Houve outra explosão, mas agora um pouco distante do hotel. Ouvi nitidamente o barulho de alguma coisa se despedaçando.

— Mike? — disse Phyllis da cama, com a voz assustada.

— Está tudo bem, querida. Estou aqui.

A lua continuava a brilhar e agora eu podia ver a cena lá embaixo mais claramente.

— O que está acontecendo?

— Eles estão indo embora. Johnny está atacando-os de avião... pelo menos penso que deve ser Johnny. Está tudo bem agora.— Mike, meus braços estão doendo muito.

— Chamarei um médico assim que for possível, querida.

— O que era, Mike? Pegou-me com toda força. Se não fosse você...— Descanse, querida. Está tudo acabado...

— Eu...

Ela parou no início da frase. Ouvimos o barulho do avião descendo novamente e disparando, só que desta vez não houve explosão alguma.

— Mike, há alguma coisa pegajosa... É sangue? Você está ferido?

— Não, querida. E não é sangue. Não sei o que é, mas está espalhado por toda parte.

— Você está tremendo, Mike.

— Sinto muito, querida, mas não consigo controlar-me. Phyl, querida, foi terrível... Se você visse... Muriel e os outros... E quase que você...

— Calma, calma — disse ela como se eu tivesse seis anos de idade. — Não chore, Mike, tudo já acabou.

Ela levantou-se para vir em minha direção, mas não conseguiu. — Meus braços estão doendo muito, Mike.

— Fique deitada, querida, que vou arrumar um médico. Arrebentei a porta quebrada com uma cadeira e a violência com que o fiz aliviou um pouco a tensão que sentia.

Na manhã seguinte os remanescentes da expedição se reuniram — Bocker, Ted Jarvey e nós dois. Estávamos todos profundamente deprimidos. Johnny decolara de madrugada, levando para Kingston os filmes, as gravações e um relato dos acontecimentos que eu escrevera às pressas.

O braço direito e a mão esquerda de Phyllis estavam envoltos em ataduras. Ela estava bastante pálida, mas resistira firmemente a todos os argumentos para que permanecesse deitada. Os olhos de Bocker haviam perdido a sua vivacidade habitual. A mecha de cabelos grisalhos pendia sobre um rosto mais enrugado e marcado do que o que víamos na tarde anterior. Coxeava um pouco e andava com o auxílio de uma bengala. Ted e eu estávamos ilesos. Ele olhou em dúvida para Bocker e disse: — Se não está agüentando, senhor, acho que o melhor é carregá-lo para fora deste lugar fedorento.

— De jeito nenhum. Alguns arranhões nada significam em comparação com o que aconteceu aqui. Vamos logo ver o que podemos fazer. Quanto mais cedo, melhor.

Levantou-se e foi o primeiro a atravessar a porta do hotel.

Os paralelepípedos da praça, os fragmentos de metal que havia por toda parte, as casas, a igreja, tudo ao nosso redor estava coberto por uma fina camada de limo. Em quase todos os quartos que davam para a praça a mesma coisa acontecia. Na noite anterior era apenas um cheiro de peixe, forte é verdade, mas agora, à medida que o sol esquentava, o cheiro que se desprendia era fétido e em pouco tempo ficaria insuportável. Caminhamos cem metros e o cheiro diminuiu. Percorremos mais cem metros e nos livramos dele, ficando entre as palmeiras à beira da praia, do outro lado da cidade, longe do porto. Poucas vezes senti com tanta satisfação o cheiro de uma brisa marinha.

Bocker sentou-se na areia, encostado a uma palmeira. Sentamo-nos também e ficamos esperando que ele falasse. Mas por um longo tempo ele nada disse, ficando imóvel, o olhar perdido no oceano. Finalmente suspirou e murmurou: — Alfred, Bill, Muriel, Leslie. Eu os trouxe para cá. Demonstrei muito pouca imaginação e nenhuma consideração pela segurança de todos.

Phyllis inclinou-se em sua direção.

— Não deve pensar desse jeito, Dr. Bocker. Sabe muito bem que nenhum de nós foi obrigado a vir. Ofereceu-nos a oportunidade de vir e prontamente aceitamos. Se a mesma coisa tivesse acontecido comigo, sei que Mike não o consideraria culpado. Não é mesmo, querido?

— É claro que não.

Eu sabia perfeitamente a quem iria culpar — para todo o sempre, sem nunca perdoar.

— E eu também não. Estou certa de que os outros sentiriam a mesma coisa — acrescentou Phyllis, pousando delicadamente a mão direita no braço de Bocker.

Ele olhou-a, piscando um pouco. Fechou os olhos por um momento e depois os abriu, pegando a mão de Phyllis com as duas mãos. Contemplou as ataduras em seu braço e falou: — Está sendo muito boa comigo, minha cara.

Acariciou a mão da minha esposa por alguns segundos e depois se endireitou, começando a falar com a voz mais firme: — Temos agora alguns resultados. Não tão conclusivos quanto esperávamos, mas pelo menos provas tangíveis do que aconteceu. Graças a Ted, a Inglaterra poderá ver agora a ameaça que temos a enfrentar. E graças também a ele é que temos o primeiro espécime.

— Espécime? — disse Phyllis. — De quê?

— Um pedaço de um daqueles tentáculos — informou Ted.

— Mas como conseguiu?

— Por pura sorte. Quando a primeira bolha explodiu, nada entrou pela minha janela. Mas vi o que estava acontecendo no resto da praça e assim peguei meu facão, deixando-o de prontidão no peitoral para o caso de alguma coisa acontecer. Quando houve a explosão seguinte, um dos tentáculos entrou pela janela e prendeu-se ao meu ombro. Peguei o facão e cortei-o, no momento em que começava a puxar-me. O pedaço que ficou tinha uns trinta centímetros de comprimento. Caiu no chão e estremeceu algumas vezes, enroscando-se depois. Nós o despachamos para ser examinado, junto com as outras coisas que Johnny levou.

— No futuro — observei — seria aconselhável então que todos nós estejamos sempre armados de facões.

— E é bom que sejam bem afiados, pois o tal tentáculo é um bocado duro — comentou Ted.

— Se puderem encontrar outro pedaço, gostaria de que me trouxessem para examiná-lo — disse Bocker. — Decidimos que seria melhor enviar aquele para os técnicos examinarem. Há alguma coisa muito estranha nestes tentáculos. O fundamental, porém, é óbvio: sempre se contraem, retornando ao corpo central, que parece ser alguma espécie de anêmona marinha. Mas se é natural ou foi construída artificialmente obedecendo a um padrão...

Ele sacudiu os ombros e deixou a frase por concluir.

— Há outros detalhes que me preocupam. Por exemplo: por que será que se agarram somente a seres vivos, mesmo quando têm roupas por cima, deixando de lado os objetos inanimados?

Gostaria também de saber por que voltam para o mar exatamente pelo caminho por que vieram, em vez de tentar alcançá-lo por outro caminho mais curto.

“A primeira questão é a mais importante, pois significa um propósito deliberado. As coisas são usadas por alguém. Mas não como armas, no sentido comum da palavra, não apenas para destruir. É como se se jogasse um laço para pegar as pessoas e aprisioná-las.

Ficamos sentados em silêncio, por algum tempo, atônitos com a observação de Bocker.

— Mas por quê? — disse Phyllis.

Bocker franziu a testa.

— Por quê! Por que todo mundo está sempre querendo descobrir uma razão? Por que os seres do espaço exterior vieram para as profundezas dos nossos oceanos? Por que não ficaram em seu planeta? E agora por que nos atacam deste jeito e não de nenhum outro? Como poderemos descobrir as respostas, enquanto

não descobriremos mais coisas a seu respeito? Do ponto de vista humano, poderia haver dois motivos. Mas isso não quer dizer que os seres de outro mundo não possuam motivos inteiramente diferentes.

— Dois motivos? — estimulou-o Phyllis, humildemente.

— Exatamente. Podem estar tentando exterminar-nos. Pelo que podemos saber, talvez eles estejam pensando que nós temos que viver junto ao mar e assim querem pouco a pouco acabar conosco. É muito difícil saber ao certo, pois não temos a menor idéia do que eles sabem a nosso respeito. Mas não creio que seja este o objetivo, pois não se ajusta inteiramente à tática de levar as vítimas para o mar. Os celenterados poderiam perfeitamente esmagá-las e deixá-las em terra. Assim, o outro motivo parece ajustar-se mais ao quadro: eles simplesmente acham que nós, assim como outras criaturas que vivem em terra, a julgar pelas ovelhas e cabras de Safira, somos bons para comer. Talvez até os dois motivos conjugados: muitas tribos da antigüidade possuíam o hábito de comer os inimigos.

— Quer dizer então que talvez sejamos assim como... camarões, para eles? — perguntou Phyllis, nervosamente.

— Nós, criaturas que vivemos em terra, não jogamos redes no mar e comemos tudo o que recolhemos? Por que não o processo inverso para uma criatura inteligente que vive no mar? Mas, é claro, esta é apenas uma opinião do ponto de vista humano. É sempre assim que procuramos encontrar as explicações. O problema é que todos nós lemos muitas histórias em que os invasores do espaço se comportam e pensam como os seres humanos, qualquer que seja a forma que possuam. Dessa forma, não conseguimos libertar-nos da idéia de que o seu comportamento nos deve ser compreensível. Na verdade, não há nenhuma razão para que seja e muitas para que não seja.

— Camarões... — murmurou Phyllis pensativa. — Isso é terrível, mas é possível.

— Vamos deixar a busca das explicações para depois — declarou Bocker bruscamente. — Talvez possamos encontrá-las, talvez não. Agora, o importante é o como: como deter os invasores, como atacá-los.

Bocker fez uma pausa. Devo confessar que continuei a pensar no porquê. Se o propósito fosse realmente aquele, Phyllis bem que poderia ter encontrado uma analogia mais agradável e digna que a de camarões.

— Os tiros de rifle — continuou Bocker — parecem não afetar os tanques anfíbios e as estranhas coisas multibraquiais... a menos que possuam pontos vulneráveis que não foram descobertos. As bombas, no entanto, podem romper as couraças. A maneira pela qual se desintegram parece indicar que já estão a um ponto quase máximo de tensão, próximo da ruptura. Podemos deduzir que o que aconteceu na Ilha Abril foi conseqüência de um tiro de sorte ou o lançamento de uma granada de mão. Outra coisa: o que vimos a noite passada explica perfeitamente a história dos nativos sobre baleias e lulas gigantes. Os tanques anfíbios podem perfeitamente, a distância, ser tomados por baleias. Quanto às lulas, acho que não erraram muito na conclusão... as coisas que vimos são certamente aparentadas com os celenterados.

“Quanto aos tanques, a impressão é que contêm apenas massas gelatinosas ali comprimidas sob incrível pressão, embora não seja possível acreditar que exista apenas isso. Além de qualquer outra consideração, deve haver algum mecanismo que impulse aquelas imensas carcaças. Examinei as trilhas que deixaram esta manhã. Alguns dos paralelepípedos haviam afundado e outros estavam quebrados com o peso que haviam suportado, mas não encontrei nenhum indício de que os tanques se arrastavam sobre lagartas. Acho que, no momento, nada poderemos descobrir a respeito. “Parece que as coisas que vimos possuem inteligência de alguma espécie, embora pareça não ser muito desenvolvida... ou pelo menos não muito coordenada. De qualquer forma, porém, foi suficiente para levá-las da praia até a praça, que era o melhor local para agirem.

— Já vi muitos tanques nossos derrubarem as paredes das casas como eles fizeram — observei.

— Este é exatamente um dos indícios de coordenação deficiente — declarou Bocker. — Agora, alguém tem alguma observação a acrescentar ao que acabei de dizer?

Olhou-nos um a um, mas ninguém disse nada.

— Ninguém tem mais nada a dizer? Viram se os tiros, de alguma forma, pareceram afetar os tentáculos?

— Pelo que pude ver — disse Ted — os tiros todos erraram o alvo ou atravessaram os tentáculos sem fazer o menor efeito.

Bocker ficou em silêncio, absorto em seus pensamentos. Ouvi Phyllis então murmurar alguma coisa.

— O que foi? — indaguei.

— Estava apenas dizendo celenterados tentaculares multibraquiais.

— Ahn!

Ninguém fez mais nenhum comentário. Continuamos sentados ali por muito tempo, olhando para o mar azul e de aspecto inocente.

Entre os jornais que comprei ao desembarcar no aeroporto de Londres estava o *Beholder*. Embora reconheça que este jornal possui alguns méritos e é até bastante respeitado em vários círculos, sempre deu-me a sensação de estar mais interessado em divulgar seus preconceitos que análises profundas dos acontecimentos.

Talvez fosse um jornal que só deveria ir para as bancas no dia seguinte. A descoberta, naquela edição que comprei, de um artigo intitulado *O DR. BOCKER ATACA NOVAMENTE* nada fez para alterar minha impressão. O texto dizia o seguinte:

“Nem a coragem do Dr. Alastair Bocker em ir ao encontro do dragão submarino nem a sua perspicácia em deduzir corretamente onde iria atacar podem ser questionadas.

As cenas horríveis e fantasticamente repulsivas que a E.B.C. teve o mau gosto de nos apresentar, na noite de terça-feira, fazem com que nos admiremos de que tenha havido sobreviventes na expedição e que somente quatro pessoas tenham sucumbido. Devemos cumprimentar o Dr. Bocker por ter conseguido escapar somente com um tornozelo torcido, no momento em que a meia e o sapato lhe foram arrancados, bem como a outro membro da expedição, que escapou mais milagrosamente ainda.

Mas, por mais horrível que o espetáculo tenha sido e por mais valiosas que sejam algumas observações do Dr. Bocker a respeito das contra-medidas necessárias, ele está muito equivocado se pensa que isto lhe concede uma licença ilimitada para reassumir o seu papel anterior de maior alarmista do mundo.

Nossa posição, diante da sua sugestão de nos prepararmos incontinenti para combater praticamente em toda a costa ocidental do Reino Unido, é de considerá-la mais como o efeito de uma experiência angustiante num temperamento sempre afeito ao sensacionalismo do que como o resultado da análise amadurecida de uma situação.

Analisemos friamente as causas desta recomendação que objetiva a disseminar o pânico. Algumas ilhotas, todas elas, à exceção de uma, situadas nos trópicos, foram atacadas por alguma espécie de monstro submarino sobre o qual quase nada sabemos. No decurso desses ataques, algumas centenas de pessoas — um total certamente não superior ao de pessoas feridas em desastres de automóvel nas estradas inglesas em três ou quatro dias — perderam suas vidas. Trata-se de um acontecimento triste e lamentável, mas de modo algum pode servir como base para que nós, a milhares de quilômetros do local mais próximo em que ocorreu um desastre deste tipo, comecemos a esbanjar o dinheiro dos contribuintes, cercando a nossa costa com defesas de toda espécie e patrulhas permanentes. Esta linha de argumentação nos levaria, por exemplo, a construir em Londres edifícios à prova de abalos, só porque ocorrem terremotos em Tóquio ...”

E assim por diante. Pouco restava do pobre Dr. Bocker ao final do artigo. Não lhe mostrei o jornal. Ele próprio logo saberia, porque o Beholder procurava sempre refletir a opinião mais popular em voga no país.

Pouco depois o helicóptero nos deixava no terminal no centro de Londres. Enquanto desembarcávamos, Phyllis e eu vimos os jornalistas convergindo rapidamente para o Dr. Bocker.

Mas o Dr. Bocker longe dos nossos olhos não significava o Dr. Bocker longe dos nossos pensamentos. A imprensa se dividiu entre os que eram contra e os que eram a favor. Poucos minutos depois de chegarmos ao nosso apartamento, representantes dos dois lados começaram a telefonar insistentemente para que manifestássemos uma opinião que lhes fosse favorável. Depois da quinta chamada, aproveitei um breve intervalo e liguei para a E.B.C. Informei que íamos desligar nosso telefone e perguntei se não poderiam, por gentileza, anotar os nomes das pessoas que nos procurassem telefonando para lá ao pensarem que não estávamos em casa. Eles concordaram e na manhã seguinte entregaram-me uma relação extensa. Encontrei o nome do Capitão Winters, com um telefone do Almirantado ao lado

Phyllis falou com ele. Telefonara para pedir-nos depoimentos como testemunhas da tragédia e também para revelar o último relatório de Bocker. Ele insistira em sua teoria, que já ouvíamos antes, de que os tanques anfíbios não eram dotados de inteligência, sendo controlados a distância por algum meio de comunicação desconhecido, por inteligências que estavam nas profundezas do oceano. Mas a declaração que realmente causara uma péssima impressão foi a referência aos pseudo-celenterados. Winters informou: — Ele diz que não são de fato celenterados. Afirma que não são, no sentido que damos à expressão, seres vivos. Na sua opinião, devem ser construções orgânicas artificiais, fabricadas com um propósito determinado.

Leu então boa parte do relatório de Bocker, que dizia:

“É longe de ser inconcebível a idéia de que tecidos orgânicos possam ser fabricados artificialmente, de forma semelhante à que os químicos utilizam para produzir plásticos com uma determinada estrutura molecular. Agindo-se assim e tornando-se o artefato daí resultante sensível a um estímulo químico ou físico, é possível, pelo menos temporariamente, produzir um comportamento que dará ao observador desavisado a impressão de tratar-se realmente de um organismo vivo.

Minhas observações levam-me a sugerir que foi exatamente isto o que se fez, escolhendo-se a

forma do celenterado, entre muitas outras que poderiam servir ao mesmo objetivo, pela sua simplicidade de construção. Parece provável que os tanques anfíbios sejam apenas uma variação do mesmo invento. Em outras palavras, estamos sendo atacados por mecanismos orgânicos de controle remoto ou predeterminado. Quando consideramos esta explicação à luz do controle que somos capazes de exercer sobre materiais inorgânicos, o controle remoto no caso dos mísseis teleguiados ou o controle predeterminado no caso dos torpedos, para citar dois exemplos, ela não é tão surpreendente como parece à primeira vista. Na verdade, a partir do momento em que inventarmos um processo de produzir uma forma natural sinteticamente, tenho certeza de que o seu controle a distância apresentará menos problemas que os que resolvemos para controlar os nossos mecanismos inorgânicos.”

— Essa não! — disse Phyllis ao Capitão Winters. — Tenho vontade de dar umas boas palmadas no Dr. Bocker. Ele prometeu-me que, por enquanto, nada diria a respeito de sua teoria sobre os pseudocelenterados. Ele é uma espécie de *enfant terrible* nato e as palmadas lhe fariam muito bem. Espere até que eu o pegue sozinho!

— É, acho que realmente esta declaração enfraquece a posição de Bocker — concordou o Capitão Winters.

— Tenho certeza de que alguém daqui a pouco vai passá-la para a imprensa. Os jornais vão considerá-la como mais um bockerismo, todas as suas opiniões serão apresentadas como mais um golpe sensacionalista. E, assim, todo mundo voltará a ficar contra as suas recomendações. E logo agora que estávamos finalmente começando a vencer todas as resistências...

Seguiu-se uma semana terrível. Os jornais que haviam adotado a mesma posição do Beholder sobre os preparativos de defesa da costa caíram vigorosamente em cima das sugestões pseudobióticas. Os editorialistas manifestaram todo o seu sarcasmo.

Os mesmos cientistas que já antes haviam criticado Bocker foram convocados para censurá-lo ainda mais. Todos os humoristas descobriram de repente por que os seus alvos políticos não pareciam humanos.

A parte da imprensa que advogava a defesa das costas deu asas à imaginação na questão das criaturas pseudovivas, aventando a possibilidade de muitas outras espécies serem construídas, passando a exigir defesas ainda mais efetivas na proteção às populações inglesas.

Foi então que o patrocinador da expedição informou à E.B.C. que os seus colegas de diretoria haviam chegado à conclusão de que a reputação do seu produto sofreria bastante, se continuasse associada à nova onda de notoriedade e controvérsia em torno do Dr. Bocker. Propôs o cancelamento de todos os contratos. A direção da E.B.C. começou a arrancar os cabelos. Os vendedores de espaço argumentaram que qualquer publicidade era boa publicidade. O patrocinador falou em dignidade e demonstrou o receio de que a compra do seu produto pudesse significar, na mente do público, um apoio tácito às teorias de Bocker. Achava também que haveria uma reação contra o produto entre as camadas de maior poder aquisitivo, que mais repeliam as teorias de Bocker. A E.B.C. argumentou que o nome do produto e o Dr. Bocker já estavam irremediavelmente ligados na mente do público. Não haveria a menor vantagem em abandonar o barco no meio do caminho e melhor era mesmo seguir em frente, tirando o máximo proveito da verba aplicada.

O patrocinador disse que sua empresa procurara fazer uma contribuição séria ao conhecimento comum e à segurança pública, promovendo uma expedição científica e não uma aventura sensacionalista. Na noite

anterior, por exemplo, um dos comediantes da própria E.B.C. sugerira que a pseudovida podia muito bem explicar um antigo mistério sobre a sua sogra. Se continuassem a permitir esse tipo de coisas, etc., etc. A E.B.C. assegurou que, no futuro, seus programas não seriam contaminados por brincadeiras dessa espécie, que isso não mais se repetiria. Ressaltou também que, se a série de programas sobre a expedição fosse interrompida, os consumidores de todos os níveis certamente ficariam com a sensação de que o patrocinador não era digno de confiança...

O pessoal da B.B.C. aproveitava todas as ocasiões em que encontrava o pessoal da E.B.C. para manifestar a sua simpatia e apoio.

O telefone não parava de tocar, trazendo sugestões e bruscas mudanças de orientação. Fizemos o melhor possível. Escrevemos e reescrevemos os roteiros diversas vezes, procurando satisfazer a todos. Duas ou três entrevistas com Bocker terminaram de forma explosiva. Ele ameaçou várias vezes largar tudo, porque era óbvio que a E.B.C. não queria deixá-lo comparecer a um programa ao vivo, insistindo em que tudo fosse gravado com antecedência.

Finalmente, porém, concluímos todos os roteiros. Estávamos muito cansados, sem a menor disposição para discutir mais o que quer que fosse. Arrumamos nossas coisas apressadamente e partimos aliviados para a paz e o isolamento da Cornualha.

A primeira coisa visível ao nos aproximarmos do nosso chalé foi uma inovação.

— Essa não! — exclamei. — A nossa sala é muito boa. Se está pensando que vou ficar sentado ali fora só porque os seus amigos elegantes...

— Aquilo — interrompeu-me Phyllis friamente — é um caramanchão.

Examinei mais atentamente. A construção era bastante incomum, uma das paredes parecia estar inclinada.

— Mas por que haveríamos de querer um caramanchão?

— Ora, um de nós pode querer trabalhar no jardim num dia quente. E o caramanchão impede que o vento fique espalhando os papéis.

— Ahn! Estou entendendo...

Em tom defensivo, Phyllis acrescentou: — E, além do mais, quando a gente se distrai fazendo um muro, ele tem que servir para alguma coisa.

Era um alívio estar de volta. Parecia difícil acreditar que um lugar como Escondida pudesse realmente existir. Era mais difícil ainda acreditar nos tanques anfíbios e nos celenterados gigantes, pseudos ou não. Apesar disso, não consegui relaxar como imaginara. Na manhã seguinte à nossa chegada Phyllis desencavou os originais da sua novela inacabada e freqüentemente negligenciada, levando-os para o caramanchão com uma expressão de desafio. Fiquei perambulando pela casa, surpreso porque a sensação de paz não estava fluindo em mim como esperava. O mar da Cornualha continuava, como o fazia desde tempos imemoriais, a chocar-se contra os rochedos da costa. Era de fato difícil imaginar que as nossas praias pudessem gerar coisas monstruosas como as que eu vira nas praias antilhanas de Escondida. A distância, Bocker parecia um espírito maligno com o poder de alucinar os outros.

Longe dele, o mundo me parecia mais racional, mais equilibrado.

Pelo menos era o que me parecia naquele momento. E somente à medida que os dias se passaram e emergi dos meus problemas particulares e preocupações íntimas para olhar o que estava acontecendo ao meu redor é que compreendi que o mundo mudara — e bastante.

O transporte aéreo funcionava a pleno vapor, mas restrito às necessidades primárias. Verificara-se que dois aviões cargueiros, voando com mercadorias na ida e na volta, podiam transportar apenas um pouco menos que a carga média dos navios cargueiros, no mesmo espaço de tempo, embora a um custo bem mais elevado.

Assim, apesar de todas as medidas de racionamento, o custo de vida aumentara em cerca de duzentos por cento.

Com o comércio internacional restrito aos produtos essenciais, meia dúzia de conferências financeiras internacionais estavam em sessão permanente. Os ânimos mostravam-se exaltados e alguns países estavam dispostos a condicionar a entrega de bens de consumo de primeira necessidade à compra também dos produtos supérfluos que fabricavam em grande quantidade. As discussões a respeito eram às vezes acaloradas.

Alguns navios ainda se lançavam ao mar profundo, as tripulações pagas a peso de ouro. Mas os prêmios de seguro da carga eram tão elevados que só compensava transportar mercadorias das quais houvesse uma necessidade premente num país.

Alguém, em algum lugar, descobrira num momento de lucidez que todos os navios afundados eram a vapor ou de motor. Houve então um surto incrível na procura de barcos a vela, de todos os tipos e tamanhos. Alguém propôs também a produção em massa de grandes veleiros, mas todo mundo achava que a emergência não iria durar muito tempo e que o investimento não valia a pena.

Nos laboratórios de todos os países marítimos trabalhava-se desesperadamente. Todas as semanas novos engenhos eram experimentados e alguns mostravam-se bastante eficientes para serem postos na linha de produção — para logo depois serem retirados, por terem demonstrado alguma falha na prática ou pelos seres das profundezas terem surgido com outro engenho que os anulasse.

Apesar disso, ninguém duvidava de que os cientistas terminariam encontrando a solução certa para os nossos problemas — e talvez a descobrissem logo amanhã.

Pelo que pude descobrir, a fé do público nos cientistas era maior do que a fé dos cientistas em si mesmos. Estavam começando a ficar oprimidos pela sua incompetência em se tornarem de fato os salvadores. Não que lhes faltassem idéias para suas invenções e sim porque careciam de informações. Simplesmente precisavam de mais dados e não tinham como obtê-los. Um cientista disse-me: — Se você for armar uma armadilha para fantasmas, como vai fazer, especialmente se não tiver nem um fantasma pequeno para treinar?

Os cientistas estavam dispostos a se apegar a qualquer coisa — talvez tenha sido por isso que a teoria de Bocker sobre as formas pseudobióticas mereceu a acolhida de muitos deles.

Quanto aos tanques anfíbios, os jornais não se cansavam de falar a seu respeito e volta e meia os telejornais também se referiam ao assunto, mostrando-os incansavelmente. Cenas dos filmes que fizéramos em Escondida eram sempre incluídas em nossos programas para a E.B.C. Alguns pés de filme foram gentilmente cedidos à B. B. C., para que os mostrasse em seus telejornais, com o devido crédito. A tendência a exagerar a extensão dos acontecimentos, a ponto de alarmar o público, surpreendeu-me a princípio como um clima novo, até que descobri que estava sendo estimulada por determinados setores, procurando assim afastar a opinião pública dos graves problemas internos que se multiplicavam.

Os ataques, no entanto, eram cada vez mais sérios. Desde que deixáramos Escondida que haviam ocorrido mais dez ou onze ataques só na região das Antilhas, inclusive a uma cidade em Porto Rico. Outra cidade, esta inclusive um pouco distante do mar, só não sofrera os efeitos de um ataque em grande

escala por causa da ação imediata da aviação americana sediada nas Bermudas.

No outro lado do mundo, as coisas estavam piores ainda. Havia informações, aparentemente fundamentadas, de diversos ataques na costa leste do Japão. Grupos de mais de doze tanques haviam atacado Hokkaido e Honshu. As informações sobre o que estava acontecendo mais ao sul, na região do Mar de Coral, não eram tão precisas, mas sabia-se de inúmeros ataques. Mindanao deu a nota mais impressionante, ao revelar que quatro ou cinco cidades costeiras haviam sido atacadas simultaneamente, por um total aproximado de sessenta tanques anfíbios.

Para os habitantes da Indonésia e das Filipinas, espalhados por incontáveis ilhas cercadas pelo mar profundo, a perspectiva era terrível. Para os ingleses a situação era muito diferente, pois estavam no meio de uma plataforma continental, o Mar do Norte bastante raso às suas costas, sem o menor indício de anormalidade no oceano próximo. Mas lá no outro lado do mundo os rumores se espalhavam como fogo em capim seco entre os ilhéus, aumentando a cada dia o número de pessoas que fugiam em pânico da costa e se dirigiam ao interior, em busca de refúgio. Uma tendência semelhante, embora ainda não em escala de pânico, se estava verificando nas Antilhas.

Comecei a perceber que a situação era muito mais grave do que jamais pudera imaginar. As informações falavam em centenas e talvez milhares de tanques anfíbios — e os números indicavam que não se tratava de alguns ataques isolados e sim de uma verdadeira campanha bélica.

— Deviam estabelecer defesas em toda parte ou pelo menos dar ao povo os meios para se defender — comentei com Phyllis. — Não se pode preservar a economia de um país em que todos têm medo de chegar perto da praia. É preciso proporcionar às pessoas a segurança necessária para trabalharem e viverem próximas à costa.— Ninguém sabe onde eles vão atacar a seguir. E é preciso agir rapidamente quando atacam. A única solução seria entregar armas ao povo.

— Eles deveriam entregar armas ao povo logo. O Estado não pode privar os cidadãos dos meios de se protegerem.

— Mas não é exatamente o que acontece?

— Como assim, Phyllis?

— Nunca lhe passou pela cabeça que todos os governos que clamam em alto e bom som que exercem o poder pela vontade do povo preferem correr qualquer risco a entregarem armas a este mesmo povo que dizem representar? O único povo que conheço que merece a confiança do seu governo é o suíço. E, como estão cercados de terra por todos os lados, não têm que se preocupar com esta ameaça.

Fiquei surpreso. Era o tipo de observação que Phyllis normalmente nunca faria.

— Qual é o problema, Phyl?

Ela sacudiu os ombros, desanimada.

— Nada. Só que de vez em quando fico cansada de tantas im-posturas e fraudes, de aceitar passivamente que as mentiras não são mentiras, de pretender que a propaganda não é propaganda. Nunca desejei ter nascido simplesmente na Era da Razão, em vez de viver como atualmente na Era da Razão Ostensiva? Acho que os governos vão deixar que milhares de pessoas sejam mortas por essas coisas horríveis, preferindo não se arriscar a lhes entregar as armas potentes de que precisariam para se defenderem. E terão milhões de argumentos para provar que esta é a melhor política. Que importância podem ter alguns milhares ou milhões de pessoas? As mulheres trabalharão ativamente para compensarem as perdas... Mas os governos, estes são muito importantes, não se pode correr o risco de perdê-los...

— Querida. ..

— É claro que tomarão providências simbólicas. Talvez instalem pequenas guarnições em meia dúzia de lugares importantes. A aviação permanecerá em estado de alerta, para atender prontamente ao primeiro alarme... só que os aviões sempre chegarão depois que o pior tiver acontecido, depois que homens e mulheres estiverem reunidos numa massa informe por aquelas coisas horríveis e rolando em direção ao mar, depois que jovens como a pobre Muriel forem arrastadas pelos cabelos, depois que homens forem esquarterados, como aquele pobre coitado que vimos sendo arrastado por dois tentáculos diferentes. Só então os aviões irão chegar e as autoridades, como sempre, dirão que sentem muito ter ocorrido um pequeno atraso, mas são muitas as dificuldades técnicas para que tudo funcione a contento. Não é sempre assim que as coisas acontecem, não é sempre assim que os governos enganam o povo?

— Mas, Phyl, querida...

— Sei o que vai dizer, Mike, mas é que estou realmente apavorada. E não vejo ninguém tomando a menor providência. Não estão compreendendo nada, não fazem a menor tentativa para adotar medidas efetivas contra o perigo. Os navios não estão mais singrando as regiões mais profundas do oceano. Isso é ótimo, mas quantos tanques anfíbios mais terão que atacar cidades costeiras e arrastar pessoas para o fundo do mar para que os governos se decidam a fazer alguma coisa? Eles ficam pensando nos prejuízos do comércio mundial e conferenciam interminavelmente, como se as suas conversas pudessem acabar com a ameaça. E, quando alguém como Bocker sugere que se faça alguma coisa, eles o ridicularizam e chamam-no de sensacionalista e alarmista. Quantas pessoas terão que morrer para que cheguem à conclusão de que o perigo é realmente sério?

— Mas, Phyl, você sabe que eles estão tentando...

— Estarão mesmo? Acho que estão é pesando todos os fatores. Por exemplo: qual o custo mínimo para se manter o equilíbrio político nas atuais condições? Quantas perdas o povo poderá suportar antes de começar a ficar impaciente e perigoso? Será ou não adequado decretar a lei marcial e em que medida? E assim por diante, em vez de reconhecerem as proporções do perigo e começarem a trabalhar para enfrentá-lo. Eu podia...

Ela parou subitamente de falar e sua expressão mudou.

— Desculpe, Mike. Eu não devia ter perdido o controle desse jeito. Devo estar muito cansada, tensa demais.

E afastou-se, dando a entender que não queria que a acompanhasse.

Aquela explosão deixou-me profundamente preocupado.

Nunca a vira assim antes, nem quando o bebê morrera.

Na manhã seguinte nada aconteceu que pudesse tranquilizar-me. Saí cedo do chalé e encontrei-a sentada no ridículo caramanchão. Os dois braços estavam em cima da mesa e a cabeça entre eles, os cabelos esparramados pelas páginas da novela interminável. Ela soluçava desesperadamente.

Ergui-lhe o queixo e beijei-a.

— O que houve, querida?

Ela encarou-me, as lágrimas escorrendo pelo rosto e disse com uma voz desconsolada:

— Não consigo, Mike. Simplesmente não consigo fazer nada.

Ela olhou desanimada para as páginas que escrevera. Sentei-me ao seu lado e enlacei-a:

— Não se desespere, meu anjo. Daqui a pouco...

— Não adianta, Mike. Cada vez que tento, outros pensamentos surgem em minha cabeça. Estou realmente apavorada.

— Mas não há nada com que se assustar, querida.

Ela continuava a me encarar.

— Você não está com medo também?

— Acho que estamos ficando velhos. Envolvemo-nos demais com aqueles programas e isso nos desgastou emocionalmente. Mas vamos esquecer tudo isso e tomar um banho de mar, é o melhor que temos a fazer.

Ela enxugou os olhos e disse, suavemente como sempre: — Está certo.

Precisávamos realmente relaxar, aliviar a pressão do medo que nos dominava depois das cenas pavorosas a que assistiríamos. E assim, nas seis semanas que se seguiram, descansamos por completo: não mexemos em nenhum roteiro de programa, desligamos o telefone, não ouvimos rádio, ela nem mesmo pensou em sua novela.

Aquelas seis semanas haviam-me viciado neste tipo de vida e certamente poderia continuar a gozá-la indefinidamente, se uma sede repentina não me houvesse levado a trinta quilômetros de distância. Cheguei a uma taverna por volta de seis horas da tarde.

Eu estava na segunda dose quando o dono ligou o rádio, para ouvir o noticiário da nossa arqui-rival, a B.B.C. A primeira notícia logo derrubou a torre de marfim que eu estivera construindo tão cuidadosamente. O locutor anunciou: — A relação dos desaparecidos no distrito de Oviedo-Santander ainda é incompleta e as autoridades espanholas acham que nunca será possível fazer o levantamento exato. Um porta-voz oficial admitiu que a estimativa de 3.200 vítimas, incluindo homens, mulheres e crianças, é realmente modesta devendo representar apenas quinze ou vinte por cento do total real.

“Na Câmara dos Deputados, o líder da Oposição, ao apoiar os sentimentos de pesar pelo povo espanhol manifestados pelo Governo, através do Primeiro-Ministro, ressaltou que as vítimas do terceiro desta série de ataques, o que foi dirigido contra Gijon, poderiam ser em quantidade bem maior, se o povo não tivesse tomado a defesa em suas próprias mãos. O povo, disse ele, tem o direito a defender-se. E uma das atribuições do Governo é proporcionar-lhe os meios para se defender. Se um governo negligencia esta obrigação, ninguém pode culpar um povo por tomar as medidas necessárias para a sua auto-proteção. Seria bem melhor, no entanto, que o povo pudesse previamente organizar a sua defesa.

“O Primeiro-Ministro replicou que a natureza das medidas a serem adotadas, caso fossem necessárias, seria determinada pela emergência, se esta viesse a ocorrer. O mar é profundo na região dos ataques, disse ele, e não nos devemos esquecer de que as Ilhas Britânicas estão no meio de um trecho relativamente raso do oceano. O dono da taverna desligou o aparelho.

— É a mesma coisa de sempre! — disse ele, visivelmente irritado. — Fico enjoado. Tratam a gente como se fôssemos meninos. Na guerra foi a mesma coisa. Fizeram a tal Guarda Nacional e a gente ficava patrulhando à noite à espera dos pára-quedistas. Só que não nos entregavam a munição, a menos que acontecesse alguma coisa. Lembro do que meu velho disse um dia: “Que diabo de povo eles pensam que somos?”

Ofereci-lhe um drinque, disse que há muitos dias não ouvia nenhuma notícia e perguntei o que havia ocorrido nas últimas semanas. Resumindo o seu palavreado e acrescentando as informações que recebi mais tarde, um fato se apresentava de forma evidente: os ataques não mais estavam limitados aos

trópicos. Em Bunbury, cento e cinquenta quilômetros ao sul de Fremantle, na Austrália Ocidental, um contingente de cinquenta tanques anfíbios atacara a cidade sem que houvesse tempo para se dar o alarme.

Poucas semanas depois a cidade de La Serena, no Chile, também fora tomada de surpresa. Na região da América Central os ataques não mais estavam circunscritos às ilhas, havendo notícias de várias incursões, pequenas e grandes, a cidades no Continente, tanto na costa do Pacífico como no Golfo do México. No Atlântico, as Ilhas de Cabo Verde haviam sofrido diversos ataques, o perigo deslocando-se para o norte, em direção à Madeira e às Canárias.

Haviam ocorrido também alguns ataques, em pequena escala, na costa continental da África.

A Europa permanecia como espectadora interessada. Na opinião dos seus habitantes, era prova de que continuava a ser o centro da estabilidade. Os furacões, os maremotos, os terremotos eram extravagâncias que só ocorriam nas regiões mais exóticas e menos sensíveis do mundo. Os estragos que a Europa sofria seriam sempre causados única e exclusivamente pelo próprio homem, em seus frenesis periódicos. Não se devia, portanto, esperar que o perigo se aproximasse mais do que até a Ilha da Madeira — no máximo até Rabat ou Casablanca .

Assim, cinco noites antes, quando os tanques anfíbios começaram lentamente a avançar pela praia na direção de Santander, encontraram uma cidade que não apenas estava despreparada para o ataque como também muito pouco informada sobre a ameaça. Alguém telefonou para o *cuartel* informando que submarinos estrangeiros estavam invadindo o porto. Outra pessoa telefonou avisando que os submarinos estavam desembarcando tanques. E um terceiro assegurou que os submarinos eram anfíbios. Embora as informações fossem contraditórias e confusas, era certo que alguma coisa estava errada, por isso os soldados saíram para investigar.

Os tanques anfíbios continuavam em seu vagaroso avanço.

Os militares haviam sido obrigados a abrir caminho por entre a multidão que rezava nas ruas. Em diversos pontos diferentes, várias patrulhas chegaram à mesma conclusão: se se tratava de uma invasão estrangeira, seu dever era repeli-la; se fossem as forças diabólicas, a mesma ação, embora ineficiente, faria com que ficassem do lado do Bem. E assim abriram fogo.

No comissariado de polícia, um alarme atrasado e deturpado deu a impressão de que estava ocorrendo uma revolta das tropas sediadas na cidade. Como esta versão podia apoiar-se nos disparos que se começava a ouvir por toda a cidade, os policiais saíram à rua dispostos a ensinar uma lição aos soldados.

Depois disso foi o caos, policiais e soldados se alvejando, confusão, incompreensão, exorcismo. Os tanques anfíbios atingiram suas posições e libertaram seus odiosos celenterados. Somente quando o dia clareou e os tanques anfíbios se retiraram, é que foi possível esclarecer a situação. Mas aí já era tarde e mais de duas mil pessoas estavam desaparecidas.

— Como pode ter havido tantas mortes? — indaguei surpreso. — O povo ficou parado nas ruas, rezando?

O dono da taverna declarou que, segundo o relato dos jornais, o povo realmente não compreendera o que estava acontecendo. Não eram muito instruídos nem demonstravam grande interesse pelo mundo exterior e até o primeiro celenterado espalhar seus cílios, não suspeitavam do que podia ocorrer. Houve pânico então, os mais sortudos conseguindo fugir e os outros abrigando-se nas casas próximas.

— Lá dentro não corriam o menor risco — comentei.

Mas eu estava enganado. Depois do ataque a Escondida, os tanques anfíbios pareciam ter aprendido uma

ou duas coisas novas. Uma delas era puxar a parte de baixo das casas, fazendo-as desabar e pegando assim as pessoas que fugiam apavoradas do seu interior. As pessoas no interior de uma casa assim ameaçada só tinham a alternativa de fazerem uma tentativa desesperada de fuga. Na noite seguinte, observadores situados em cidadezinhas e aldeias a oeste de Santander viram os tanques anfíbios aproximando-se da praia. Houve tempo de dar o alarme e a maioria dos habitantes conseguiu escapar. Uma unidade da força aérea espanhola estava de prontidão e entrou em ação imediatamente, disparando seus canhões. Em San Vicente, na primeira arremetida, destruíram meia dúzia de tanques anfíbios, fazendo com que os restantes parassem. Outros foram destruídos no segundo ataque e os restantes recuaram para o mar. Os caças liquidaram todos, destruindo o último quando já estava submerso alguns centímetros. Nos outros quatro lugares atacados, a defesa também foi eficiente. Somente três ou quatro celenterados chegaram a ser desprendidos e menos de uma dúzia de habitantes foi apanhada. Calculava-se que cerca de cinquenta tanques anfíbios se haviam empenhado nos ataques e que apenas quatro ou cinco conseguiram escapar. Era uma vitória expressiva e o vinho correu livremente para celebrá-la.

Na noite seguinte havia vigias ao longo de toda a costa, prontos para darem o alarme assim que a primeira carcaça cinzenta surgisse à tona d'água. Mas as ondas rolaram pela praia a noite inteira e nenhuma forma estranha apareceu. Pela manhã tornou-se evidente que os tanques anfíbios — ou os seres que os controlavam — haviam aprendido uma dolorosa lição. Os poucos que haviam escapado do ataque anterior deviam ter alertado para que procurassem costas mais desavisadas.

Durante o dia o vento começou a soprar, trazendo um nevoeiro à tarde. Quando a noite caiu, o nevoeiro era espesso, a visibilidade reduzida a poucos metros. Por volta de dez e meia os tanques anfíbios emergiram silenciosamente das águas diante de Gijon, só começando a fazer barulho quando as barrigas de metal se arrastaram nas rampas de cimento. Os pequenos barcos já recolhidos à terra foram empurrados para o lado ou esmagados à sua passagem. Foi o barulho da madeira arreventada que levou alguns homens que estavam nas posadas da praia a irem investigar.

Pouco conseguiram ver por causa do nevoeiro. Os primeiros tanques a saírem da água desprenderam imediatamente seus celenterados e os homens foram agarrados antes que pudessem verificar o que estava acontecendo. E de repente toda a área do pequeno porto era só confusão, gritos e gemidos lancinantes. Os tanques prosseguiram em seu caminho, no meio do nevoeiro, embrenhando-se pelas ruas estreitas, destruindo e triturando os obstáculos que havia à sua frente. E mais tanques continuavam a sair do mar. Na zona do cais o pânico era a nota dominante. As pessoas que fugiam de um tanque certamente iam esbarrar em outro. Sem qualquer aviso, um cílio saía do nevoeiro, agarrava sua vítima e começava a contrair-se. Algum tempo depois se ouviria o barulho do celenterado caindo na água, com a sua carga de vítimas.

O alarme chegou ao comissariado de polícia e o agente no comando deu imediatamente um telefonema. Ouviu um pouco e desligou .

— Não há teto, não podem levantar vôo. E mesmo que pudessem, de nada adiantaria.

Determinou que distribuíssem todos os rifles e se convocassem todos os homens em condições de lutar.

— Não devem ser de muita valia, mas talvez tenhamos sorte. Mirem cuidadosamente e, se encontrarem algum ponto vulnerável, avisem imediatamente.

Enviou seus homens com poucas esperanças de que pudessem oferecer algo mais que uma resistência simbólica. Logo depois ouviu o som de disparos. De repente houve uma explosão que sacudiu as vidraças, logo seguida por outra. O telefone tocou. Uma voz excitada informou que um grupo de estivadores estava jogando bananas de dinamite e gelignite nos tanques anfíbios que vinham à frente. Outra explosão fez tremer as vidraças. O agente pensou rapidamente.

— Muito bem. Procure o líder dos estivadores e autorize-o por mim a continuar a agir assim. Enquanto isso, seus homens devem tirar as pessoas das ruas.

Desta vez os tanques anfíbios não foram repelidos com facilidade. Calculou-se que o número de tanques destruídos variou de trinta a setenta, havendo de cinquenta a cento e cinquenta empenhados no combate. Mas quaisquer que sejam os números exatos, o fato é que as forças empenhadas na luta eram consideráveis. A pressão só se aliviou umas duas horas antes do raiar do dia.

Quando o sol finalmente se ergueu no horizonte e dissipou o nevoeiro, iluminou uma cidade semidestruída, quase que inteiramente coberta de limo. E, apesar de algumas centenas de baixas, os habitantes sentiam que, de certa forma, haviam conquistado as honras da vitória.

O relato que o taverneiro me fez era breve, mas incluía todos os fatos principais. Ele rematou-o com a seguinte observação: — Eles admitem que foram atacados por mais de cem tanques anfíbios em duas noites. A gente não pode esquecer também os que atacaram em outros lugares. A conclusão é que deve haver muitos milhares lá no fundo do mar. Acho que está na hora de alguém tomar alguma providência. Mas o nosso governo não faz nada, só fica dizendo que não há motivo para alarme. E vai continuar assim até que algumas centenas de pobres coitados sejam laçados por essas gelatinas voadoras. E então haverá ordens de emergência e pânico. Espere só para ver.

— Mas a Baía de Biscay é bastante profunda — observei. — É muito mais profunda que qualquer lugar próximo da nossa costa.

— E daí?

Quando pensei nesta pergunta, compreendi que era perfeitamente razoável. A origem real do perigo estava indubitavelmente no fundo das fossas abissais e os primeiros ataques na superfície se haviam realizado nas proximidades. Na verdade, de um ponto de vista puramente mecânico, uma subida suave seria muito mais fácil que escalar uma encosta íngreme — ou não seria? Havia também o argumento de que, quanto mais fundo estivessem, menos energia os tanques anfíbios teriam que consumir para se deslocar.

Por mais que pensássemos, no fundo o problema era sempre o mesmo: nós os conhecíamos muito pouco para fazer alguma profecia mais exata. O taverneiro podia estar certo, assim como qualquer outra pessoa.

Foi o que lhe disse e bebemos à esperança de que estivesse errado. Quando fui embora, o encantamento estava quebrado. Parei na cidade para enviar um telegrama a Phyllis, que fora passar alguns dias em Londres, e voltei para o chalé a fim de arrumar minhas coisas. No dia seguinte embarquei para Londres.

Para me ocupar na viagem e ficar em dia com o mundo, comprei vários jornais e revistas semanais. O assunto mais importante nos jornais era a discussão em torno da defesa da costa — a Esquerda exigia preparativos de batalha em toda a costa do Atlântico, a Direita rejeitava os gastos desnecessários ditados pelo pânico, alegando que a ameaça era uma simples quimera. Além disso, a perspectiva não se alterara muito. Os cientistas ainda não haviam inventado a panacéia (embora continuassem a testar novos engenhos), os navios continuavam atracados no porto, as fábricas de aviões funcionavam em três turnos, os operários ameaçando uma greve sob a inspiração do Partido Comunista, que erguera a bandeira que cada novo avião era um voto a favor da guerra.

Malenkov, entrevistado por telegrama, declarou que a intensificação do programa de construção de aviões no Ocidente era parte de um plano fascista-burguês que não podia enganar a ninguém. Contudo, a oposição do povo russo à guerra era tão grande, que haviam triplicado a produção de aviões dentro do Programa de Defesa da Paz da União Soviética. E como os povos das únicas e verdadeiras democracias

livres estavam decididos a preservar a paz, apesar da nova ameaça imperialista, a guerra não era inevitável — embora fosse possível que uma provocação prolongada esgotasse a paciência dos povos soviéticos.

A primeira coisa que notei, quando cheguei ao apartamento, foi uma porção de envelopes e um telegrama, possivelmente o que eu enviara, em cima do capacho, dando-me imediatamente uma impressão de abandono.

No quarto havia sinais de que Phyllis empacotara às pressas algumas roupas, na pia havia louça por lavar. Olhei para a agenda da cozinha. A última anotação tinha três dias e dizia simplesmente: “Costeletas de carneiro”.

Peguei o telefone. Freddy Whittier demonstrou a maior alegria por saber que eu estava outra vez em circulação. Depois dos cumprimentos iniciais, fui logo dizendo: — Olhe, acho que estava tão incomunicável que perdi minha esposa. Pode elucidar o mistério?

— Perdeu o quê? — indagou Freddy aturdido.

— Minha esposa, Phyllis.

— Pensei que tivesse dito que perdera a esperança... Phyllis está bem, vai passar uns dois dias fora com Bocker.

— Vamos devagar, acho que este não é o jeito de dar-me a notícia. Que história é esta de passar dois dias fora com Bocker?

— Foram, para a Espanha. Estão armando algumas minas especiais por lá ou coisa assim. Por falar nisso, estamos esperando que a qualquer momento ela nos envie matéria.

— Quer dizer que ela está roubando o meu lugar?

— Não, apenas o está esquentando para você... mas há muita gente que gostaria dele. É ótimo você estar de volta.

O apartamento, sem Phyllis, era depressivo, por isso fui para o clube e fiquei lá até de madrugada.

O telefone tocando na mesinha de cabeceira despertou-me.

Acendi a luz: eram cinco horas da manhã.

— Alô! — falei, com voz de sono.

Era Freddy. Meu coração deu um pulo ao reconhecer sua voz.

— Mike? Ótimo. Pegue imediatamente o chapéu e o gravador. O carro está indo buscá-lo agora mesmo.

Meu coração continuou a dar pulos.

— Carro? Não foi Phyl...

— Phyl? Ó não, claro que não. Ela está bem. Mandou sua matéria por volta de nove horas e recebeu um recado dizendo que você estava com saudades dela. Agora se apronte, meu velho. O carro já deve estar chegando ao seu apartamento.

— Mas espere... Não há nenhum gravador aqui. Phyl deve ter levado.— Está certo, darei um jeito de mandar um para o avião antes da decolagem.

— Avião...?

Não pude dizer mais nada, pois Freddy já desligara.

Levantei da cama e comecei a vestir-me. A campainha da porta tocou antes que eu terminasse. Era um dos motoristas da E.B.C. Perguntei-lhe se sabia o que estava acontecendo, mas tudo o que pôde dizer-me é que havia um avião fretado à minha espera em Northolt. Peguei meu passaporte e fomos embora.

No final, não precisaria do passaporte. Descobri isto ao juntar-me a um grupo sonolento de jornalistas que tomava café na sala de espera do aeroporto. Bob Humbleby era um dos que lá estavam.

— Ora, ora, chegou o lídimo representante da imprensa falada — disse alguém.

— Mas que diabo está acontecendo? Aqui estou eu, arrancado de uma cama quente e solitária, arrastado pelo meio da noite... obrigado, isto vai ajudar-me a acordar do pesadelo — falei, aceitando a xícara de café que me ofereciam.

O bom samaritano olhou-me curioso.

— Quer dizer que ainda não sabe?

— Não sei o quê?

— Os tanques anfíbios. Atacaram um lugar chamado Buncarragh, em Donegal. Um lugar bastante de acordo, na minha opinião. Devem estar sentindo-se em casa entre os duendes e espíritos que habitam por lá. Mas não tenho a menor dúvida de que os nativos certamente irão dizer que é uma injustiça o primeiro lugar da Grã-Bretanha a ser atacado pelos tanques anfíbios ter sido a Irlanda.

Era estranho encontrar o mesmo cheiro de peixe podre numa pequena aldeia irlandesa. Escondida era uma ilha exótica na qual se podia esperar que tudo acontecesse. Mas era simplesmente absurdo que a mesma coisa pudesse ocorrer por entre aquelas colinas verdes e névoas azuladas, no meio daquele grupo de casas tão típicas.

E, no entanto, os indícios estavam todos ali: a rampa de pedra ao lado do ancoradouro derrubada, os sulcos na praia, quatro casas demolidas, mulheres desesperadas que haviam visto seus homens serem arrastados pelo cílios, o mesmo limo viscoso por toda parte, o mesmo cheiro insuportável.

O ataque fora efetuado por seis tanques anfíbios. Um telefonema chamara imediatamente dois aviões de caça. Haviam destruído três tanques e os restantes haviam voltado para o mar — precedidos por metade da população da aldeia, arrastada impiedosamente pelos monstruosos tentáculos.

Na noite seguinte houve outro ataque, mais ao sul, na Baía de Galway.

Quando voltei a Londres, a operação de guerra já fora desencadeada. Não vou fazer aqui uma descrição detalhada dos acontecimentos. Os relatórios oficiais ainda podem ser encontrados com alguma facilidade, informando os fatos com mais precisão que as minhas recordações desordenadas.

Phyllis e Bocker também já haviam voltado da Espanha e eu e ela lançamo-nos prontamente ao trabalho. Só que agora a nossa tarefa era um pouco diferente, pois as notícias sobre os ataques cotidianos dos tanques anfíbios passaram a ser responsabilidade das agências noticiosas e dos correspondentes locais. Nossa função parecia ser uma espécie de ligação entre a E.B.C. e as Forças Armadas e também com Bocker — pelo menos foi isso que aconteceu na prática, pois tínhamos que informar ao público o que estava sendo feito em sua defesa.

E muito se fez. A República da Irlanda esqueceu o passado por um momento e pediu emprestada uma grande quantidade de minas, bazucas e morteiros, concordando depois em aceitar também o empréstimo

de homens especializados no uso dessas armas.

Ao longo da costa oeste e sul da Irlanda foram plantados campos de minas, em todos os pontos em que não havia penhascos barrando o acesso. Nas cidades costeiras mantinha-se uma permanente vigilância noturna, com homens armados de poderosas bazucas.

Por toda parte havia aviões, jipes e carros blindados em estado de alerta, aguardando uma chamada de emergência.

No sudoeste da Inglaterra e na costa oeste da Escócia fizeram-se também preparativos semelhantes.

Os tanques anfíbios não pareceram ficar intimidados. Noite após noite, ao longo da costa da Irlanda, na costa da Bretanha, na Baía de Biscay, na costa atlântica portuguesa eles continuaram a atacar, em grupos grandes ou pequenos. Mas haviam perdido a sua arma mais poderosa, que era a surpresa. O tanque anfíbio líder é que geralmente dava o alarme, explodindo ao passar pelo campo minado. Quando finalmente conseguiam abrir uma passagem, os habitantes da cidade haviam escapado e as tropas encarregadas da defesa já estavam a postos. Os tanques anfíbios que conseguiam passar pelos campos minados provocavam algum dano, mas praticamente não encontravam mais vítimas, pois todos tinham fugido a tempo. E não raro as suas perdas eram totais.

Do outro lado do Atlântico os ataques estavam praticamente restritos ao Golfo do México. As incursões na costa leste foram tão efetivamente desencorajadas que muito poucas ocorreram ao norte de Charlestown. Na costa do Pacífico americana, não houve nenhum ataque ao norte de San Diego. De um modo geral foram as Antilhas, os países banhados pelo Oceano Índico, as Filipinas e o Japão os que mais continuaram a sofrer ataques. Mas eles também, pouco a pouco, estavam aprendendo os meios de infligir pesadas perdas aos atacantes, em troca de muito pouca coisa.

Bocker, neste período, andou de um lado para o outro, tentando convencer as autoridades a incluir armadilhas entre as defesas para capturar um tanque anfíbio. Praticamente não obteve sucesso. Nenhum lugar aceitava a perspectiva de ter um tanque anfíbio aprisionado em sua praia, imóvel mas ainda capaz de lançar celenterados por um prazo desconhecido. O próprio Bocker também não sabia onde armar as armadilhas, sugerindo apenas que se construíssem várias, para ver se se pegava alguma coisa.

Chegaram a escavar algumas, mas nenhum tanque anfíbio caiu nelas. Em alguns lugares os defensores foram persuadidos a não destruírem os aparelhos por acaso inutilizados ou atolados, incapazes de se moverem, prendendo-os com redes de metal. Mas esta era a parte mais fácil. Qualquer tentativa de perfurá-los resultava invariavelmente em que explodissem, espalhando limo. Muitas vezes explodiam antes da tentativa — o resultado da exposição prolongada ao sol, afirmava Bocker. Para dizer a verdade, o nosso desconhecimento sobre a natureza dos tanques anfíbios e dos celenterados era tão grande quanto na ocasião em que foram filmados em Escondida.

Foram os irlandeses que suportaram o peso maior do ataque ao norte da Europa, dirigido, segundo Bocker, de uma base numa pequena fossa ao sul de Rockall. Os irlandeses rapidamente desenvolveram uma incrível habilidade em enfrentar os tanques anfíbios, fazendo uma questão de honra impedir que nenhum escapasse. A Escócia sofreu apenas algumas pequenas incursões, nas ilhas oceânicas, não havendo vítimas. As únicas incursões à costa inglesa foram na Cornualha, todas também de pouca envergadura.

Houve uma única exceção, que foi o ataque ao Porto de Falmouth, onde alguns tanques anfíbios conseguiram passar da marca da maré alta antes de serem destruídos. Muitos haviam sido destruídos antes, por bombas de profundidade, sem terem sequer alcançado a praia. De repente, poucos dias depois do ataque ao porto de Falmouth, os ataques cessaram. Pararam subitamente e, no que diz respeito às costas continentais, não mais foram realizados.

Uma semana depois não restava a menor dúvida de que o Baixo Comando, como alguém o apelidara, havia cancelado todas as operações. As costas continentais provaram ser difíceis de vencer e todas as tentativas fracassaram. Os tanques anfíbios passaram a atacar esporadicamente em lugares onde a resistência era menor, mas mesmo assim suas perdas eram cada vez maiores e os resultados obtidos cada vez menores.

Quinze dias depois do último ataque, foi encerrado o estado de emergência. Dois dias depois Bocker concedeu uma entrevista transmitida a todo o país, dizendo: — Alguns de nós, embora certamente não os mais sensíveis, andam celebrando uma vitória. Sugiro que se lembrem de que, quando a fogueira dos canibais ainda não está bastante quente para ferver o caldeirão, a futura refeição pode sentir algum alívio, mas não deve pensar, no sentido geralmente aceito da expressão, que conquistou uma vitória completa. Na verdade, se não fizer alguma coisa enquanto os canibais preparam uma fogueira maior e mais eficiente, a sua situação continua tão ruim quanto antes.

“Consideremos, portanto, todos os aspectos do que alguns classificam como uma grande vitória. Nós, um povo marítimo, que construímos um poder naval que se estendeu a todos os recantos da Terra, perdemos a liberdade nos mares. Nossos navios só podem singrar em segurança as águas costeiras e os mares pouco profundos. Como poderemos saber que daqui a pouco não serão permitidos nem aí? Fomos forçados por um bloqueio marítimo, mais efetivo que qualquer experiência de guerra, a depender do transporte aéreo para obtermos inclusive os alimentos necessários à nossa subsistência. Mesmo os cientistas que estão tentando estudar as fontes dos nossos tormentos são obrigados a sair ao mar, para realizar seu trabalho, em navios a vela. Será isto uma vitória?”

“Nunca poderemos saber ao certo quais os objetivos dos ataques realizados contra as cidades costeiras. Talvez estivessem tentando pescar-nos, assim como pescamos os animais que vivem no mar, embora não seja uma idéia muito aceitável, pois há alimentos mais fáceis no mar do que em terra. Ou talvez tenha sido parte de uma tentativa maior de conquista da superfície... uma tentativa infrutífera e desavisada, é verdade, mas com um sucesso relativo maior do que o que obtivemos em nossas tentativas de atacar as fossas abissais. E, se é assim, então os responsáveis pelos ataques conhecem mais a nosso respeito do que nós sobre eles. E são, portanto, potencialmente muito mais perigosos. Provavelmente não tentarão outra vez com a mesma tática e com as mesmas armas, mas em nada do que fizemos vejo ações capazes de desencorajá-los a atacar novamente, de forma diferente e com armas diferentes.

“Portanto, creio que não devemos relaxar. Muito pelo contrário, devemos intensificar a busca de maneiras eficientes e poderosas de lançar um ataque de retaliação.

“Talvez alguém recorde que, assim que tomamos conhecimento das atividades nas profundezas dos nossos oceanos, defendi a tese de que deveríamos envidar todos os esforços para estabelecer um contato pacífico com estas inteligências submarinas. Isso não foi tentado e talvez de nada adiantasse. De qualquer forma, porém, é inegável que agora existe a situação que eu propunha evitarmos... e estamos chegando à fase de confrontação final. Duas formas de vida inteligentes acham intolerável a existência uma da outra. Acredito agora que uma tentativa de aproximação estaria fadada ao fracasso. A vida, em todas as suas formas, é uma luta permanente. Os melhores desafiam seus oponentes, os mais fortes acabam vencendo. A mais poderosa de todas as armas é a inteligência. Qualquer forma de ser inteligente tende a querer dominar e assim sobrevive por sua própria inteligência. Uma forma rival de inteligência constitui, por sua própria existência, uma ameaça ao nosso domínio. E representa, em última análise, uma ameaça de extinção.

“As observações que efetuei convenceram-me de que minha posição anterior era lamentavelmente

antropomórfica. Digo agora que devemos atacar imediatamente, assim que encontrarmos os meios adequados para tal, combatendo até o total extermínio dos invasores do espaço. Estes seres, o que quer que sejam, conseguiram já expulsar-nos de seu elemento com facilidade e já estão guerreando em nosso elemento. Por enquanto, nós os fizemos recuar. Mas eles voltarão, movidos pelo mesmo impulso que nos domina: a necessidade de exterminar ou ser exterminado. E quando voltarem, se os deixarmos fazê-lo, é certo que voltarão mais bem equipados...

“É por isso que repito: a situação atual não representa realmente uma vitória...”

Na manhã seguinte esbarrei com Pendell, o encarregado de verificar as reações do público aos nossos programas. Ele lançou-me um olhar de profunda tristeza.

— Nós tentamos — disse eu na defensiva — mas o espírito de profeta da catástrofe baixou sobre ele.

— Da próxima vez em que o encontrar, poderia dizer o que penso a seu respeito? Não que ache que ele está errado, mas é que nunca vi um homem com uma capacidade tão grande de estar certo na hora errada e da maneira errada. Quando o seu nome for anunciado outra vez em nossa programação, se é que é possível que volte a acontecer, centenas de milhares de pessoas vão desligar seus aparelhos. Como um conselho de amigo, diga-lhe que comece a cultivar o pessoal da B.B.C.

Phyllis e eu almoçamos com Bocker naquele mesmo dia. Ele quis saber as reações à sua fala e delicadamente relatei as primeiras impressões que ouvira.

— A maioria dos jornais estão seguindo a mesma orientação — disse ele. — Por que fui condenado a viver numa democracia onde o voto de cada tolo vale a mesma coisa que o voto de um homem inteligente? Se toda a energia empregada na caça aos votos fosse desviada para algum trabalho útil, seríamos uma nação inigualável. Mas não, o que os jornais estão fazendo é agitar a opinião pública a favor de um corte drástico nos milhões desperdiçados com pesquisas. E isso para que o contribuinte possa comprar mais um maço de cigarros, o que significa mais espaço perdido com tabaco nos aviões. Em compensação, o governo passa a arrecadar mais e vai gastar com outras coisas que não as pesquisas de que precisamos. Enquanto isso, os navios continuam enferrujando nos portos. Não entendo mais nada. Afinal, estamos diante da maior emergência que o mundo já enfrentou...

— Mas os seres lá de baixo sofreram efetivamente uma derrota — disse Phyllis.

— Nós próprios, minha cara, temos uma longa tradição de sofrermos derrotas e depois ganharmos as guerras.

— Exatamente — disse Phyllis. — Fomos derrotados ao nos expulsarem dos mares, mas terminaremos voltando.

— A lógica...

Não deixei Bocker continuar, indagando:

— Da maneira como fala, dá a impressão de que eles são mais inteligentes do que nós. É esta realmente a sua impressão?

— Não sei como se poderia responder a esta pergunta. Minha impressão, como já expressei tantas vezes antes, é de que eles pensam de uma maneira bem diferente da nossa. Se o fazem, qualquer comparação seria impossível e a mera tentativa em nada resultaria.

— Estava falando sério quando disse que eles tentariam novamente? Isto é, estava pensando em mais alguma coisa além de impedir que percamos o interesse total pela navegação marítima?

— Foi assim que lhe pareceu? — Não, mas...

— Estava falando sério. Considerem as alternativas que eles têm. Podem ficar sentados lá no fundo do oceano, esperando que encontremos os meios para destruí-los. Ou então podem vir ao nosso encontro. A menos que encontremos logo um meio de atacá-los, eles virão até nós, de alguma maneira...

FASE 3

Embora Bocker nem o imaginasse ao enunciar sua advertência, o novo método de ataque já começara, mas levou seis meses até tornar-se patente.

Se os navios oceânicos continuassem a singrar suas rotas habituais, o acontecimento teria despertado a atenção geral mais cedo. Mas, como as travessias atlânticas só se realizavam pelo ar, os informes dos pilotos sobre um nevoeiro denso e extenso sobre a região ocidental do Atlântico passaram quase despercebidos, ninguém dando maior importância. Como a autonomia de vôo dos aviões aumentara de forma excepcional, a neblina permanente em torno de Gander, onde os aviões antes se reabasteciam para o seu pulo através do oceano, não causava a menor inconveniência.

Verificando os relatórios daquele tempo à luz do conhecimento posterior, descobri que havia notícias também de um nevoeiro a se espalhar por uma extensa área no nordeste do Pacífico. As condições de visibilidade eram péssimas na ilha japonesa de Hokkaido, ao norte. Nas ilhas Kurils, mais ao norte, ainda eram piores.

Mas como há muito tempo que os navios não se atreviam a singrar o mar profundo daquela região, as informações a respeito eram escassas e poucos estavam interessados. A névoa que se espalhava pela costa da América do Sul, de Montevideu para o norte, também pouco atraiu a atenção do público.

Muita gente notou o verão frio e enevoado da Inglaterra naquele ano, porém era mais com um sentimento de resignação do que de surpresa.

Na verdade, a consciência mundial pouca importância deu ao aumento do nevoeiro em diversas partes do mundo até os russos mencionarem o fenômeno. Uma nota de Moscou informava a existência de uma área de denso nevoeiro, tendo o seu centro no meridiano de 130' leste de Greenwich, em torno do paralelo 85.

Os cientistas soviéticos, depois de amplas pesquisas, declaravam que jamais aquele fenômeno ocorrera antes. Não era possível também compreender como as condições climáticas reinantes naquela área podiam gerar o fenômeno e muito menos fazer com que se mantivesse praticamente inalterado durante três meses, desde que fora observado pela primeira vez. O Governo soviético, acrescentava a nota, por diversas vezes ressaltara que as atividades dos mercenários capitalistas provocadores de guerras no Ártico podiam constituir uma ameaça à paz mundial.

Os direitos territoriais da União Soviética sobre a região ártica, que se estendem entre os meridianos 32° leste e 168° oeste de Greenwich, eram reconhecidos pelas leis internacionais. Qualquer incursão não autorizada nesta área constituiria uma agressão. O Governo soviético, portanto, considerava-se livre para tomar as medidas necessárias para preservar a paz, naquela região.

A nota, entregue simultaneamente em vários países, recebeu uma resposta rápida e direta de Washington.

Os povos do Ocidente, observou o Departamento de Estado, mostraram-se bastante interessados na nota soviética. No entanto, como já possuíam muita experiência na técnica de propaganda conhecida como “*tu quoque* pré-natal”, podiam reconhecer as implicações nela contidas. O Governo dos Estados Unidos tinha plena consciência das divisões territoriais do Ártico. E gostaria até de lembrar ao Governo soviético, no interesse da precisão, que o segmento mencionado na nota de Moscou era apenas

aproximado, sendo o verdadeiro um pouco menor, compreendido exatamente entre os meridianos 32° 04' 35" leste e 168° 49' 30" oeste de Greenwich. Mas, como o fenômeno mencionado fora verificado num local dentro desta área, o Governo dos Estados Unidos dele só tomara conhecimento através da nota oficial.

Recentes observações, contudo, haviam registrado a existência de um fenômeno semelhante ao descrito pela nota russa também no paralelo 85, mas só que no meridiano 79° oeste de Greenwich. Por coincidência, este era precisamente o alvo que os governos norte-americano e canadense haviam conjuntamente escolhido para testar seus mais novos mísseis teleguiados de longo alcance. Os preparativos para esses testes já haviam terminado e os primeiros lançamentos seriam efetuados dentro de poucos dias.

Os russos comentaram a singularidade de se escolher um alvo numa região onde não se podiam fazer observações acuradas; os americanos comentaram o zelo russo pela pacificação de regiões desabitadas. Os jornais não noticiaram se as duas potências adversárias passaram então a atacar os seus respectivos nevoeiros, mas o fato é que a troca de notas teve o efeito de fazer com que todos percebessem subitamente a existência inesperada de densos nevoeiros em uma porção de lugares.

Se os navios meteorológicos ainda estivessem em funcionamento no Atlântico, é provável que muito antes já se teriam as informações a respeito. Mas eles haviam sido retirados “temporariamente” do serviço, em seguida ao afundamento de diversos pouco tempo antes. Conseqüentemente, a primeira informação séria e meticulosa, destinada a começar a pôr os fatos em ordem e acabar com a especulação desenfreada, veio de Godthaab, na Groenlândia. Falava num fluxo crescente de água no Estreito de Davis, na Baía de Baffin, com uma proporção inesperada de gelo para aquela época do ano. Poucos dias depois foi a vez de Nome, no Alasca, informando que se observava uma situação semelhante no Estreito de Bering. Depois veio Siptzbergen, falando também no aumento do fluxo de água e na queda da temperatura.

Isso explicava os nevoeiros em Newfoundland e outras regiões centrais. Por toda parte os nevoeiros súbitos podiam ser atribuídos a correntes submarinas geladas que eram forçadas para o alto, ao encontro de águas mais quentes, por cordilheiras submarinas. Todas as coisas, é claro, podiam ser explicadas de maneira convincente, restando apenas o fato do inexplicável aumento das correntes frias.

E então, de Godhavn, ao norte de Godthaab, na costa ocidental da Groenlândia, veio uma mensagem informando a existência de uma quantidade sem precedentes de icebergs, de proporções descomuns. Imediatamente vários aviões decolaram das bases árticas americanas e foram investigar, confirmando o fenômeno. O mar ao norte da Baía de Baffin estava coalhado de icebergs.

— Por volta da latitude 77,60° oeste de Greenwich — relatou um dos pilotos — deparamos com uma das cenas mais aterradoras do mundo. As geleiras que formam a alta superfície do norte da Groenlândia se estão desfazendo. Já vi icebergs formando-se antes, mas nunca em tais proporções e naquela região. Nos grandes penhascos de gelo, com centenas de metros de altura, aparecem fendas subitamente. Um pedaço enorme então se separa e lentamente vai caindo. Ao bater no mar, levanta uma cortina de água que se espalha por dezenas de metros ao redor. A água deslocada provoca imensas ondas que vão entrecocar-se, num turbilhão de espumas, com a maior violência. O iceberg que se forma, do tamanho de uma pequena ilha, oscila e deriva um pouco, até finalmente encontrar seu equilíbrio. Por quase duzentos quilômetros de costa vimos a mesma coisa acontecendo, geleiras desprendendo-se e caindo ao mar. Muitas vezes o iceberg nem tem tempo de afastar-se da costa quando outro lhe cai em cima. A escala do fenômeno é tão gigantesca que se torna difícil aceitá-lo. Somente pela aparente lentidão da queda das

geleiras e pelo fato de o jato de água parecer ficar pairando no ar, pela imponência e grandiosidade de tudo, é que podemos assegurar as imensas proporções do que presenciamos.

Outras expedições aéreas descreveram cenas semelhantes na costa leste da Ilha de Devon e na extremidade meridional da Ilha Ellesmere. Na Baía de Baffin, os grandes icebergs se acotovelavam, esbarrando um no outro, ao flutuarem como um rebanho de ovelhas em direção ao sul, saindo pelo Estreito de Davis e entrando no Atlântico.

Do outro lado do continente americano, em Nome, no Alasca, o fluxo de icebergs observado a caminho do sul registrou também um aumento considerável.

O público recebeu a informação sem maiores preocupações.

As pessoas se impressionaram com as primeiras fotografias dos gigantescos icebergs no processo de criação. Mas, como todo iceberg é igual ao outro, o interesse logo decresceu. Além disso, o público achava que era muito bonito os cientistas saberem tudo a respeito dos icebergs, mas não entendiam os motivos se não podiam tomar nenhuma providência a respeito, se não conseguiam tirar proveito dos seus conhecimentos .

A um verão sombrio seguiu-se um outono mais sombrio ainda. Parecia que ninguém podia fazer nada, a não ser aceitá-lo com uma resignação e resmungos filosóficos.

No outro lado do mundo chegou a primavera. Depois veio o verão e começou a estação da pesca de baleias — se é que assim se podia chamá-la, pois poucos eram os proprietários que queriam arriscar seus navios e quase inexistentes as tripulações que se dispunham a arriscar a vida. Mesmo assim, sempre havia aventureiros com coragem de desafiar as criaturas do fundo do mar e os outros perigos do oceano. E, quando o verão antártico foi chegando ao fim, o mundo foi surpreendido por notícias, enviadas através da Nova Zelândia, de que as geleiras de Victoria Land estavam despejando quantidades incríveis de icebergs no Mar de Ross, sugerindo-se inclusive que a Grande Barreira Gelada de Ross estava começando a se desfazer. Uma semana depois chegaram notícias de fenômeno semelhante no Mar de Weddell. A Barreira de Filchner que ali existia, juntamente com a Geleira de Larsen, estavam gerando icebergs em quantidades fantásticas. Uma série de vôos de reconhecimento trouxe relatórios quase iguais aos que haviam sido feitos sobre a Baía de Baffin, com fotos que poderiam ser cópias das primeiras.

O Sunday Tidings, que há vários anos adotava uma linha de sensacionalismo intelectual, nunca encontrara com facilidade um fluxo permanente de fatos em que alimentar-se. Volta e meia su-cediam-se longos intervalos, durante os quais nada acontecia que pudessem explorar. E deve ter sido um conselho editorial desesperado, apavorado com o prolongamento exagerado de um desses hiatos, que tomou a decisão de abrir as páginas do jornal a Bocker.

Era evidente que o editor sentia alguma apreensão pelas conseqüências de sua atitude, tanto que antecedeu a matéria com uma nota em grifo afirmando que não assumia a menor responsabilidade pelas opiniões expressas pelo Dr. Bocker.

Com este início auspicioso e sob o título *Os Demônios das Profundezas*, Bocker dizia:

“Nunca, desde os dias em que Noé estava construindo a sua arca, tantas pessoas resolveram deliberadamente fechar os olhos aos acontecimentos como neste ano que passou. Mas não continuará assim. Daqui a pouco a longa noite ártica terá terminado. Será possível outra vez observar a região. E então, os olhos que nunca deveriam ter-se fechado serão obrigados a se abrir...”

Deste início eu me lembro muito bem, mas sem referências posso dar apenas o sentido do restante que ele disse e uma ou outra frase que ficou gravada em minha memória. Bocker continuava assim:

“Este é o último capítulo de uma longa história de futilidade e fracasso que começou com o afundamento dos navios Yatsushiro e Keweenaw, havendo mesmo alguns antecedentes. Um fracasso que já nos expulsou dos mares e agora nos ameaça em terra. Repito: fracasso.

É uma palavra que nos agrada tão pouco que muitos pensam ser uma virtude assegurar que jamais o admitem. Ao nosso redor, o que vemos é a inquietação, a inflação galopante, todas as estruturas econômicas alterando-se — e, portanto, é um meio de vida que também está mudando. As pessoas falam sobre o nosso afastamento dos mares como uma inconveniência temporária que logo será sanada. A esta presunção só se pode dar uma resposta: Faz já cinco anos que os melhores e mais criativos cérebros do mundo estão empenhados no problema de descobrir os meios de enfrentar nosso inimigo — e até agora, por suas descobertas até este momento, nada parece indicar que poderemos novamente singrar em paz os mares do mundo.

Com a palavra fracasso suspensa em nossas bocas, aparentemente se tornou uma orientação geral desencorajar toda e qualquer ligação entre a nossa expulsão dos mares e os recentes acontecimentos verificados nas regiões árticas e antárticas. Mas está na hora de pararmos com esta atitude infantil.

Não estou querendo dar a entender que se negligenciou o combate à origem dos nossos problemas, longe disso. Muitos homens continuam empenhados em encontrar os meios que nos permitam localizar e destruir o inimigo que se esconde nas profundezas do oceano. O que estou querendo dizer é que, como eles ainda não conseguiram descobrir esses meios, estamos agora sofrendo o mais sério ataque já lançado.

É um ataque contra o qual não temos defesas. E também não é suscetível de uma reação direta.

E que arma é esta contra a qual nada podemos fazer?

É o derretimento do gelo ártico — e também de boa parte do gelo antártico.

Acham que é fantástico demais? Uma tarefa por demais colossal? Não é não. Trata-se de uma coisa que nós próprios poderíamos fazer, se assim o desejássemos, bastando para isso empregar o poder do átomo.

Por causa da escuridão do inverno, pouco se tem ouvido falar ultimamente sobre as manchas de nevoeiro ártico. Mas todos sabem que na primavera existiam pelo menos dois e no fim do verão já eram oito, em áreas bem distantes uma da outra. Ora, o nevoeiro é causado pelo encontro de correntes de ar ou de águas frias e quentes. E como será que surgiram subitamente na região ártica oito novas e independentes correntes quentes?

E os resultados? O escoamento de camadas de gelo no Mar de Bering e no Mar da Groenlândia. Nestas duas áreas, em especial, o gelo avançou algumas centenas de quilômetros além do seu ponto máximo habitual na primavera. Ao longo da Noruega também, por exemplo, chegou a um ponto onde nunca antes tinha sido observado. E o nosso próprio inverno foi extremamente frio e úmido como jamais tínhamos sentido.

E os icebergs? É evidente que há muitos mais icebergs que o normal, mas por quê?

Todos sabem de onde eles estão vindo. A Groenlândia é uma ilha grande — nove vezes maior que as Ilhas Britânicas. Mas não é apenas isso: é o último grande bastião da era glacial em retirada.

Por várias vezes o gelo veio para o sul, inexorável, cobrindo as montanhas, enchendo os vales até deter-se em penhascos escarpados de gelo, imensas geleiras que um dia existiram no meio da Europa. Depois o gelo começou a recuar, lentamente, por muitos e muitos séculos os penhascos e as montanhas geladas derreteram-se e sua recordação se perdeu — a não ser num lugar onde hoje ainda existem. Resta a Groenlândia, com seu gelo imemorial que se ergue em alguns trechos a três mil metros de altura, o frio dos séculos indomável e recusando-se a ser conquistado. É pelas encostas destas montanhas de gelo que os icebergs estão deslizando.

Há séculos que isso acontece, ano após ano, antes mesmo que existissem homens na terra para observar o fenômeno. E por que então este ano, inesperadamente os icebergs aumentaram numa proporção de dez ou vinte vezes mais? Deve haver uma razão para tal. E há.

Caso se pusessem em ação alguns meios de derreter o gelo ártico seria preciso decorrer um pequeno lapso de tempo para que os efeitos, principalmente a elevação do nível do mar, fossem mensuráveis. Além disso não devemos esquecer também que os efeitos seriam progressivos: primeiro uma gota, depois um esguicho e finalmente uma torrente.

Em relação a este fato, gostaria de chamar a atenção de todos para a informação, verificada em janeiro deste ano, de que o nível médio do mar, em Newlyn onde é habitualmente medido subiu exatamente seis centímetros.”

— Nunca vi ninguém que insistisse tanto em passar uma corda em torno do próprio pescoço — comentou Phyllis ao ler as declarações de Bocker. — Acho melhor irmos procurá-lo.

Não ficamos surpresos na manhã seguinte, ao descobrir que seu telefone fora cortado. Fomos ao seu apartamento e ele nos recebeu. Estava no escritório, sentado em uma escrivaninha coberta por montanhas de cartas.

— Acho que não vão conseguir nenhum proveito vindo procurar-me. Neste momento nenhum patrocinador se atreveria a ligar seu nome a mim.

— Eu não diria isso, A. B. — respondeu Phyllis. — É bem provável que seu nome se torne extremamente popular entre os vendedores de sacos de areia e os fabricantes de máquinas de escavar.

Ele pareceu não tomar conhecimento do comentário zombeteiro de Phyllis e disse-nos: — Vocês

provavelmente ficarão contaminados por entrarem em contato comigo. Em muitos outros países, acho que sabem, a esta altura eu já estaria preso.

— Deve ser um desapontamento para você. Este sempre foi um território dos mais desencorajadores para mártires ambiciosos.

Mas você bem que tenta não é?

Phyllis fez uma pausa e acrescentou: — Escute aqui, A.B. você bem que gosta de ver as pessoas jogando coisas em cima de você não é?

— É que fico logo impaciente.

— As outras pessoas também, só que não conheço ninguém que tenha o dom que você possui de ir além do que o público está querendo receber num determinado momento. Um dia ainda vai machucar-se. Não desta vez felizmente, porque o tiro saiu pela culatra. Mas algum dia ainda vai acontecer.

— Se não for desta vez então provavelmente nunca mais vai acontecer. Mas olhe, minha jovem, o que está querendo dizer ao afirmar que o tiro saiu pela culatra?

— É que suas declarações foram o anticlímax total. Parecia que estava a pique de fazer grandes revelações mas depois revelou apenas vagamente que alguém ou alguma coisa estava provocando mudanças no Ártico, sem dar também nenhuma explicação plausível de como isso seria possível. E depois veio com a conclusão, o grande final: a maré subiu este ano mais seis centímetros que o habitual.

Bocker encarou-a com uma expressão de quem não estava entendendo muito bem.

— Mas é isso mesmo. Não vejo o que pode haver de errado. Seis centímetros representa uma quantidade colossal de água, se espalhados por cerca de duzentos e quarenta milhões de quilômetros quadrados. Se fizer o cálculo em toneladas...

— Nunca penso no mar em termos de toneladas de água... e este é justamente o problema. Para as pessoas comuns, seis centímetros significam apenas que foi batido um recorde de maré alta...e nada mais. Depois do seu intróito, pareceu algo insignificante. Todos ficarão ressentidos por tê-los alarmado sem qualquer justificativa. E não serão poucos os que darão um sorriso e dirão simplesmente: Ah!, esses professores...

Bocker passou a mão por cima das cartas e disse: — Pois estas cartas mostram que muitas pessoas ficaram alarmadas... ou pelo menos indignadas.

Fez uma pausa, acendeu um cigarro e acrescentou: — Era exatamente o que eu queria. Sabem muito bem que a grande maioria da população e as próprias autoridades têm resistido às provas que surgem em cada estágio do perigo. Esta é uma era científica... mas apenas nas classes mais instruídas. De qualquer forma, porém, é um hábito geral não admitir a existência do anormal, do que não é previsto cientificamente. Quando ocorre, prefere-se desconfiar dos próprios sentidos a se reconhecer a existência do fato anômalo. Foi com bastante relutância que se admitiu finalmente a existência de alguma coisa no fundo do oceano. E foi também com relutância, e somente depois que não podiam mais ser ignoradas, que se admitiram as manifestações subseqüentes. E aqui estamos outra vez, procurando esquivar-nos à mais recente ameaça.

“Desta vez não ficamos inteiramente ociosos. Lançaram algumas bombas no centro dos nevoeiros, mas o Oceano Ártico é muito profundo e mais difícil de atingir que os outros. E o pior é que não há meios de saber se as bombas deram resultados.

“E no meio de tudo isso vêm os soviéticos, que por sua própria natureza parecem incapazes de compreender qualquer coisa que se relacione com o mar, e começam a criar problemas. Parece que eles estão pensando que o mar está causando uma série de dificuldades ao Ocidente. Deve, portanto, estar

agindo dentro dos melhores princípios do materialismo dialético. Tenho certeza de que, se os soviéticos conseguissem entrar em contato com os seres das profundezas, pediriam uma trégua para uma boa discussão dialética. Mas o fato é que eles começaram a fazer acusações de agressão e insistiram no assunto, assumindo tamanha truculência que os nossos serviços secretos chegaram à conclusão de que a ameaça era séria e não apenas mais uma exibição do palhaço oriental que julga que o mar só foi criado para embaraçar os capitalistas.

“Assim, a situação agora é a seguinte: os seres das profundezas, em vez de ficarem inativos como esperávamos, voltaram ao ataque com outras armas mais efetivas; enquanto isso, os cérebros e organizações que podiam estar funcionando a pleno vapor para encontrar uma saída à altura da emergência, estão-se perdendo nos meandros e males mesquinhos que eles próprios criaram, esquecendo e pondo de lado a maior ameaça que a humanidade já enfrentou.

— Neste momento você decidiu forçá-los a agir, fazendo...revelando o grande segredo. É isso mesmo?
— indaguei.

— Exatamente, mas só que desta vez não estou sozinho. Estão comigo vários homens eminentes e extremamente preocupados. A minha declaração foi apenas a abertura para o público da campanha que vamos desenvolver neste lado do Atlântico. Meus companheiros nesta campanha ainda não perderam suas reputações como eu, por isso era melhor que meu nome aparecesse na frente. Quanto à campanha que será feita nos Estados Unidos, aconselho a leram o Life e o Collier's da próxima semana. Não tenham dúvida de que alguma coisa terminará sendo feita.

— Mas o quê? — indagou Phyllis.

Ele olhou-a pensativo por um momento, depois sacudiu a cabeça ligeiramente:

— Isto, graças a Deus, é um problema que pertence a outros... ou pelo menos pertencerá, quando o público forçá-los a admitirem a situação. E não tenham dúvida de que será uma coisa das mais sérias.

— O que eu queria saber... — Phyllis e eu começamos a falar ao mesmo tempo, parando prontamente.

— Sua vez, Mike.

— O que eu gostaria de saber é como acha que está sendo feito? Derreter o Ártico parece-me uma tarefa de proporções descomunais.

— Podemos fazer diversas suposições. É possível até que estejam canalizando a água quente dos trópicos, embora ache que seja bastante improvável.

— Mas qual é a sua idéia pessoal? Parecia-me impossível que ele não tivesse uma.

— Tenho realmente uma teoria. Sabemos que eles possuem um aparelho qualquer capaz de projetar um jato de água com força considerável. Os sedimentos do fundo do mar que apareceram nas correntes da superfície provam-no claramente. Se eles conjugassem a esse aparelho um aquecedor, digamos uma pilha atômica, poderiam gerar uma corrente submarina de bastante calor. O único problema é que não sabemos se eles dominam ou não a fissão atômica. Até agora, não há o menor indício de que o tenham conseguido, a menos que consideremos a possibilidade do presente que lhe fizemos de uma bomba atômica que não explodiu, Mas, se eles conhecem a fissão atômica, então creio que esta é a resposta.

— Poderiam obter o urânio necessário?

— E por que não? Afinal, não podemos esquecer-nos de que eles estabeleceram seus direitos, inclusive de mineração, sobre mais de dois terços da superfície da Terra. Poderiam extrair o urânio com a maior facilidade, se assim o desejarem.

— E quanto aos icebergs?

— A resposta é mais fácil. De um modo geral, todos concordam em que os nossos navios foram atacados por uma espécie de arma de vibrações sonoras. Com uma arma assim, torna-se fácil desprender grandes blocos de gelo, por maiores que sejam.

— Suponhamos que não encontremos um meio de obstar o processo. Quanto tempo acha que haverá até o problema se tornar realmente grave?

— Não faço a menor idéia. Quanto às geleiras e às calotas de gelo, tudo depende da intensidade dos esforços que vão despende sobre elas. Mas tenho a impressão de que dirigir correntes quentes para derreter o gelo apresenta a princípio resultados muito pequenos, passando depois a aumentar em progressão geométrica. Mas é inútil tentar adivinhar um prazo, sem as informações necessárias.

— Quando a ameaça finalmente alcançar a consciência do povo — disse Phyllis — creio que todo mundo vai querer saber qual a melhor atitude a adotar. O que aconselharia?

— Mas esta não é uma tarefa do Governo? Só resolvemos tomar uma iniciativa porque o Governo está levando muito tempo para chegar a uma conclusão. De qualquer forma, contudo, o meu conselho pessoal é por demais impraticável para ser de alguma valia. — E qual é?

— Encontrar o topo de uma montanha habitável e auto-suficiente e fortificá-lo.

A campanha não teve a repercussão imediata que Bocker esperara. Na Inglaterra, teve a infelicidade de ser adotada pelo Nethermore Press e, conseqüentemente, foi encarada como assunto sensacionalista e contra a ética pelos outros jornais. Nos Estados Unidos não se destacou muito entre os outros grandes acontecimentos da semana. Em ambos os países havia fortes interesses que preferiam que continuasse a ser considerada como mero sensacionalismo. A França e a Itália levaram o assunto mais a sério, mas seus governos não tinham muita expressão nos conselhos internacionais. A Rússia simplesmente ignorou o conteúdo, mas explicou o objetivo: era outra iniciativa dos provocadores de guerras fascistas, tentando ampliar sua influência no Ártico.

Mas Bocker assegurou-nos que a indiferença oficial fora rompida, embora apenas ligeiramente. Fora criada uma Comissão, inclusive com representantes das Forças Armadas, para investigar o assunto e fazer as recomendações devidas. Uma Comissão semelhante foi criada nos Estados Unidos, demorando-se indolentemente em suas investigações até ser, subitamente, pressionada pelo Estado da Califórnia.

O californiano médio não ficara preocupado com o aumento de alguns centímetros no nível máximo da maré, pois já fora acometido por outras coisas piores. Mas alguma coisa estava acontecendo com seu clima. A média de temperatura na costa baixara sensivelmente e constantemente ocorriam nevoeiros frios e úmidos. Os californianos não gostaram — e, quando os californianos não gostam de alguma coisa, o barulho que fazem se transforma em clamor. Os Estados de Oregon e Washington também apoiaram o vizinho. Nunca se registrara, em tempo algum, um inverno tão frio e desagradável.

Era evidente que a crescente torrente de gelo e água fria que se despejava do Mar de Bering estava sendo levada para leste pela Corrente Kuroshio, que vinha do Japão, acabando com as amenidades de um dos mais importantes Estados americanos. Alguma coisa tinha que ser feita.

Na Inglaterra, o problema só estourou quando as marés de abril cobriram o dique de Westminster. As declarações de que isso já acontecera antes e que o fato não tinha a menor importância foram arrasadas pelas manchetes triunfantes da imprensa que adotara a campanha, na base do “nós não dizíamos?”. Nos dois lados do Atlântico desenvolveu-se uma histeria coletiva que se espalhou pelo resto do mundo, para

que os seres das profundezas fossem bombardeados implacavelmente. (Somente a sexta parte intransigente do mundo é que não aderiu.) Alguns jornais insistentemente dia e noite perguntavam:

“AFINAL, PARA QUE SERVE A BOMBA?”

“Bilhões já foram gastos na Bomba. E parece que sua única serventia é servir como elemento de ameaça e proporcionar algumas boas fotografias para a imprensa. Os povos do mundo que desenvolveram esta arma e pagaram por ela são agora impedidos de usá-la contra uma ameaça que afundou nossos navios, nos expulsou dos mares, arrebatou homens, mulheres e crianças das nossas praias e agora tenta afogar-nos. A procrastinação e a inépcia marcaram desde o início o comportamento das autoridades neste caso...”

As diatribes seguiam nesta linha, aparentemente todos esquecidos, editorialistas e leitores, de que já antes se haviam lançado bombas atômicas contra os seres das profundezas do oceano.

— As coisas estão indo muito bem — comentou Bocker quando nos encontramos outra vez.

— Para mim tudo está parecendo uma tolice — disse Phyllis bruscamente. — Os mesmos argumentos contra o bombardeamento indiscriminado do fundo do mar ainda são aplicáveis.

— Não é a isso que me estou referindo. Provavelmente ainda vão jogar algumas bombas aqui e ali, com muita publicidade e sem nenhum resultado. Não, estou-me referindo é à pressão para que se adote um planejamento amplo. É verdade que ainda estamos no primeiro estágio, como indica a sugestão imbecil de se fazer uma muralha de sacos de areia. Mas o fato é que todo mundo agora está consciente de que é preciso fazer alguma coisa.

Na próxima arremetida da maré alta a consciência do perigo aumentou ainda mais. Todas as defesas contra a invasão do mar haviam sido fortalecidas. Em Londres, haviam reforçado as amuradas junto às margens do rio e haviam-nas coberto de sacos de areia em toda a sua extensão. Como precaução, o tráfego fora desviado, mas o povo continuava a andar pelas margens e a cruzar as pontes. A polícia fazia o que era possível para que se mantivesse sempre em movimento, mas muitas pessoas se detinham aqui e ali, observando a lenta subida da água e acenando para as tripulações dos rebocadores e barcaças que navegavam agora no mesmo nível que a rua. Pareciam estar igualmente preparados para se indignarem se a água rompesse a defesa ou ficarem desapontados se ocorresse um anticlímax.

Não ficaram desapontados. A água alcançou o parapeito e depois os sacos de areia. Aqui e ali começou a pingar na calçada.

Bombeiros, pessoal da defesa civil, guardas, todos se concentravam ansiosos em seus setores, buscando sacos de areia para reforçar um ponto qualquer em que a goteira aumentava, escorando os pontos mais fracos com toras de madeira. Mas as coisas foram piorando. Os espectadores começaram a ajudar, correndo de um lado para o outro quando novos esguichos surgiam. E logo não se podia ter a menor dúvida do que ia acontecer. Uma parte da multidão retirou-se, mas muitos espectadores ali permaneceram, numa fascinação hesitante. Quando o rompimento finalmente ocorreu, foi simultaneamente em doze pontos da margem norte. Por entre os jatos, um ou dois sacos de areia começavam a oscilar e então, subitamente, eram arrancados do lugar, seguidos por outros, criando-se assim um buraco de vários metros por onde a água jorrava como numa represa rompida.

De onde estávamos, no alto de um caminhão de transmissões da E.B.C, estacionado na Ponte Vauxhall, pudemos ver três rios lamacentos escorrendo pelas ruas de Westminster, inundando os po-rões em sua passagem, até se fundirem num único rio. Nosso locutor passou a palavra a outro, empoleirado num telhado em Pimlico.

Por um ou dois minutos ficamos ouvindo a B.B.C., para sabermos como se estavam saindo os seus repórteres na Ponte de Westminster. Ouvimos Bob Humbleby descrevendo como a água rompera as defesas junto ao rio e agora se encaminhava celeremente para a segunda linha de defesa, erguida diante da New Scotland Yard. O pessoal da televisão não se estava saindo muito bem. Não haviam adivinhado certo onde ocorreria o primeiro rompimento e agora, com câmaras portáteis e lentes de longo alcance, procuravam recuperar o tempo perdido.

Daquele momento em diante a inundaçãõ foi cada vez mais rápida. No sul as águas corriam livremente pelas ruas de Lambeth, Southwark e Bermondsey. Rio acima haviam invadido Chiswick, rio abaixo Limehouse está sofrendo seus efeitos. Cada vez eram em maior número as rupturas, até que já não sabíamos mais contá-las. Havia pouca coisa a fazer, a não ser aguardar que a maré baixasse, reparar os estragos e se preparar para a nova investida.

A Câmara dos Deputados teve uma sessão tumultuada. As respostas apresentadas pelo Governo eram confiantes mas não transmitiam confiança.

Todos os Ministérios e Departamentos estavam ativamente tomando as medidas necessárias, todos os pedidos deviam ser encaminhados através dos Conselhos Municipais, as prioridades no que dizia respeito a mão-de-obra e máquinas já estavam sendo determinadas. Era certo que o Governo fora advertido com antecedência, mas fatores imprevistos haviam prejudicado os cálculos originais dos hidrógrafos. Todas as escavadeiras e tratores poderiam ser requisitados pelo Governo a qualquer momento. O público podia ter certeza de que a calamidade não se repetiria, pois as providências já em andamento evitariam que a catástrofe se ampliasse. No momento, nos condados da costa leste, pouco se poderia fazer além de resgatar seus habitantes. É claro que isso continuaria a ser feito, mas o Governo encarava como tarefa prioritária assegurar que a água não mais poderia invadir o solo da Inglaterra.

A requisição de materiais, máquinas e mão-de-obra era uma coisa, a sua distribuição era outra bem diferente, pois todas as comunidades à beira-mar reclamavam simultaneamente ajuda imediata. Funcionários públicos ficaram pálidos e insones, nervosos, enredados numa teia de pedidos, divisões, ajustamentos, destinação, redestinação, subornos e roubos puros e simples. Mas, de alguma forma, em alguns lugares, as coisas começaram a ser feitas.

E os habitantes das localidades que não haviam sido escolhidos na primeira fornada dos auxiliados mostraram-se ressentidos, amargurados, achando que haviam sido abandonados aos lobos.

Phyllis foi uma tarde observar o progresso dos trabalhos na margem do Tâmis. Por entre uma atividade intensa nas duas margens, estavam erguendo uma superestrutura de blocos de concreto por cima da muralha já existente. Espectadores aos milhares olhavam os trabalhos da calçada. Entre eles, ela avistou Bocker.

Desceram juntos até a Ponte Waterloo e por algum tempo ficaram observando os trabalhos .

— O rio sagrado... e mais de oito quilômetros de muralhas e torres... — comentou Phyllis.

— E algumas brechas vão certamente aparecer em suas margens — disse Bocker. — Só quero ver quantos metros de muralha vão levantar antes de descobrirem que é inteiramente inútil.

— É difícil acreditar que uma obra deste porte possa ser realmente inútil, mas acho que você está certo.

Continuaram a observar o formigueiro de homens e máquinas movendo-se junto ao rio.

— Acho que há pelo menos um personagem no mundo dos mortos que deve estar dando gargalhadas com toda esta história — disse Bocker.

— É bom saber que pelo menos alguém está-se divertindo.

— Quem é?

— O Rei Canuto.

Estávamos sofrendo tanto os efeitos do aumento do nível do mar que as conseqüências nos Estados Unidos praticamente não encontravam espaço em nossos jornais, já minguados por um racionamento de papel. Mas as emissoras de rádio informavam que eles também estavam enfrentando sérias dificuldades. O clima da Califórnia já não era mais o Problema Número Um. Além das dificuldades que estavam enfrentando todos os portos e cidades costeiras do mundo, toda a região ao sul dos Estados Unidos, em torno do Golfo do México, de Key West à fronteira mexicana, estava sendo paulatinamente inundada. Na Flórida, os donos de terras ficaram preocupados quando os pântanos começaram a ganhar terreno, avançando por toda parte. No Texas, uma grande extensão de terra ao norte de Brownsville estava gradativamente desaparecendo sob as águas. A situação era ainda pior na Louisiana e em todo o delta do Mississípi. Uma emissora de rádio julgou apropriado reviver a velha súplica: “Rio, Fique Longe da Minha Porta”. Mas o rio não atendeu e o mesmo fizeram outros rios ao longo da costa do Atlântico, na Geórgia e nas Carolinas.

Mas acho que é ocioso entrar em detalhes. Em todas as partes do mundo a situação era a mesma. Quanto mais subia o nível do mar, mais as defesas se estendiam, para evitar serem flanqueadas. A única diferença era que nos países desenvolvidos todas as escavadeiras disponíveis trabalhavam noite e dia, enquanto nos países mais atrasados eram milhares de homens e mulheres suarentos que se esforçavam para erguer os diques e muralhas de proteção.

Mas a tarefa estava além da capacidade dos dois, das máquinas e dos homens. Quando os rios eram empurrados para trás pela maré crescente, tinham que se despejar pelas suas margens. E era também cada vez mais difícil impedir a inundação pela retaguarda, pela água empurrada através dos canos de esgoto. Mesmo antes da primeira inundação séria que se seguiu ao rompimento da defesa no Tâmisia em outubro, o homem das ruas já suspeitara que a batalha não podia ser ganha, havendo o conseqüente êxodo dos que tinham inteligência e meios suficientes para fugirem. Mas os refugiados das cidades mais vulneráveis da costa leste já se haviam antecipado ao movimento e a confusão nas estradas era indescritível.

Pouco tempo depois daquele primeiro rompimento das defesas, circulou uma nota confidencial entre os funcionários e contratados da E.B.C. Em tom empolado, dizia que, no interesse da moral pública, se determinadas medidas de emergência, se tornassem necessárias, etc, etc, ao longo de duas páginas datilografadas em espaço dois, interminavelmente. Teria sido mais simples resumir assim:

— Olhe aqui, pessoal. Soubemos que o negócio vai ficar bem sério. A B.B.C. recebeu ordens para ficar no ar, a qualquer custo. Por isso, por motivos de prestígio, vamos fazer o mesmo. Queremos voluntários para fazer funcionar uma estação em Londres. Se estão dispostos a aceitar a tarefa, ficamos na maior satisfação. Providenciaremos tudo o que for necessário e ainda daremos uma gratificação extra. Se alguma coisa acontecer, tomaremos todas as providências para salvá-los. Quem aceita?

Phyllis e eu discutimos o assunto. Se tivéssemos filhos, decidimos, teríamos que fazer o que fosse melhor

para eles — embora ninguém tivesse a menor idéia do que seria o melhor. Mas, como não tínhamos, a escolha era exclusivamente nossa. Phyllis votou a favor de nos apresentarmos como voluntários.

— Além do problema de consciência e lealdade e todas as coisas apropriadas do gênero — disse ela — não fazemos a menor idéia do que vai acontecer nos outros lugares se a situação realmente piorar. Fugir parece-me uma idéia que nunca funciona, a não ser que saibamos exatamente para onde estamos indo. Acho que devemos ficar e ver o que acontece.

Assim, apresentamo-nos como voluntários e descobrimos satisfeitos que Freddy Witthier e a esposa haviam feito a mesma coisa. Depois disso, por algum tempo pareceu que nada acontecia.

Várias semanas se passaram antes que recebêssemos a informação de que a E.B.C. alugara os dois últimos andares de um edifício alto perto de Marble Arch e estava trabalhando a todo vapor para transformá-los numa estação que fosse tão auto-suficiente quanto possível .

— Eu achava que Hampstead ou Highgate seria um lugar melhor — comentou Phyllis ao recebermos a informação.

— Nenhum dos dois fica no centro de Londres. Além disso, como no prédio escolhido funciona um grande magazine, talvez a E.B.C. simplesmente não esteja pagando aluguel, comprometendo-se apenas a dizer, durante as transmissões: Aqui é a E.B.C. falando para o mundo do alto da Selvedge's. Trata-se de uma publicidade de boa vontade, durante o interlúdio da emergência.

— Fala como se as águas algum dia fossem recuar — disse Phyllis.

— Mesmo que isso não aconteça, eles também nada perderão fazendo o empréstimo à E.B.C.

Mas depois ficamos preocupados e fomos olhar o local no mapa. O prédio ficava vinte e cinco metros acima do nível do mar.

— Qual será a situação da nossa rival? — indagou Phyllis curiosa, correndo o dedo pelo mapa. .

O prédio da B.B.C. parecia estar um pouco mais bem situado, pois ficava vinte e oito metros acima do nível do mar.

— Mas temos a vantagem de estarmos nos dois últimos andares e assim não teremos que ficar subindo escadas como eles — observou Phyllis. — Mas olhe só, Mike, os estúdios de televisão ficam bem ao nível da rua!

Nas semanas que antecederam a sua inundação irreversível, Londres parecia estar vivendo uma vida dupla. Todas as organizações e instituições, oficiais ou não, faziam os seus preparativos com o mínimo de ostentação. As autoridades falavam em público sobre a necessidade de se fazerem planos “para o caso de alguma eventualidade”, voltando depois para os seus gabinetes e trabalhando ativamente nos preparativos. As declarações oficiais eram sempre tranqüilizantes. Os homens que trabalhavam nas defesas mostravam-se cínicos em relação ao que faziam, preocupados mais com o pagamento extra e incrédulos quanto ao perigo iminente.

Pareciam encarar tudo aquilo como algum golpe sensacionalista que lhes resultava em benefício direto. Fora das horas de trabalho, a imaginação se recusava a aceitar a realidade da ameaça. Mesmo depois do rompimento em um dos pontos de Londres, só ficaram alarmados os que foram atingidos diretamente. A muralha foi rapidamente reparada e o êxodo ainda representava apenas uma gota de água no oceano. Com a próxima arremetida do pique de maré alta é que todo mundo desmoronou.

Desta vez haviam sido feitas muitas advertências sobre os bairros que mais deveriam ser afetados. As

pessoas encararam-nas com teimosia e fleuma. Já haviam passado antes por aquilo. A principal reação foi levar os pertences para os andares superiores e resmungar irritado contra a ineficiência das autoridades, incapazes de evitar-lhes todos aqueles incômodos. Divulgaram a notícia sobre os horários da maré alta nos três dias seguintes, mas as sugestões sobre as precauções a serem tomadas foram abafadas pelo receio das autoridades de provocar o pânico.

O primeiro dia se passou em segurança. À noite, próximo da maré alta, uma boa parte de Londres se acomodou para que chegasse a meia-noite e a crise passasse, com muito mau humor. Os ônibus pararam de trafegar e os trens do metrô silenciaram às oito horas. Muitas pessoas saíram de casa a pé e foram ver o rio do alto das pontes. E assistiram ao espetáculo que esperavam.

As águas lamacentas do rio lambiam preguiçosamente a parte inferior das pontes e as paredes das muralhas de contenção. O rio corria para cima, afastando-se do mar, em silêncio absoluto, assim como a multidão que o observava apreensiva. Ninguém receava que passasse por cima das muralhas, pois a elevação prevista era de sete metros, deixando assim uma margem de segurança superior a um metro, até o alto do novo parapeito. O que preocupava a todos era a pressão.

Da extremidade norte da Ponte de Waterloo onde estávamos situados daquela vez, éramos capazes de ver o alto de um dos lados da muralha, as águas correndo por ali. Do outro lado víamos a rua que corria ao longo do rio, os lampiões ainda acesos, mas nenhum carro ou pessoa movendo-se por ali. Mais ao longe, a oeste, os ponteiros do relógio da torre do Parlamento se arrastavam pelo mostrador iluminado. As águas continuavam a subir, os ponteiros se arrastando com exasperante lentidão para assinalarem onze horas da noite. E sobre a multidão que contemplava o rio em silêncio as badaladas do Big Ben soaram como um mau augúrio.

O som levou a multidão a murmurar, mas logo depois ela recaiu no silêncio. O ponteiro dos minutos continuou a se arrastar, até marcar trinta minutos para meia-noite. E foi então que se ouviu um rumor estranho rio acima, trazendo junto com ele as vozes da multidão. O povo aglomerado junto à Ponte de Waterloo esticou o pescoço para ver o que acontecia, murmurando outra vez, preocupado. Um segundo depois vimos as águas chegando. Vinha-se derramando pela margem em nossa direção uma corrente larga, lamacenta, arrastando os detritos e os arbustos em sua passagem, aumentando a velocidade à medida que se aproximava. Alguém gritou no meio da multidão. Houve um estrondo e todo um trecho da muralha perto de nós desabou. A água se despejou pelo buraco, arrancando os blocos de concreto, transformando-se numa cascata lamacenta a cair sobre a rua.

Antes da maré alta seguinte, o Governo entregou os pontos.

Decretou o estado de emergência e baixou uma proclamação para uma evacuação ordenada da cidade. Não pretendo descrever aqui as protelações e confusões que fizeram fracassar o esquema de evacuação. É difícil acreditar que alguém pensasse que seria possível executá-lo plenamente, mesmo aqueles que o haviam imaginado. Desde o início que parecia meio fantasioso. A tarefa, evidentemente, era impossível. Talvez se conseguisse, caso se tratasse da população de uma única cidade, porém mais de dois terços da população do país estavam procurando terras mais altas, desesperadamente. Assim, somente os métodos mais rígidos podiam dar algum resultado para ordenar a evacuação — e mesmo assim só por pouco tempo.

Mas, se as coisas foram ruins na Inglaterra, em outras partes do mundo foram ainda piores. Os holandeses se haviam retirado a tempo das áreas perigosas, compreendendo que haviam perdido a sua batalha secular contra o mar. O Reno e o Maas haviam recuado e inundado uma área de milhares de quilômetros quadrados. A população inteira da região estava emigrando para o sul, na Bélgica, ou para sudeste, na

Alemanha. Na planície do norte da Alemanha a situação não era muito diferente. O Ems e o Weser haviam transbordado, expulsando as pessoas de suas cidades e fazendas em direção ao sul, em hordas cada vez maiores. Na Dinamarca, todos os barcos disponíveis estavam em atividade, transportando a população para as terras mais altas da Suécia.

Durante algum tempo ainda pudemos acompanhar, em linhas gerais, o que estava acontecendo no Continente. Entretanto, quando os habitantes das Ardenes e de Westfália viraram-se para enfrentar, a fim de se salvarem, os invasores famintos e desesperados que vinham do norte, travando lutas cruentas, as informações se perderam em rumores e no caos. Em todas as partes do mundo devia estar acontecendo a mesma coisa, diferindo apenas nas proporções. Na Inglaterra, a inundação dos condados orientais já fizera com que seus habitantes recuassem para o interior do país.

As perdas de vida foram bem poucas, pois se fizeram muitas advertências a respeito. O problema começou nas colinas de Chiltern, quando aqueles que já ali se haviam abrigado organizaram-se para impedir a invasão dos refugiados que convergiam de Londres e do leste. Nas partes não afetadas da região central de Londres, durante alguns dias reinou uma indecisão típica de domingo. Muitas pessoas, sem saberem o que fazer, procuraram prosseguir em suas rotinas anteriores   catástrofe. A polícia continuava a patrulhar as ruas. Embora as partes mais baixas da cidade estivessem inundadas, as pessoas continuavam a ir trabalhar e algumas coisas continuavam a funcionar, aparentemente por hábito ou por inércia. Mas, gradativamente, a ilegalidade começou a chegar dos su-b rbios e a sensa o de desmoronamento tornou-se iniludível. O sistema elétrico de emergência falhou uma tarde, seguindo-se uma noite de escuridão que foi o golpe de misericórdia na lei e na ordem.

O saque às lojas, especialmente as de alimentos, começou e atingiu tais propor es que a polícia e os soldados nada conseguiam fazer para impedi-lo.

Decidimos então, eu e Phyllis, que estava na hora de deixarmos o nosso apartamento e fixarmos residência na nova fortaleza da E.B.C.

Pelo que nos contavam as transmissões em ondas curtas, os acontecimentos em todas as cidades costeiras não diferiam muito entre si — o mais que se podia acentuar era que em algumas cidades a lei e a ordem desapareciam mais depressa. Meu objetivo, neste relato, não   deter-me em detalhes. O que aconteceu neste período, tenho certeza de que os compêndios oficiais saberão descrever muito bem.

O papel da E.B.C. naqueles dias era basicamente duplicar a voz da B.B.C., transmitindo as instru es do Governo, que esperava assim restaurar pelo menos uma pálida imita o de ordem. Era a mesma e sempre invariável monotonia: avisar às pessoas cujas casas não estivessem ameaçadas para que delas não saíssem, dirigir os refugiados para algumas regiões mais altas e afastá-los de outras que já estavam superpovoadas. Podíamos ser ouvidos, mas não havia a menor indica o de que seríamos atendidos. No norte, talvez as instru es do Governo dessem algum resultado, mas no sul, com o  xodo da grande concentra o de habitantes em torno de Londres e a inunda o das ferrovias e estradas, não havia a menor possibilidade de se efetuar uma retirada ordenada. A quantidade de pessoas em fuga alarmou os que poderiam esperar mais um pouco. Pairava no ar a impressão de que era preciso encontrar um refúgio na frente da multidão, pois caso contrário não se encontraria refúgio algum sobrando. E havia também a sensa o de que fugir de carro era uma vantagem injusta, que não se podia permitir. Logo se verificou que era mais seguro ir a p  — embora não totalmente. O melhor mesmo era se expor o menos possível.

A existência de numerosos hotéis e uma tranqüilizante eleva o de duzentos e cinqüenta metros acima do nível do mar foram os fatores inegáveis que levaram o Parlamento a escolher a cidade de Harrogate, em Yorkshire, como a sua nova sede. A rapidez com que se dirigiram para lá provinha da mesma causa que

estava levando todo mundo a correr — o medo de que alguém pudesse chegar primeiro. A impressão era de que, poucas horas depois de Westminster ter sido inundada, os parlamentares continuavam a demonstrar em sua nova sede a mesma fluência anterior à catástrofe.

Quanto a nós, na E.B.C, estabelecemos uma rotina. Os aposentos ficavam no último andar; os escritórios, estúdios, equipamentos técnicos, geradores, depósitos, *etc.* ficavam no andar de baixo. Imensos tanques, no porão, estocavam o querosene necessário e óleo diesel, que eram bombeados para cima quando havia necessidade. Nossas antenas estavam em um telhado a dois quarteirões de distância, com o acesso através de pontes improvisadas suspensas sobre as ruas. Nosso próprio telhado fora ajeitado para servir de heliporto e também para represar a água da chuva. À medida que desenvolvíamos a técnica de viver naquelas condições, concluimos que eram duas medidas necessárias.

Mesmo assim, lembro-me de que nos primeiros dias passamos quase todas as horas vagas transferindo o conteúdo dos depósitos para os nossos próprios aposentos, receando que a água pudesse também alcançá-los.

Parece que, desde o início, houve uma concepção errônea sobre o papel que deveríamos desempenhar. Para mim, a idéia é de que estávamos ali para preservar, tanto quanto possível, a idéia de normalidade do negócio. Quando a situação se tornasse mais difícil, seguiríamos o resto do pessoal da E.B.C, que já fora para Yorkshire. Esta pressuposição se baseava na idéia de que Londres era uma cidade celular — cada célula era abandonada ao ser inundada, a vida continuando normalmente nas demais. No que nos dizia respeito, o pessoal da E.B.C, a idéia era de que continuássemos normalmente com a programação da emissora, até que a água chegasse à nossa porta, quando então iríamos para Yorkshire, onde os trabalhos seriam imediatamente reiniciados. A única providência antecipada que alguém tomou foi a transferência do nosso arquivo de gravações. Esperava-se que as coisas sucedessem em lentos estágios — nunca que houvesse um colapso. Curiosamente, muitos apresentadores conseguiram manter a aparência de normalidade por vários dias. Depois, fomos praticamente encurralados, dependendo unicamente de nós, e das gravações que possuíamos, manter a estação no ar. Começamos, de fato, a viver como se estivéssemos sitiados.

Não vou descrever em detalhes o ano que se seguiu. Foi, antes de mais nada, uma história de decadência. Houve um inverno longo e frio, durante o qual a água correu pelas ruas com mais intensidade do que esperávamos. Bandos armados percorriam as ruas em busca de armazéns para saquear. Volta e meia se ouvia o som dos tiros trocados por bandos rivais ao se encontrarem. Nós não tivemos muitos problemas. Depois de alguns ataques infrutíferos, espalhou-se a notícia de que estávamos bem preparados para a defesa e deixaram-nos em paz. Afinal, havia muitos outros depósitos desguarnecidos para serem saqueados. Poderíamos ficar para mais tarde.

Quando o tempo voltou a esquentar, quase não se viam mais pessoas nas ruas. Quase ninguém estava disposto a enfrentar outro inverno numa cidade em que praticamente não havia mais comida, que começava a sofrer epidemias conseqüentes da falta de água potável e de esgotos. As pessoas fugiam para o interior e os tiroteios soavam cada vez mais distantes.

O número do pessoal da E.B.C. aquartelado em Londres também fora sensivelmente reduzido. Dos sessenta e cinco originais, restavam agora apenas vinte e cinco. A diferença foi transferida de helicóptero para Yorkshire, o novo centro da atenção nacional. De centro passáramos a simples posto avançado, mantido apenas por uma questão de prestígio.

Phyllis e eu discutimos se devíamos pedir também para sermos transferidos. Mas a descrição que o piloto e a tripulação do helicóptero nos fizeram do quartel-general da E.B.C, em Yorkshire, nos fez mudar de idéia e permanecemos em Londres por mais algum tempo. A sede da E.B.C em Yorkshire era

desagradável, insípida, congestionada. Em Londres tínhamos bastante espaço e suprimentos em quantidade.

No fim da primavera soubemos que um decreto fundira-nos com a nossa rival, a B. B. C., pondo todas as comunicações radiofônicas sob o controle direto do Governo. Levaram então, de helicóptero, todo o pessoal e equipamento da B.B.C, pois as nossas instalações, ao contrário das deles, haviam sido especialmente preparadas. Dois homens da B.B.C. continuaram em Londres, mas transferiram-se para as nossas acomodações.

As notícias nos chegavam através de dois canais: a linha direta com a E.B.C, razoavelmente honesta mas discreta, e transmissões que captávamos e que eram sempre de um otimismo obviamente desonesto, não importa de onde partissem. Logo nos cansamos e passamos a ouvi-las cinicamente, como penso que todo mundo o fazia, mas elas continuavam sendo lançadas no ar. Parecia que todos os países do mundo se estavam erguendo acima do desastre com uma firmeza inabalável que honrava as tradições do seu povo.

No verão — um verão por sinal muito frio — a cidade estava quase deserta e silenciosa. Os bandos armados haviam ido embora e só restavam alguns poucos indivíduos obstinados. Eram, talvez, numerosos, mas espalhados por vinte mil ruas pareciam bem poucos, impressão que davam também porque ainda não se haviam tornado desesperados. Era possível ir a toda parte em relativa segurança, embora fosse aconselhável usar uma arma.

As águas haviam subido a um nível bem maior do que o que se calculara. As marés mais altas alcançavam agora a marca de quinze metros, cobrindo até o norte de Hammersmith e quase toda Kesington. Ao sul ia até Hyde Park e Piccadilly, passando por Trafalgar Square e seguindo por Strand e Fleet Street, correndo então para nordeste na direção do Lea Valley. No centro da cidade, somente a colina de St. Paul permanecia intocada. No sul, as águas haviam invadido Barnes, Battersea, Southwark e a parte mais baixa de Greenwich.

Um dia fomos a Trafalgar Square. Era a preamar e as águas quase cobriam o muro do lado norte, embaixo da Galeria Nacional.

Debruçamo-nos na balaustrada e ficamos observando as águas lamberem os leões de Landseer, imaginando o que Nelson iria pensar se visse a sua estátua daquele jeito.

A água perto de nossos pés estava cheia de espuma e uma fascinante variedade de detritos. Lâmpioes, sinais de trânsito e estátuas emergiam aqui e ali na cidade inundada. Na direção de Whitehall, a superfície era mansa como a de um canal. Algumas árvores ainda resistiam de pé, virando pouso de pardais a chilrear.

Os estorninhos ainda não haviam desertado da igreja de St. Martin, mas todos os pombos já tinham fugido, substituídos em seus pontos favoritos pelas gaivotas marinhas. Contemplamos a cena em silêncio por alguns minutos, ouvindo o barulho da água. Depois indaguei:

— Não houve um cara qualquer que disse: “E é assim que o mundo acaba, não com um estrondo mas com um soluço”?

Phyllis olhou-me chocada.

— Um cara qualquer? Mas quem disse isto foi Eliot!

— Bom, parece que naquele tempo ele já estava prevendo o que ia acontecer.

Phyllis deixou passar algum tempo e observou: — Sabe, Mike, acho que estou chegando agora ao final de uma fase. Durante muito tempo me pareceu que poderia ser feita alguma coisa para salvar o mundo em que estávamos acostumados a viver. Bastaria que descobríssemos o meio certo. Mas estou começando a pensar que esse sentimento está acabando e que agora só poderemos procurar é tirar o melhor proveito do que resta. De qualquer forma, vir a lugares como este não me faz muito bem.

— Mas não há lugares como este. O problema é que Trafalgar Square é única. E está um pouco mais que morta, mas ainda não virou peça de museu. Talvez, daqui a pouco, possamos sentir como o poeta ao dizer que toda a pompa de ontem acabou com Nínive e Tiro. Daqui a pouco... mas não ainda.

Houve uma pausa que se alongou demais.

— Mike, vamos embora daqui. .. imediatamente.

— É o melhor mesmo que podemos fazer. Ainda não estamos bastante empedernidos, querida.

Ela segurou meu braço e começamos a caminhar para oeste.

De repente paramos ao ouvir o barulho de um motor. Parecia vir do sul — mas isso era impossível. Ficamos esperando, enquanto o barulho se aproximava. Subitamente uma lancha entrou na praça, fez uma curva e desapareceu na direção de Whitehall, espadanando água nas janelas das majestosas instalações do Governo.

— Acho que nenhum de nós jamais sonhou que isso um dia seria possível — comentei.

Phyllis ficou olhando para os círculos concêntricos que se alargavam e voltou a ser prática.

— Bem que poderíamos arrumar uma lancha dessas. Talvez nos seja útil daqui a pouco.

O nível das águas continuou a subir. No fim do verão se elevara mais uns três metros. O tempo era péssimo e fazia mais frio que na mesma época no ano anterior. Mais gente da E.B.C. pedira transferência e em meados de setembro estávamos reduzidos a dezesseis.

O próprio Freddy Whittier anunciara que estava doente e cansado de perder seu tempo como um marinheiro naufragado e que ia ver se arrumava um trabalho mais útil para fazer. Quando o helicóptero levou a ele e à esposa, eu e Phyllis ficamos mais uma vez reconsiderando a nossa decisão.

Sabíamos que a nossa tarefa de escrever matérias de fé e esperança para um império agonizante, mas ainda resistindo, devia ter um efeito estabilizador, embora meio duvidoso. Muitas pessoas estavam dizendo a mesma coisa, na escuridão da incerteza e da ansiedade. Na noite anterior à partida dos Whittiers, fizemos uma pequena festa que se prolongou até de madrugada. No final, alguém sintonizou um transmissor em Nova York. Um homem e uma mulher estavam descrevendo, do alto do Empire State, a cena que viam. Era admirável, de um lirismo comovente, a maneira como falaram dos arranha-céus de Manhattan erguendo-se como sentinelas congeladas ao luar, enquanto a água banhava seus andares inferiores. Era lindo, mas falhava por completo em seu objetivo. Para nós, aquelas torres altaneiras não eram sentinelas e sim túmulos.

Fez-nos sentir que devia ser a mesma a reação às nossas palavras, que estava na hora de sair dali e buscar um trabalho mais útil. Ao nos despedirmos de Freddy, dissemos que logo o seguiríamos.

Mas ainda não tomáramos a decisão final de pedir a transferência quando Freddy nos ligou de Yorkshire, duas semanas após.

Depois dos cumprimentos iniciais, ele foi logo dizendo: — Olhe, Mike, não é um telefonema meramente

social. É um conselho desinteressado para aqueles que estão pensando em pular fora da frigideira... não o façam!

— Mas qual é o problema?

— Só vou dizer-lhe uma coisa: pediria a minha volta agora mesmo, se não precisasse explicar as razões para a minha atitude de forma tão convincente. Estou falando sério. Fiquem aí mesmo, você e Phyllis.

— Mas...

— Espere um minuto.

Houve uma pausa e ele voltou a falar: — Muito bem, não estão escutando a nossa conversa. Olhe, Mike, isso aqui está atulhado de gente, quase não há comida e a confusão é total. Os suprimentos estão diminuindo cada vez mais e o ânimo acompanha no mesmo ritmo. A atmosfera é tensa como uma corda de piano esticada. Estamos vivendo aqui virtualmente em estado de sítio e será um milagre se não estourar uma guerra civil nas próximas semanas. As pessoas fora daqui estão em situação pior, mas aparentemente nada será capaz de convencê-las de que não estamos vivendo às mil maravilhas, com toda a fartura. A situação é insustentável. Guarde isso para você, Mike, mas pelo amor de Deus não venha para cá. Senão pela sua segurança, pelo menos pela de Phyllis.

— Se a situação é tão ruim assim, Freddy, e você não está fazendo nada de útil por aí, volte para cá no próximo helicóptero. Venha até como clandestino... ou então podemos oferecer ao piloto algumas coisas que irão certamente agradá-lo.

— É o que pretendo fazer. Não há nada para fazermos aqui. Nem sei mesmo por que nos deixaram vir. Espere por mim no próximo vôo. Enquanto isso, boa sorte para vocês.

— Boa sorte para você também, Freddy. E lembranças a Lynn. Apresente também os nossos cumprimentos a Bocker, se ele está por aí e ainda não foi devidamente massacrado.

— Bocker está por aqui, você adivinhou. E tem uma teoria nova a que ninguém liga, embora ele ache que seja uma boa notícia.

— Considerando tratar-se de Bocker, podia ser bem pior. Bom, agora adeus. Ficaremos à sua espera.

Fomos discretos. Dissemos apenas que íamos ficar, porque ouvíamos dizer que Yorkshire estava apinhado de gente. Um casal que decidira ir embora no próximo vôo também resolveu ficar. Ficamos esperando que o helicóptero nos trouxesse Freddy de volta.

Mas passou-se um dia da sua chegada prevista e continuávamos a esperar. Entramos em contato com Yorkshire. A única informação que nos podiam prestar era de que o helicóptero levantara vôo no horário previsto. Perguntei sobre Freddy e Lynn, ninguém parecia saber onde estavam.

Nunca mais houve notícias do helicóptero. E disseram que não havia outro disponível para enviar até nós.

O verão frio transformou-se num outono mais frio ainda.

Chegou até nós o rumor de que os tanques anfíbios estavam aparecendo novamente, pela primeira vez desde que as águas haviam começado a subir. Como éramos os únicos que haviam tido contato com eles, fomos logo elevados à categoria de técnicos no assunto — embora o único conselho que pudéssemos dar foi o de que todo mundo devia andar sempre armado com uma faca, pronto para usá-la a qualquer momento, com qualquer uma das mãos.

Mas os tanques anfíbios devem ter achado que a caçada era muito pobre nas ruas quase desertas de

Londres, pois não chegamos a ver nenhum. Pelo rádio, no entanto, soubemos que o mesmo não estava acontecendo em outros lugares. Estavam reaparecendo por toda parte, e o recuo das praias e o colapso da organização tornavam muito difícil destruí-los em quantidade apreciável, de modo a desencorajá-los.

Mas outros problemas piores estavam surgindo. Da noite para o dia, os transmissores funcionando em cadeia da E.B.C. e da B. B.C. abandonaram toda a aparência de tranqüila confiança.

Quando vimos a mensagem que nos enviaram para transmissão simultânea com todas as outras emissoras, concluímos que Freddy acertara em cheio. Era uma convocação para que todos os cidadãos leais apoiassem o Governo legalmente eleito, contra todas e quaisquer tentativas de derrubá-lo pela força. Da maneira como a mensagem fora redigida, era fora de dúvida que a tentativa já se estava realizando. Era uma mistura lamentável de exortações, ameaças e súplicas — tudo cimentado com a nota errada de confiança. Era certamente o mesmo tom que se dissera na França e na Espanha, embora tanto o orador como os ouvintes soubessem que significava apenas que o fim estava próximo. O melhor locutor do mundo não conseguiria dar àquele texto o tom certo de convicção.

Ao falarmos com a central em Yorkshire, não souberam ou não quiseram esclarecer a situação. Disseram que estava havendo luta, com muitos tiros. Alguns bandos armados estavam tentando penetrar na área da Administração. Os militares tinham a situação sob controle e logo tudo estaria terminado. A transmissão era apenas para desencorajar os rumores exagerados e restaurar a confiança no Governo. Dissemos que nada do que nos estavam dizendo e a própria mensagem não transmitiam nenhuma sensação de confiança. Queríamos saber de fato o que estava acontecendo.

Mas continuaram a falar em tom oficial, áspero e frio.

Exatamente vinte e quatro horas depois, no meio de um ditado de outra mensagem de confiança do Governo, a ligação foi interrompida bruscamente. E nunca mais funcionou.

Até a gente se acostumar, é estranho ouvir vozes de todo o mundo, nenhuma delas sabendo o que está acontecendo em seu próprio país. Captamos perguntas sobre o nosso silêncio dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Quênia. Transmitimos, com toda a potência dos nossos transmissores, o pouco que sabíamos, ouvindo mais tarde as emissoras estrangeiras irradiarem a notícia.

Mas nós próprios não compreendíamos o que acontecera. Mesmo que os transmissores dos dois sistemas, em Yorkshire, tivessem sido destruídos, ainda devia haver estações independentes no ar, pelo menos na Escócia e na Irlanda do Norte. Talvez elas não estivessem mais bem informadas do que nós, mas pelo menos deviam estar transmitindo. Uma semana, porém, se passou e não ouvimos a menor manifestação delas.

O resto do mundo parecia estar muito ocupado em ocultar seus próprios problemas para se incomodar conosco — embora certa ocasião ouvíssemos uma voz falando com imparcialidade histórica sobre “*l’écroulement de l’Angleterre*”. A palavra *écroulement* não me era muito familiar, mas soava horrivelmente. O inverno chegou. Em comparação com o ano anterior, praticamente não havia mais ninguém pelas ruas de Londres. Às vezes era possível andar dois quilômetros sem se ver ninguém. Não tínhamos a menor idéia de como estavam vivendo os que haviam ficado. Provavelmente tinham escondido suprimentos de lojas sa-queadas para sustentar a si e suas famílias, só que não era muito saudável querer saber muitas coisas a respeito.

Todas as pessoas que encontrávamos nas ruas estavam armadas. Nós mesmos adotamos o hábito de andarmos armados, levando revólveres em coldres no ombro. Não esperávamos ter que usá-los, era mais para desencorajar os que pensassem em nos atacar. Sentíamos em todos uma espécie de alerta cauteloso,

não muito distante da hostilidade instintiva. Nos encontros casuais de vez em quando ainda se conversava, transmitindo-se os últimos rumores e notícias. Foi assim que soubemos que se formara um círculo de hostilidade ao redor de Londres. As populações circunvizinhas se haviam tornado Estados independentes em miniatura e proibido a entrada de estranhos, depois de expulsar os refugiados que lá viviam. Todos os que tentavam atravessar as fronteiras dessas comunidades eram sumariamente fuzilados.

No novo ano, a sensação de pressão se tornou ainda maior. O mar continuava subindo e o tempo era abominável, um frio quase insuportável. Quase todas as noites soprava um vento forte do sudoeste. Era cada vez mais raro se encontrar alguém nas ruas. Mas quando o vento amainava um pouco, podia-se subir ao telhado e ainda se notava a surpreendente quantidade de chaminés de onde saía fumaça. Era principalmente fumaça de madeira, queimando-se móveis certamente, pois os estoques de carvão encontrados nas usinas e nas estações ferroviárias se haviam acabado no inverno anterior.

De um ponto de vista puramente prático, duvido de que qualquer outro grupo no país fosse mais favorecido e estivesse em maior segurança que o nosso. Os alimentos que estocáramos originalmente, juntamente com o que adquiríramos depois, poderiam sustentar dezesseis pessoas durante muitos anos. Possuíamos também uma imensa reserva de óleo diesel e querosene. Materialmente, estávamos melhor do que um ano antes, quando havia mais pessoas ali. Mas aprenderamos, como muitos já o haviam feito antes de nós, que era preciso muito mais do que comida para manter o espírito elevado. A sensação de desolação começou a oprimir-nos, tornando-se pior quando, em fins de fevereiro, a água finalmente chegou à porta do nosso edifício, enchendo ruidosamente o porão.

Alguns membros do nosso grupo ficaram preocupados. — Certamente que não pode subir mais ainda. O limite é trinta e cinco metros, não é?

Não adiantava muito dizer mentiras tranqüilizadoras. Só podíamos repetir o que Bocker nos dissera: qualquer cálculo será pura adivinhação. Ninguém sabia quanto gelo havia na Antártica.

Na região ártica, ninguém podia imaginar o que era terra sólida, tundra, ou simplesmente um depósito antigo de gelo. Simplesmente não se possuíam dados para se formular um palpite aproximado.

O único consolo era que o próprio Bocker, por alguma razão desconhecida, parecia acreditar que a água não se elevaria acima de quarenta metros. Em sendo assim, nosso abrigo aéreo permaneceria intacto. Mesmo assim, era preciso muita força para se tranqüilizar, especialmente quando se deitava à noite e se ouviam as ondas que o vento levantava na Oxford Street.

Numa manhã de maio em que o sol brilhava mas que não esquentava muito, procurei por Phyllis e não a encontrei. Perguntando a todos, fui parar no telhado à sua procura. Estava junto ao parapeito, contemplando as árvores que pontilhavam o lago em que se transformara Hyde Park e chorando. Ajoelhei-me ao seu lado e abracei-a. Ela finalmente parou de chorar, enxugou os olhos e disse:— Não consegui criar resistência, no final das contas. Mike, não agüento mais. Leve-me para longe daqui!

— Mas para onde poderemos ir? E se pudermos ir...

— O chalé, Mike. Lá no campo não deve ser tão ruim assim. Deve haver coisas nascendo e desabrochando... e não apenas coisas morrendo como aqui. Aqui não resta a menor esperança, podíamos mesmo pular do telhado por falta de esperança...

Fiquei pensando no assunto por algum tempo. — Mas, mesmo que conseguíssemos chegar até lá, teríamos

que viver. Precisaríamos de comida, combustível, coisas assim. .

— Mas há...

Ela mudou de idéia no meio da frase e continuou de maneira diferente.

— Podemos encontrar o suficiente para nos manter até podermos cultivar o que for necessário. E lá há peixe e também muitos destroços que podemos usar como combustível. Poderíamos conseguir, Mike. Será duro... Mike, a verdade é que não agüento mais ficar neste cemitério!

“Olhe, Mike, olhe ao redor. Nada fizemos para merecer isso. Muitos de nós não eram bons, é verdade, mas nenhum era tão mal a ponto de merecer tal castigo. E o pior é que não temos a menor chance! Se ao menos tivéssemos alguma coisa contra a qual lutar... Mas vamos apenas morrer afogados ou de fome, se antes não nos destruirmos uns aos outros... E isso por causa de coisas que ninguém jamais viu, de coisas que vivem num lugar onde jamais poderemos alcançá-las!

“Alguns de nós conseguirão atravessar tudo isso, os mais duros e resistentes. Mas o que poderão fazer agora aquelas coisas que estão lá no fundo do oceano? Algumas vezes sonho com elas em seus vales escuros e profundos, imaginando-as como lulas ou lesmas monstruosas. Outras vezes vejo-as como grandes nuvens de células luminosas, pairando entre as rochas. Acho que nunca saberemos com o que elas se parecem, mas tenho certeza de que passam o tempo todo pensando e tramando o que podem fazer para acabar conosco definitivamente, a fim de que tudo lhes pertença.

“Às vezes, apesar da teoria de Bocker, acho que estes seres são as próprias coisas que estão no interior dos tanques anfíbios e que, se pudéssemos capturar um, saberíamos como eles são e poderíamos finalmente encontrar os meios de combatê-los. Por várias vezes sonhei que havíamos encontrado um e descoberto como funciona. Mas ninguém acreditou em nós, à exceção de Bocker. Mas o que lhe dissemos deu-lhe a idéia para uma nova e maravilhosa arma que irá acabar com todas as criaturas.

“Sei que tudo isso é tolice, mas no sonho parece maravilhoso. Acordo como se tivéssemos salvado o mundo inteiro de um pavoroso pesadelo... e então ouço o som das águas correndo pelas ruas e sei que nada ainda está terminado, que vai prosseguir interminavelmente.

“Não posso mais suportar, Mike. Ficarei louca se tiver que continuar sentada aqui, sem fazer nada, enquanto uma grande cidade vai morrendo aos pouquinhos. Na Cornualha, em qualquer lugar do interior, será diferente. Prefiro trabalhar noite e dia para manter-me viva a continuar assim. Acho que seria muito melhor encontrar a morte na tentativa de chegar até lá do que enfrentar outro inverno como o último que passou.

Eu não imaginava que o estado de Phyllis era tão ruim assim.

Não havia como argumentar.

— Está certo, querida. Vamos para a Cornualha.

Todos nos advertiram contra as tentativas de sair de Londres pelos caminhos usuais. Contaram-nos que haviam feito um cordão de isolamento em torno da cidade, com armadilhas, alarmes, patrulhas, uma terra de ninguém inteiramente arrasada para que se pudesse facilmente alvejar quem tentasse atravessá-la. Além deste cordão de isolamento, tudo se baseava na análise fria de quantas pessoas cada comunidade poderia sustentar. Os moradores locais se haviam reunido e expulsado os refugiados e os inúteis, empurrando-os para terras mais baixas onde teriam que se arrumar por si próprios. Em cada comunidade existia a noção de que uma boca a mais para alimentar significava um racionamento maior para todos. Qualquer estranho que conseguisse esgueirar-se pelo território de uma comunidade não passaria

despercebido por muito tempo. Ao ser descoberto, o tratamento que lhe dispensariam seria impiedoso — a sobrevivência assim o exigia. Assim, tudo parecia indicar que a nossa própria sobrevivência exigia a procura de um outro caminho para chegarmos à Cornualha.

Pela água, através dos braços de mar que deviam estar constantemente alargando-se e alongando-se, as nossas chances pareciam melhores. Não sei o que nos teria acontecido se, por um golpe de sorte, não encontrássemos a lancha que batizamos com o nome de Midge. Chegou até nós depois do lamentável acidente com o seu proprietária anterior, alvejado e morto ao tentar escapar de Londres. Ted Jarvey encontrou-a e trouxe-a para nós, sabendo que há semanas procurávamos inutilmente por um barco como aquele.

Logo ficou provado que não tinha o menor fundamento a sensação de intranqüilidade que sentíamos, achando que os outros poderiam querer ir conosco também. Sem exceção, todos consideravam-nos loucos. A maioria nos chamou para um lado, em diversas ocasiões, tentando convencer-nos de que era uma tolice trocar instalações confortáveis e seguras por uma jornada certamente perigosa e condições de vida muito mais difíceis e provavelmente intoleráveis. Ajudaram a abastecer e encher de suprimentos a lancha, mas nenhum jamais pensou em seguir conosco.

Nosso progresso rio abaixo foi lento e cauteloso, pois não tínhamos a menor intenção de aumentar desnecessariamente os riscos da viagem. O problema maior que enfrentamos foi dormir durante a noite. Estávamos conscientes do nosso provável destino como invasores de alguma comunidade e também de que o Midge e sua carga constituíam um botim tentador para qualquer um. Geralmente íamos ancorar sob um abrigo qualquer nas ruas de uma cidade submersa. Às vezes, quando ventava muito, demorávamos vários dias no abrigo. A água potável, que esperávamos fosse constituir-se no maior problema, era facilmente encontrável nas caixas d'água dos forros das casas parcialmente submersas. No fim das contas o que era antes uma viagem de cerca de quatrocentos quilômetros pela estrada, exigiu-nos mais de um mês para completar.

No Canal da Mancha, com seus penhascos brancos, a situação parecia tão normal que era difícil acreditar que ocorrera uma inundação. Mas toda a normalidade acabou quando começamos a prestar atenção às cidades que deveriam normalmente existir nos intervalos entre os penhascos. Pouco depois constatamos de fato que a situação era inteiramente anormal, ao vermos os nossos primeiros icebergs.

Aproximamo-nos do fim da jornada com uma cautela redobrada. Pelo que observávamos ao longo da costa no caminho, os terrenos mais altos estavam repletos de acampamentos, cabanas toscas espalhado-se por toda parte. Nos pontos em que a encosta subia acentuadamente, as casas nas partes mais baixas estavam submersas, mas as de cima continuavam ocupadas. Não sabíamos quais seriam as condições que encontraríamos em Pennllyn, de um modo geral, e em nosso chalé, em particular.

Entrei com o Midge no Rio Helford, a espingarda na mão.

Aqui e ali, nas encostas, algumas pessoas pararam para olhar-nos, mas não atiraram nem acenaram. Só mais tarde é que fomos descobrir que haviam tomado o Midge por um dos barcos locais que ainda possuía combustível para navegar.

Viramos depois para o norte. Como o nível do mar subira trinta metros, os cursos d'água se haviam multiplicado e qualquer um poderia perder-se. Erramos o caminho várias vezes, até finalmente virarmos uma curva e depararmos com uma encosta familiar e o chalé lá em cima.

Muitas pessoas haviam estado lá. Mas, embora a desordem fosse grande, os danos não eram irreparáveis. Era evidente que haviam ido, basicamente, procurar o que comer, carregando até os nossos

últimos suprimentos, as garrafas de molho e a pimenta.

Phyllis olhou para os detritos que havia por toda parte e depois desceu para o porão. Voltou num instante e depois correu para o caramanchão que construía no jardim.

— Graças a Deus que está intacto — disse ela ao voltar.

— O que está intacto?

— Os alimentos. Não queria dizer nada até ter certeza. Seria um desapontamento se os tivessem levado.

— Mas que alimentos? — indaguei, atônito.

— Você não tem muita intuição, não é, Mike? Acha mesmo que uma pessoa como eu ia ficar construindo muros só para se divertir? Escondi uma porção de suprimentos por trás de um muro no porão e ainda há mais coisa embaixo do caramanchão.

— Está querendo dizer...? Mas isso foi séculos atrás, antes mesmo que a inundação começasse!

— Mas não antes que começassem a afundar um navio atrás do outro. Pareceu-me que seria uma boa idéia comprar o que fosse necessário, pois certamente depois iria faltar. E achei que o melhor seria ter uma boa reserva, para o caso de uma eventualidade. Mas não lhe disse nada, pois julguei que fosse ficar zangado.

Sentei-me, aturdido, sem entender mais nada.

— Zangado?

— Bem, há muitas pessoas que parecem pensar ser mais ético pagar os preços do mercado negro do que tomar algumas precauções.

— E então fez pessoalmente a parede de tijolos para esconder tudo?

— Exatamente. Não queria que ninguém daqui soubesse. Assim, tive que fazê-la sozinha. Mas, como o transporte aéreo de alimentos foi muito mais bem organizado do que se podia pensar, não tivemos que recorrer às reservas. Mas agora elas nos serão da maior utilidade.

— E há muita coisa aí?

— Não tenho muita certeza, mas talvez pudéssemos calcular como o equivalente a um furgão cheio. E ainda temos o que trouxemos no Midge.

Ocorreram-me várias objeções contra o que Phyllis fizera, mas seria uma ingratidão e uma grosseria dizê-las naquele momento. Por isso deixei de lado qualquer discussão e começamos a arrumar o chalé e trazer as coisas da lancha.

Não levei muito tempo para descobrir por que o chalé fora abandonado. Era preciso subir ao topo para verificar que a nossa pequena montanha estava fadada a ser uma ilha. E, efetivamente, poucas semanas depois dois braços de mar se juntaram atrás de nós e nos separaram do resto da Inglaterra.

Os acontecimentos ali se haviam desenvolvido da mesma forma que em outras partes — exceto que para ali não houvera influxo de refugiados, o movimento sendo sempre de emigração. Primeiro houvera uma retirada cautelosa quando a água começara a subir, depois uma fuga em pânico para as partes mais altas e finalmente a corrida desesperada para o interior antes que fosse tarde demais.

Os que haviam ficado e ali permaneciam eram uma mistura de indolentes, obstinados e esperançosos, sempre achando que amanhã ou depois de amanhã as águas parariam de subir.

Havia um permanente estado de luta entre os que haviam ficado e os recém-chegados. Os que moravam no alto não permitiam que estranhos entrassem em seus territórios, onde reinava severo racionamento; os

que moravam nas partes baixas andavam armados e preparavam armadilhas para desencorajar qualquer ataque aos seus campos cultivados. Dizia-se — embora me seja impossível apurar a verdade — que a situação era muito boa em comparação com o que estava ocorrendo em Devon e outros lugares mais a leste. Expulsos de suas terras pelo avanço do mar, os habitantes das terras baixas se haviam posto em marcha, decididos a não pararem enquanto não atravessassem os pântanos e chegassem às terras férteis que ficavam mais além. Falava-se em guerras defensivas e sangrentas contra bandos famintos, em Devon, Somerset e Dorset. Mas, ali onde estávamos, só ocasionalmente ouvíamos alguns tiros.

A conclusão do nosso isolamento tornou o lugar ainda mais seguro. Nossa ilha oferecia poucas tentações, por isso poucas chances tínhamos de ser molestados. Assim que chegamos, eu e Phyllis ligamos o rádio, o meio de comunicação para sabermos como o resto do mundo e o nosso próprio país estavam reagindo à emergência. Mas o rádio pifou poucos dias depois, sem a menor possibilidade de ser consertado, pois não havia como comprar peças novas. E assim ficamos ali, sozinhos, sem saber o que acontecia ao nosso redor.

Os habitantes da ilha haviam tido colheitas razoáveis no verão anterior, o suficiente para se alimentarem, juntamente com o peixe que pescavam em grande quantidade. Não se pode dizer que nos considerem estranhos, mas de qualquer forma tomamos todo o cuidado para não fazermos perguntas desnecessárias. Acho que pensam que vivemos de peixe e do que trouxemos no Midge — e o que nos deve restar não vale a pena para alguém se arriscar a um ataque. Talvez as coisas fossem diferentes, se a colheita do último verão fosse pior.

Comecei a escrever este relato no início de novembro. Estamos agora em fins de janeiro. As águas continuam a subir ligeiramente, mas desde o Natal parece que o ritmo de elevação caiu consideravelmente. Estamos na esperança de que tenham alcançado o nível máximo. Ainda há icebergs no canal, mas agora em quantidade cada vez menor.

Sofremos ainda alguns ataques dos tanques anfíbios, às vezes um só, mas geralmente em grupos de quatro ou cinco. Mas agora, de um modo geral, constituem mais um aborrecimento do que um perigo real. As pessoas que vivem perto do mar mantêm turnos permanentes de vigias. Os tanques anfíbios aparentemente não gostam de subir, por isso avançam trezentos ou quatrocentos metros além da praia apenas. Quando não encontram vítimas, logo voltam ao mar.

Mas a pior coisa tem sido suportar o frio do inverno. Mesmo fazendo os devidos descontos da diferença de circunstâncias, este inverno é muito mais frio que o anterior. O braço de mar ao nosso redor está congelado há muitas semanas e, quando o tempo está calmo, o próprio mar se congela muito além da praia. E há também o tempo, agitado, um vento forte soprando há muitos dias e a tudo cobrindo com uma camada de gelo. Temos sorte por estarmos abrigados da ação direta do sudoeste, mas mesmo assim a situação é terrível. Deve estar sendo um inferno a vida nos acampamentos em torno dos pântanos, principalmente quando sopra um vento gelado como este.

Decidimos que, quando o verão chegar, tentaremos ir embora. Iremos para o sul, em busca de algum lugar mais quente.

Provavelmente poderíamos suportar outro inverno aqui, mas ficaríamos quase sem provisões e com menos forças para fazermos a viagem que mais cedo ou mais tarde teremos que empreender.

Achamos que é possível encontrar, no que sobrou de Plymouth ou em Devonport, o combustível necessário para o nosso barco. Mas, se não o conseguirmos, fincaremos um mastro e continuaremos navegando a vela.

Para onde? Ainda não sabemos. Para algum lugar mais quente. Talvez só encontremos tiros quando tentarmos desembarcar, mas mesmo isso será melhor do que morrer de fome num inverno implacável .

Phyllis concorda comigo.

— Faremos uma jornada das mais arriscadas, Mike, como nunca antes fizemos. Mas, afinal, de que adianta termos sorte se nunca a empregamos?

4 de maio

Não vamos mais para o sul.

Este manuscrito não será deixado aqui, numa lata bem fechada, na esperança de que alguém o encontre algum dia. Ele irá conosco.

E isso porque, dois dias atrás, avistamos o primeiro avião que passa por aqui desde que chegamos. A dizer a verdade, não era um avião, era um helicóptero que veio girando ao longo da costa e depois se virou para o interior, passando junto ao nosso braço de mar. Eu e Phyllis estávamos perto da água, aprontando o Midge para a viagem. Ouvimos um zumbido distante e vimos o aparelho voltando em nossa direção. Olhamo-lo. Estava contra o sol, mas mesmo assim pude ver o logotipo da R.A.F. na fuselagem. Pensei ver alguém acenando para nós e acenei também. Phyllis acenou com o pincel que tinha na mão.

Vimo-lo virar para a esquerda de onde estávamos e depois seguir para o norte, desaparecendo por trás do nosso morro. Olhamos um para o outro enquanto o barulho do motor diminuía. Nada dissemos. Não sei o que Phyllis sentiu, mas fiquei emocionado.

Nunca pensara que o barulho de um motor de helicóptero pudesse soar em meus ouvidos como uma espécie de música nostálgica.

Compreendi então que o barulho não se estava afastando. O aparelho reapareceu, no outro lado do morro. Aparentemente fora examinar o resto da nossa ilha. Observamo-lo subindo e depois começando a descer no platô onde ficava o nosso chalé. Deixei cair a chave de parafusos que segurava e Phyllis o seu pincel e saímos correndo para cima.

O helicóptero baixara bastante, mas era evidente que não ia correr o risco de pousar entre as pedras e as urzes. Suspenso ali no ar, uma porta lateral se abriu. Jogaram um fardo para fora, que foi cair em cima das urzes. Depois baixaram uma escada de cordas.

Um vulto começou a descer pela escada, balançando-se de um lado para o outro, O helicóptero flutuava suavemente, erguendo-se até o topo do morro. Perdemos o homem que descia de vista. Ainda estávamos um pouco longe do topo, onde o homem finalmente fora deixado, quando o aparelho se ergueu e se afastou, com alguém lá dentro recolhendo a escada de corda.

Continuamos a correr. Logo chegamos a um ponto em que podíamos ver um homem vestido de preto sentado numa moita de urzes, apalpando o corpo todo para ver se algo estava quebrado.

— Mas... é Bocker! — gritou Phyllis, correndo temerariamente em sua direção.

Quando cheguei, ela estava de joelhos ao lado de Bocker, abraçando-o e chorando copiosamente. Ele dava-lhe tapinhas no ombro paternalmente. Estendeu a outra mão para mim quando me aproximei. Segurei-a entre as minhas e senti que estava também a ponto de chorar. Era o mesmo Bocker, não parecendo muito diferente de quando o víamos pela última vez. Não havia muito o que dizer no momento, por isso limitei-me a perguntar:

— Está bem? Não se machucou?

— Só um pouco abalado, mas não quebrei nada. Mas acho que é preciso mais habilidade para descer de um helicóptero do que eu imaginava.

Phyllis ergueu o rosto para dizer: — Nem devia ter tentado, A.B. Podia ter morrido!

Depois voltou a encostar a cabeça em seu ombro, confortavelmente, e continuou a chorar.

Bocker olhou para os cabelos de Phyllis e depois para mim, com uma interrogação no rosto. Sacudi a cabeça.

— Outros tiveram uma sorte pior, mas é que aqui é muito solitário e deprimente.

Ele assentiu e ficou mais algum tempo dando tapinhas no ombro de Phyllis. Seus soluços logo diminuíram. Bocker esperou mais um pouco para dizer:

— Se o cavalheiro quiser ter a gentileza de tirar sua esposa do meu ombro por um momento, gostaria de ver se ainda consigo ficar de pé.

Conseguiu.

— Acho que só tenho um galo e um ou dois arranhões.

— Uma sorte melhor do que a que merecia — repreendeu-o Phyllis severamente. — Foi perfeitamente ridículo o que fez, A.B., especialmente na sua idade!

— Foi exatamente o que pensei quando estava na metade do caminho.

Passou um dos braços em torno dos ombros de Phyllis e o outro enfiou pelo meu.

— Estou com fome — anunciou prático como sempre. — Em algum lugar por aí há uma porção de comida que jogamos antes da minha descida.

Descemos até o chalé, Phyllis não parando de falar um instante, a não ser quando fazia algumas pausas curtas e olhava para Bocker, como a certificar-se de que ele estava realmente ali. Quando chegamos, Phyllis desapareceu na cozinha e Bocker sentou-se, cautelosamente.

— Devia oferecer-lhe agora alguma bebida — disse eu tristemente — mas tudo acabou já faz algum tempo.

Ele tirou do bolso um frasco grande de metal, contemplando por um momento a moça que ali havia.

— Só espero que seja melhor subindo do que descendo — comentou .

Derramou um pouco em três copos e depois chamou Phyllis.

— Vamos beber ao nosso reencontro.

Foi o que fizemos.

— Agora — falei — como em todas as nossas experiências nada foi mais improvável do que vê-lo descendo dos céus pendurado num trapézio, gostaríamos de ter uma explicação.

— Este evidentemente não era o plano. Quando o pessoal lá de Londres informou que vocês tinham vindo para a Cornualha, achei que aqui é que estariam, se tivessem conseguido chegar. Assim, logo que pude, vim dar uma olhada. Mas o piloto não gostou do terreno de vocês e não quis arriscar-se a um pouso. Resolvi que desceria de qualquer maneira e mandei que fossem procurar um lugar onde pudessem pousar, voltando para buscar-me daqui a três horas.

Ficamos olhando-o, calados.

— Vocês sempre me olham desse jeito. Mas pensem um pouco: já me teria encontrado com vocês, se

tivessem ficado onde estavam.— Não agüentamos mais, A.B. Pensamos que você morreria quando Harrogate foi atacada. Os Whittiers não voltaram, a ligação não se restabeleceu. O helicóptero deixou de vir. Não havia uma única emissora britânica no ar. Depois de algum tempo, parecia que tudo realmente acabara. Por isso viemos para cá. Até os ratos preferem morrer em céu aberto.

Phyllis levantou-se e começou a pôr a mesa.

— Acho que você também não ficaria sentado esperando tranqüilamente a morte, A.B.

Bocker sacudiu a cabeça.

— Mulher de pouca fé. Acho que devia saber que este não é o mundo de Noé. O século XX não pode ser exterminado com tanta facilidade assim. O paciente ainda está em estado grave, continua muito doente, perdeu bastante sangue... mas vai recuperar-se. E vai mesmo, vocês vão ver!

Olhei pela janela para a água que cobria campos que outrora haviam sido cultivados, para os braços de mar que avançavam terra adentro, para casas que outrora haviam sido lares e que agora recebiam em cheio o choque das ondas.

— Como?

— Não vai ser fácil, mas conseguiremos. Perdemos uma boa parte das nossas melhores terras, mas há seis meses que as águas não sobem mais. Poderemos cultivar mais do que o necessário para alimentar cinco milhões de pessoas, tão logo estejamos organizados. — Cinco milhões?

— É a estimativa por alto da população atual... apenas uma estimativa superficial, é claro.

— Mas éramos 46 milhões!

Havia uma coisa em que eu e Phyllis evitávamos falar e até mesmo pensar. Mas nos momentos de maior depressão achávamos que terminaria havendo apenas uns poucos sobreviventes, vivendo como bárbaros. Nunca, porém, chegáramos a pensar em números.

— Como aconteceu? Soubemos que houve lutas mas isto...

— Alguns morreram nas lutas, muitos foram cercados pelas águas e morreram afogados. Mas a porcentagem dos que morreram assim foi relativamente pequena. A causa principal foi a pneumonia, resultante da desnutrição e de três invernos impiedosos. Muitas gripes, muitos resfriados, terminando tudo na pneumonia inevitável. Não havia remédios, não havia comunicações, nada se pôde fazer...

— Mas, A.B., não entendo você. Como pode dizer que nos vamos recuperar, quando nove em cada dez pessoas morreram?

Ele olhou-a com firmeza e acenou com a cabeça.

— Certamente. Cinco milhões ainda podem ser uma nação. Não éramos muito mais do que isso no tempo da primeira Elizabeth e demos o que falar ao mundo. E poderemos fazê-lo de novo. Mas para isso teremos muito que trabalhar... e é justamente por isto que estou aqui. Tenho um trabalho para vocês.

— Trabalho? — disse Phyllis, aturdida.

— Exatamente. E desta vez não vão precisar vender sopas e sabonetes. Terão que vender coragem, um moral elevado. Assim, quanto mais cedo começarem a levantar o próprio moral, de vocês, será melhor.

— Agora espere um minuto — disse Phyllis. — Como vejo que há uma explicação comprida, deixe-me pôr a mesa antes.

Minutos depois, sentados à mesa, Phyllis disse:

— Sei A.B., que nunca deixou que o simples ato de comer interferisse com a conversa. Por isso vamos em frente.

— Está certo. Comecem por imaginar um país que está reduzido apenas a pequenos grupos e comunidades independentes espalhadas por toda parte. Todas as comunicações foram cortadas, especialmente como medida de autodefesa. Ninguém sabe o que está acontecendo a dois ou três quilômetros de sua casa. Muito bem: como se pode sair de uma situação desta espécie e voltar a ser um país organizado? Em primeiro lugar, acho que terão de encontrar uma brecha até estas comunidades isoladas e entrar em contato com elas. Para consegui-lo, é preciso inicialmente estabelecer alguma espécie de autoridade central e fazer com que o povo saiba que existe, fazendo também com que ela lhe inspire confiança. Uma providência imediata é fazer com que os líderes de cada comunidade se tornem os representantes da autoridade central. E como alcançá-los? É simples, conversando e dizendo o que está acontecendo... pelo rádio.

“Vamos descobrir uma fábrica e começar a fabricar rádios e baterias que possamos jogar de helicóptero para o povo. Depois disso, passamos a jogar também rádios receptores-transmissores, a fim de mantermos contato nos dois sentidos, começando pelas comunidades maiores e chegando às menores. Finalmente, estará quebrado o sentido de isolamento e esquecida a sua necessidade. Um grupo começa a saber o que o outro está fazendo. A autoconfiança revive. Surge o sentimento de que há alguém no comando e isso lhes devolve a esperança. Começam a sentir que há alguma coisa pela qual trabalhar. Um grupo começa a cooperar e a negociar com o grupo ao lado. E assim começaremos tudo. Nossos ancestrais levaram muitas gerações para fazer este trabalho. Com a ajuda do rádio e uma boa base, acho que poderemos fazê-lo em uns dois anos. Mas é preciso haver gente competente em ação, gente que saiba como dizer o que deve ser dito. E então, o que me dizem?”

Phyllis ficou de cabeça baixa, olhando para o prato. Depois ergueu o rosto e, com os olhos brilhantes, declarou: — A.B., já teve a sensação de que estava quase morto e de repente apareceu alguém que lhe injetou adrenalina nas veias?

— Não sinto a mesma coisa que Phyllis, mas apoio a sua decisão calorosamente — falei.

— Esta perspectiva me faz parecer mais embriagada do que o álcool jamais conseguiu — disse Phyllis.

— Ótimo. Então é melhor começarem logo a arrumar suas coisas. Dentro de três dias mandaremos um helicóptero maior para buscá-los. E não deixem nenhum alimento aqui. Vai-se passar muito tempo antes que nos possamos dar ao luxo de desperdiçar comida.

Bocker começou então a dar explicações e instruções, mas não o estávamos ouvindo. Contou inclusive como ele e alguns outros haviam escapado ao ataque a Harrogate, mas em nossas mentes também não havia espaço para aquilo. Quase uma hora se passou antes que saíssemos do nosso estado de torpor, consequência da súbita mudança de perspectiva. Neste momento passou-me pela cabeça que estávamos sendo muito provincianos. A operação de descongelar as massas polares não mais nos ameaçava, mas isso não significava que não fosse seguida por uma forma nova e igualmente devastadora de ataque. Pelo que sabíamos, a verdadeira origem dos nossos problemas continuava tranqüilamente escondida nas profundezas do oceano. Foi o que disse a Bocker. Ele sorriu.

— Acho que concordam que não sou propriamente um otimista desenfreado...

— Tenho certeza de que não — declarou Phyllis.

— Por isso, espero ser bastante convincente ao afirmar que, no momento, a perspectiva me parece bastante satisfatória e esperançosa. Tivemos muitos desapontamentos, é verdade, talvez tenhamos mais, mas parece que, no momento, temos em mãos alguma coisa contra a qual os nossos amigos lá de baixo

nada podem.

— Mas o que é?

— Ultrassom.

— Mas já tinham tentado ondas ultra-sônicas antes, várias vezes — observei. — Lembro muito bem..

— Mike, querido, cale a boca e espere.

Phyllis virou-se então para Bocker e perguntou: — Como conseguiram?

— Já era um fato bastante conhecido que determinadas ondas ultra-sônicas podiam matar peixes e outras criaturas do mar. Assim, quando se tornou patente que os seres das profundezas realmente existiam, muitas pessoas disseram que as ondas ultrassônicas representavam o meio certo de combatê-los. Mas era evidente que isso não seria possível com o aparelho iniciador das ondas na superfície, a uma distância superior a cinco quilômetros. O problema era fazer com que o emissor ultra-sônico descesse até lá embaixo, perto o suficiente para produzir efeitos. Mas não adiantava simplesmente afundá-lo, porque seu cabo seria eletrificado ou cortado. E a julgar pelas experiências iniciais, isso aconteceria muito antes que chegasse fundo o suficiente para ter alguma utilidade.

“Mas parece que agora os japoneses encontraram a solução. São um povo muito engenhoso, sabem? E nos momentos mais sociáveis fazem até boas contribuições à ciência. Até agora, temos apenas uma descrição sumária do aparelho, que nos transmitiram, pelo rádio. Mas, ao que parece, trata-se de uma espécie de esfera com propulsão própria que se desloca lentamente, emitindo ondas ultra-sônicas de grande intensidade. Mas o mais importante não é isso: o aparelho não apenas produz ondas letais como também se aproveita delas, usando o mesmo princípio do sonar, para orientar-se. Assim, pode desviar-se de qualquer obstáculo ao receber um eco de determinada distância.

“Compreenderam? Basta reunir alguns desses aparelhos, com o eco de repulsão para funcionar a setenta metros de distância, fazendo-os então descer para uma fossa qualquer onde haja indícios da existência das criaturas submarinas. Eles irão descendo lentamente, ficando sempre a setenta metros de distância um do outro, a setenta metros do fundo, a setenta metros da borda da fossa, a setenta metros de qualquer obstáculo, sempre emitindo ondas ultra-sônicas letais. Este é o princípio, dos mais fáceis, como podem ver. Acho que a grande vitória dos japoneses não foi apenas construí-los, mas também fazer com que possam resistir à pressão.

— Para mim — disse Phyllis — não parece nada simples. Mas o importante é saber se realmente funciona.

— Os japoneses afirmam que sim e não vejo muita vantagem em mentirem. Dizem que já limparam duas fossas oceânicas pequenas. Grandes massas de gelatina orgânica vieram à tona, mas não puderam descobrir muita coisa porque se haviam rompido por completo com a mudança de pressão e rapidamente entraram em processo de decomposição, sob o efeito dos raios do sol. Mas dizem que depois baixaram cabos até o fundo das fossas e nada aconteceu. Estão agindo agora em outras fossas pequenas, adquirindo mais experiência antes de atacarem as grandes. Mandaram os planos do aparelho, de avião, para os Estados Unidos. Os americanos, que sofreram quase tanto como nós, anunciaram que vão iniciar a produção em massa imediatamente. Portanto, acho que é prova suficiente de que o aparelho funciona.

“Mas vai levar algum tempo antes que consigam atingir todos os locais em que se ocultam os invasores. Mas este, porém, não é problema nosso. Por perto da Inglaterra não há nenhuma fossa oceânica e de qualquer forma não estaremos em condições, durante muito tempo, de produzirmos a não ser o indispensável à nossa sobrevivência. A Inglaterra era superpovoada e por isso pagou caro. Teremos que adotar medidas para que isto jamais volte a acontecer.

Phyllis franziu a testa.

— A.B., já lhe falei antes sobre o seu péssimo hábito de se adiantar aos outros, dizendo coisas que as pessoas não estão preparadas para ouvir.

Bocker sorriu.

— Talvez seja uma sorte minha que esta última medida a que me referi não precisará ser adotada enquanto eu viver.

Sentamo-nos no caramanchão de Phyllis e ficamos olhando a paisagem, que mudara tanto num curto espaço de tempo. Durante algum tempo, ninguém falou. Olhei para Phyllis, que parecia ter saído de um salão de beleza.

— Estou voltando a viver, Mike. Agora temos alguma coisa pela qual lutar.

Também me sentia assim, mas olhei para o mar azul e vi os reflexos de pequenos icebergs.

— Também sinto a mesma coisa, mas não vai ser nenhum piquenique. Não nos esqueçamos deste tempo horrível. E quando penso nos invernos...

— Já estão pesquisando a respeito — informou Bocker — e os primeiros informes indicam que a água irá gradativamente esquentar. Além disso, agora que o gelo se foi, provavelmente dentro de três ou quatro anos teremos um clima tão bom como nunca houve.

Ficamos novamente em silêncio, até que Phyllis falou: — Estava pensando... Realmente nada acontece de novo, não acham? Existiu outrora uma imensa planície, coberta de florestas e cheia de animais selvagens. Alguns dos nossos ancestrais provavelmente lá viveram, caçaram e amaram. Então um dia a água veio e a tudo inundou, fazendo surgir o Mar do Norte. Acho que já estivemos lá e estamos vivendo tudo novamente.

Outro momento de silêncio, interrompido por Bocker ao olhar para o relógio.

— O helicóptero deve estar chegando. Acho melhor preparar-me para o ato impressionante em que desafio a morte.

— Gostaria de que não o fizesse, A.B. — pediu Phyllis. — Não poderia mandar um recado e ficar conosco até chegar o helicóptero maior?

Ele sacudiu a cabeça, firmemente.

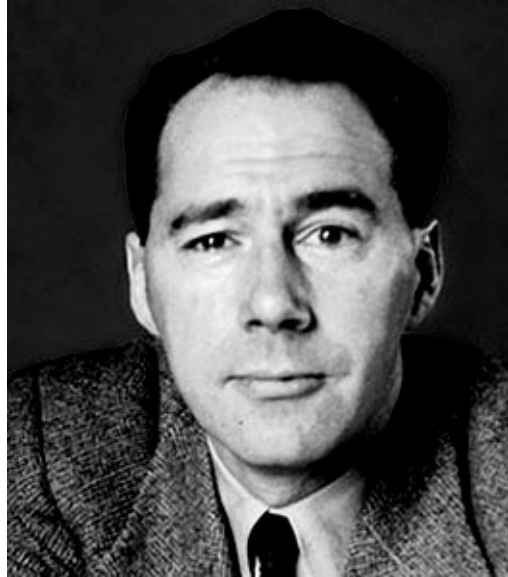
— Não há tempo a perder. Estou apenas bancando o ocioso, pois tenho muito que fazer. Só que quis dar as notícias a vocês pessoalmente. Não se preocupe, minha querida. O velho aqui ainda consegue subir muito bem por uma escada de corda.

E foi o que fez, sem o menor problema. Quando o helicóptero se aproximou do topo da colina, Bocker agilmente segurou a escada de corda que balançava, agarrou-se a ela firmemente e começou a subir. Logo depois surgiram braços que se estenderam para ajudá-lo a subir a bordo. Na porta, ele virou-se e acenou para nós.

O helicóptero aumentou a velocidade e começou a subir. E em pouco tempo era uma simples mancha que desaparecia na distância.

FIM

John Wyndham, o autor {1}



“A disposição de qualquer coisa como 90% da ficção científica, para usar esta definição [refere-se à definição de FC dada por Edmund Crispin] somente em conjunção com uma forma narrativa de aventura [...], é principalmente um acidente de exploração comercial, e um acidente infeliz, que torna difícil ver as árvores por causa da floresta.”

John Wyndham, Prefácio de As Sementes do Tempo

John Wyndham foi um dos autores de FC mais importantes na década de 50, redefinindo o gênero pós-apocalíptico e mesclando Terror com FC. Trouxe uma maior contenção e subtileza ao gênero que até aí era difícil de encontrar em escritores acantonados no nicho Sci-Fi. Por isso, Wyndham é um dos escritores de culto da FC.

Inglês nascido em 1903 numa família de classe média, John Beynon Parkes Lucas Beynon Harris, usou a sua multiplicidade de apelidos para assinar histórias de FC com vários nomes. Começou por escrever contos para revistas pulp americanas durante toda a década de 1930. Durante esse período inicial também escreveu os seus primeiros romances Sub-Sahara (1935) e Planet Plane (1937).

A carreira de escritor de Wyndham foi interrompida com o advento da Segunda Guerra Mundial em que esteve destacado no exército britânico. Depois desse hiato a sua carreira ganhou fulgor, tendo-se tornado um escritor consagrado a partir de O Dia das Trífides (Day of the Triffids), uma história pós-apocalíptica em que o Reino Unido entra no caos completo quando o que se considerava ser algum fenómeno cósmico cega a maior parte da população (talvez tenha vindo daqui a inspiração de Saramago para escrever Ensaio Sobre a Cegueira?). Para além do colapso da sociedade provocado por esse acontecimento, a população ainda tem enfrentar as trífides, plantas móveis e com ferrões venenosos resultantes de manipulação genética. Este livro está repleto de descrições perturbantes do colapso da sociedade e é um

relato credível do comportamento humano perante situações extremas. O princípio do livro é um dos mais memoráveis em romances do gênero, em que o protagonista está confinado a uma cama de hospital e pressente uma mudança radical ao seu redor que vai descobrindo pouco a pouco na quietude inquietante que o envolve (podem ver inícios semelhantes no filme 28 Dias Depois e na BD/série televisiva The Walking Dead).

O seu primeiro romance, assinado como John Wyndham, tornou-o um sucesso no seu país, mesmo com o público menos familiarizado com o gênero, acabando por ganhar a reputação de ser o digno herdeiro de H.G. Wells.

Wyndham foi sem dúvida inspirado por Wells no seu segundo romance, A Ameaça do Fundo do Mar (Kraken Wakes no original), outra obra pós-apocalíptica em que a Terra é invadida por extraterrestres, tal como em A Guerra dos Mundos. Neste caso, trata-se de uma invasão à escala mundial que começa a partir do mar, com os invasores a usarem os oceanos, mudanças climáticas e subida do nível do mar como armas. Seguimos a história pelos relatos de um casal de jornalistas britânicos que seguem os acontecimentos desde o início e são testemunhas de como os governos a nível mundial são incapazes de lidar com os acontecimentos com os quais são confrontados.

Wyndham continuou dentro do gênero com As Crisálidas (The Chrysalids), sobre uma comunidade rural descendente de sobreviventes a um holocausto nuclear, em que as mutações genéticas são comuns e vistas como sendo blasfêmias perante Deus. Os protagonistas do livro são adolescentes que se vêm perseguidos pela sua própria comunidade devido a terem poderes telepáticos.

Ainda foram publicados mais dois romances da sua autoria: A Aldeia dos Malditos (The Midwich Cuckoos, uma aldeia inglesa vê as suas mulheres ficarem todas grávidas ao mesmo tempo e sem explicação, sendo os seus rebentos não propriamente humanos) e Um Vida Mais Longa (The Trouble With Lichen, sobre a descoberta de um processo para fazer as pessoas viver várias centenas de anos e sobre o modo como a sociedade lidaria com essa nova perspectiva).

Os contos de Wyndham também tiveram publicação no livro As Sementes do Tempo que compila trabalhos publicados nos anos 40 e início dos anos 50. Wyndham trabalha em temas similares aos dos seus contemporâneos mas com um pessimismo e humor cáustico que o diferencia bastante deles. Exemplo perfeito disso é o conto Meteoro, um inventivo relato da confusão e incompreensão que resulta do contacto com extraterrestres, sendo muito divertido apesar dos resultados trágicos. Também se constata uma facilidade e talento para misturar outros gêneros com a FC e uma subtilidade e cuidado com as personagens, nem sempre encontrado na chamada “Idade de Ouro da FC”.

“...tentando nunca cair no sensacionalismo, Wyndham encontrou uma voz literária única. Ele descrevia o estranho em vez do fantástico, o perturbante em vez do horrífico, o notável em vez do chocante. Ele lidava em ameaça, não em terror. Essa quietude de tom iria provar-se eficaz e interessante.”

Christopher Priest, 2000

Autores e críticos, começando por Brian Aldiss, usaram o termo “cosy catastrophes” (catástrofes confortáveis) para definir as suas obras pós-apocalípticas, acusando Wyndham de fazer da morte de milhões de pessoas uma situação favorável aos protagonistas que prosperam nessa situação radicalmente nova, não considerando que isso ajudasse especialmente à credibilidade dos relatos. Aldiss não estava propriamente errado ao referir-se assim a alguns trabalhos de Wyndham, como Dia dos Trífides, mas a

sua obra não deixa de ser bastante perturbante nos seus relatos de mortes e caos como consequências de cataclismo a nível mundial.

Wyndham faleceu de com 65 anos em 1969, tendo escrito 12 romances e cerca de 70 contos. Ainda hoje é dos autores de FC mais lidos e reconhecidos mundialmente tendo contribuído com um estilo próprio e interessante para a FC.

